

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DO MOVIMENTO HUMANO

Cintia Cibele Ramos Fonseca

**Avaliação de raridade bibliográfica da Coleção de João Luiz Rolla
do Acervo Histórico da Biblioteca da Escola de Educação Física - UFRGS**

Porto Alegre
2014

Cintia Cibele Ramos Fonseca

**Avaliação de raridade bibliográfica da Coleção de João Luiz Rolla
do Acervo Histórico da Biblioteca da Escola de Educação Física - UFRGS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre
2014

Cintia Cibele Ramos Fonseca

**Avaliação de raridade bibliográfica da Coleção de João Luiz Rolla
do Acervo Histórico da Biblioteca da Escola de Educação Física - UFRGS**

Conceito final:

Aprovado em dede.....

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Gisele Becker – UNISINOS

Profª. Drª. Silvana Vilodre Goellner - UFRGS

Bibliotecária Drª. Ivone Job - UFRGS

Orientadora – Profª. Drª. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

Às minhas duas joaninhas,
Paula e Maria Elisa!

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com os ensinamentos de seus professores que auxiliaram na feitura desta dissertação. Ao colega André Luís Santos e às colegas da Secretaria do PPGCMH Ana Larratêa e Rosane Lopes pela cordialidade de sempre.

Ao CEME pela parceria com a Biblioteca e em especial nesta pesquisa, com a cedência de materiais enriquecedores do trabalho. Em especial às guardiãs do acervo do Rolla, minha colega Leila Mattos e bolsista Juliana Lorenzoni.

À Prof^ª. Dra. Janice Zarpellon Mazo, pelo estímulo e acolhida no ingresso desta jornada como minha orientadora e pelos ensinamentos ao longo do percurso. E ao Grupo do NEHME, Núcleo de Estudos em História do esporte e da Educação Física da UFRGS pelo aprendizado.

À Banca Examinadora pelo aceite do meu convite: Prof^ª. Dra. Gisele Becker pelas considerações atentas, generosas e criativas nas qualificações acreditando em mim e me sossegando; Bibliotecária Dra. Ivone Job, por ensinar-me a ser a bibliotecária que sou e enxergar todo potencial do Acervo Histórico e Prof^ª. Dra. Silvana Vilodre Goellner, que por crer nas minhas capacidades, desapontou-se, indignou-se na minha primeira qualificação, provocou-me e no segundo momento, incentivou-me com as palavras: “Agora sim, és tu!”

À Prof^ª. Dra. Lizete Dias de Oliveira que me deu a direção correta quando minha bússola quebrou e pelas sugestões de leitura que fizeram diferença neste trabalho.

À Bibliotecária Naila Lomando, minha madrinha afetiva, pelo carinho interminável, pelo sorriso afável, pelo bom humor compartilhado nas horas de trabalho e pela amizade incontestável.

À Adriana Berleze e Renato Lovatto Penna pela generosidade.

Às outras colegas bibliotecárias da BibEsef Ana Griebler e Elaine Corrêa, que também tornaram possível meu afastamento para esta produção, cobrindo minha falta e ao colega Paulo Peres pelas trocas sábias.

Aos demais colegas da ESEF, pois sem elas e eles não haveria esta dissertação.

Ao Grupo de Fisioterapia Aquática da ESEF/UFRGS que com competência, profissionalismo e amabilidade “tira minhas dores com as mãos”.

À minha sábia mãe Vésper que com seu amor me ensinou a enxergar o mundo de um modo especial, respeitar e ser respeitada, batalhar pelos meus direitos, ser uma servidora pública dedicada atenta para perceber as particularidades das pessoas, respeitando suas capacidades. E que sempre elevou minha auto estima.

Ao meu pai Elias pelo amor na sensibilidade transmitida pelo olhar, na cumplicidade, na paixão pela leitura, por todo tempo do mundo para explicar tudo sobre todas as coisas que me deixavam cada vez mais curiosa e nos ensinamentos práticos do dia-a-dia.

À minha irmã Aline e ao meu irmão Lester por constituírem-me e por me darem as joaninhas, juntamente com minha cunhada Raquel, à qual agradeço pelo carinho e atenção sempre.

À luz no fim do túnel, Prof^a. Dra. Rosângela Fachel!

À Liana Silva pela parte gráfica belíssima e apoio incondicional.

À minha amiga Teresa Alice, apreciadora da tipografia e tudo relativo a essa arte, que de São Paulo, torceu, rezou, atenta ao meu trabalho.

Ao Grupo Carpeteiros das Quartas: Belinha, Celinha, Júlia, Liana, Sérgio e Suzana, pela acolhida, carinho, torcida, conversas inteligentes e algumas canastras, tudo regado a muito espumante.

Aos ‘Grandes Encontros’ que a UFRGS me proporcionou com Andréa Almeida, Andréa Cogan, Dedé Bertolucci, Karina Almeida, Karina Borges, Márcia Barboza, Maria Geraldina Venâncio, Mariza Gomes, Martha Rosa, Mason Hiatt, Mônica Barboza, Rebeca Donazar, Vera Sperandio e Viviane Possa!

Às amigas do peito, Ari, Bela, Dani, Fabi, Fê, Grace, Jô, Mari, Pirra, pela torcida carinhosa e pelos momentos mais que divertidos.

Às minhas amigas joalheiras de talentos ímpares Andréa Cesa, Claudete Stumpf, Janete Moraes e Tica Maria com as quais eu compartilho minha vida.

Muito Obrigada!

“Quantos de nós já não se alimentaram do simples perfume dos livros que víamos em
prateleiras que não eram os nossos?”

(Umberto Eco; *Não contem com o fim dos livros*)

RESUMO

Esta dissertação trata da avaliação de raridade bibliográfica da coleção de livros sobre o bailarino, coreógrafo e professor João Luiz Rolla (1912-1999), pioneiro no Rio Grande do Sul. Essa coleção foi comprada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 1994 e está localizado no Acervo Histórico (AH) da Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física da ESEF-UFRGS. O Acervo Histórico é muito utilizado nas pesquisas do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS), que tratam da história da educação física, esporte, dança e assuntos relacionados; bem como usado por pesquisadores de outras instituições brasileiras. Nesta pesquisa foi utilizada uma adaptação do instrumento de avaliação de raridade bibliográfica de Carolina Patrícia König, que traça relações entre raridade bibliográfica de Ana Virgínia Pinheiro e os valores de Aloís Riegl, dessa forma foi validado esse instrumento. Fica evidente que o Acervo Histórico possui Obras Raras em sua coleção. Tal instrumento de avaliação será aplicado nas demais coleções do AH, servindo de subsídios concretos para a construção de uma Política de Desenvolvimento de Coleção para esse acervo.

Palavras-chave: bibliotecas universitárias; obras raras; coleções especiais; avaliação de raridade; dança; educação física.

RESUMEN

Esta tesis se ocupa de la evaluación de rareza bibliográfica de la colección de libros sobre el bailarín, coreógrafo y profesor João Luiz Rolla (1912-1999), pionero en Rio Grande do Sul. Esta colección fue adquirida por la Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) en 1994 y se encuentra en la Colección Histórica de la Biblioteca Edgar Sperb de la Escuela de Educación Física ESEF-UFRGS. La Colección Histórica es ampliamente utilizada en el Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH / UFRGS), que trata de la historia de la educación física, del deporte, de la danza y las cuestiones conexas; y utilizada por investigadores de otras instituciones brasileñas. En esta investigación se utilizó una adaptación de la herramienta evaluación de rareza bibliográfica de Carolina Patrícia König, con relaciones entre rareza bibliográfica de Ana Virgínia Pinheiro y valores de Aloïs Riegl, por lo que este instrumento fue validado. Es evidente que la Colección Histórica tiene Libros Raros en su colección. Esta herramienta de evaluación se aplicará en otras colecciones de la Colección Histórica, sirviendo como elementos reales en la construcción de una Política de Desarrollo para la colección.

Palabras clave: bibliotecas universitarias; libros raros; colecciones especiales; evaluación de rareza; danza; educación física.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1 BIBLIOTECAS COMO ESPAÇOS PÚBLICOS E DE PRESERVAÇÃO	14
2 A BIBLIOTECA EDGAR SPERB DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA	17
2.1 O ACERVO HISTÓRICO	21
3 “UMA BIOGRAFIA” DE JOÃO LUIZ ROLLA	26
3.1 A COLEÇÃO DE JOÃO LUIZ ROLLA	49
3.1.1 Aquisição e chegada à Biblioteca da Coleção de João Luiz Rolla	50
4 AVALIAÇÃO DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA	58
4.1 VALOR PATRIMONIAL DE COLEÇÕES	62
5 AVALIAÇÃO DE RARIDADE DA COLEÇÃO DE JOÃO LUIZ ROLLA.....	65
5.1 ANÁLISE DE CADA EXEMPLAR.....	71
5.2 POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES.....	107
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS.....	116
APÊNDICE A – LISTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS NO PPGCMH-UFRGS QUE UTILIZARAM MATERIAL DO ACERVO HISTÓRICO	120
APÊNDICE B – CAPA ORIGINAL E FONTE UTILIZADA	121
APÊNDICE C - LISTA DOS LIVROS DA BIBLIOTECA DE JOÃO LUIZ ROLLA..	122
APÊNDICE D - SUBSÍDIOS PARA UMA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DO ACERVO HISTÓRICO – baseado em Ana Virgínia Pinheiro (2011)	129
APÊNDICE E – FICHA DE AVALIAÇÃO	135

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa inicia com minha chegada à Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF-UFRGS) no ano de 2000. No início das minhas atividades foi-me dada a tarefa de catalogação de algumas obras do Acervo Histórico (AH). Tais obras se encontravam na atual sala maior de estudos individualizados. Nessa tarefa fiquei longo período, o que me levou a conhecer os diversos temas que essa biblioteca especializada abarcava. Conheci-o, primeiramente, por partes, livros soltos, sem articulação com esta ou aquela coleção, oriundo desta ou aquela personalidade. Depois de alguns anos, esse acervo foi alocado em sala própria ao lado da sala de processamentos técnicos, na qual trabalho. Essa relação próxima, vicinal, foi-me instigando, provocando, a cada olhada pela “janela”. Tal proximidade permitiu-me observar seus usuários e os produtos advindos de suas pesquisas, para as quais foi usado o material do Acervo Histórico para obterem referenciais para suas pesquisas, como dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física (PPGCMH-ESEF).

Ao catalogar algumas dessas monografias, o AH surgia com outra característica, sua importância para pesquisas do próprio PPGCMH: na área da Dança, da Educação Física, do Esporte e da história da ESEF. É um acervo especial formado por coleções especiais.

Não havia pesquisas sobre tais coleções, somente pesquisas sobre conteúdos que elas abordam. Muitos artigos tratam de que as obras desse acervo eram de grande valor, algumas raras, porém nenhuma pesquisa debruçou-se na sua avaliação. Assim, surgiu a ideia original da dissertação: avaliar a raridade bibliográfica de uma coleção do Acervo Histórico.

Neste contexto, apresenta-se esta dissertação que avalia a raridade bibliográfica da coleção de livros sobre dança do bailarino, coreógrafo e professor de dança pioneiro no Rio Grande do Sul, João Luiz Rolla, nascido em Porto Alegre em 1912, vindo a falecer no ano de 1999. Única coleção adquirida por compra pela UFRGS, no ano de 1994 e que está localizada no Acervo Histórico da Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física, no campus Olímpico, no bairro Jardim Botânico em Porto Alegre.

Alguns livros dessa coleção foram utilizados pela Prof^a. Dra. Mônica Fagundes Dantas na primeira dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no ano de 1996.

Essa coleção compõe-se de 130 livros, aqui avaliados, folha por folha, em perspectivas de análise bibliológica e de análise bibliográfica, que adiante serão descritas detalhadamente. Análises tais, embasadas nos critérios de raridade bibliográfica, de Ana Virgínia da Paz Pinheiro (1989; 2011) nas obras - *Que é livro raro?: Uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*. E nos valores de Aloïs Riegl (2008) na obra - *El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen*. Foi adaptado e validado, o instrumento criado por Carolina Patrícia König (2010) no seu Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia da UFRGS: *Análise e identificação de critérios de raridade bibliográfica: registros bibliográficos de obras raras sobre o Rio Grande do Sul em acervos de bibliotecas universitárias*. De forma diferente do trabalho de König, que avaliou pelos registros de obras raras, esta pesquisa avaliou as obras fisicamente, pois ainda não eram identificadas e não foram catalogadas como tais.

Esta pesquisa reveste-se de ineditismo, uma vez que não foi encontrada outra que aborde a avaliação de raridade de uma coleção bibliográfica especial na área de dança da forma como se propõe aqui. Uma avaliação que toma como base a trajetória do próprio colecionador e que por essa razão mais valor é dado à essa coleção pesquisada. Isso fez com que a avaliação não tivesse somente uma valoração comercial, mercadológica. Dessa forma, apresenta-se a trajetória de João Luiz Rolla, nas relações afetivas e profissionais costurando uma *ilusão biográfica* com o acervo propriamente dito e também minha percepção do processo de aquisição pela UFRGS.

A avaliação da coleção de livros da Biblioteca de João Luiz Rolla representa o marco zero para avaliação global do Acervo Histórico, na qual será usado o mesmo instrumento de avaliação utilizado nesta pesquisa. Cria subsídios para a construção de uma Política de Desenvolvimento do Acervo Histórico da Biblioteca Edgar Sperb da ESEF/UFRGS. Esta avaliação complexa valora esse acervo na biblioteca universitária e por isso, dá ênfase à necessidade da sua preservação.

As estratégias da pesquisa bibliográfica de Gilberto Martins e Carlos Theóphilo (2009) são o aporte teórico para a condução da investigação acerca dos temas que a permeiam.

Esta dissertação está organizada em 5 capítulos além desta introdução, da seguinte forma: no capítulo 1 – Os caminhos da pesquisa para conhecer uma coleção, este capítulo apresenta os caminhos trilhados na configuração do embasamento teórico e da fundamentação que alicerçaram a pesquisa. Partindo da construção da ideia de biblioteca até a configuração das bibliotecas universitárias discutindo as relações possíveis na constituição e conservação de suas coleções. No capítulo 2 – Apresentação da Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física e de seu Acervo Histórico. Partindo da história da Escola ao Acervo Histórico onde está localizada a coleção avaliada. No capítulo 3 – a construção de “uma biografia” de João Luiz Rolla, baseando-se no texto *Ilusão biográfica* em Pierre Bourdieu (1996) que parte de documentos oficiais tais como certidão de nascimento, certidão de óbito, ata de registro da associação dos professores de dança do Rio Grande do Sul; na compilação de alguns relatos de pessoas que conviveram com o mestre, professor, coreógrafo na obra e na *homenagem ao livro Trajetória de uma sapatilha: 50 anos de dança de João Luiz Rolla, organizado por Rudy Meireles e Gladys Mantelli (1989)*. Também neste capítulo apresentam-se a coleção que é o objeto desta pesquisa e o processo que envolveu sua aquisição pela UFRGS detalhadamente. A seguir, no mesmo capítulo o aporte teórico de Política de Desenvolvimento de Coleções. Após, a teoria sobre avaliação de raridade (objetivo desta pesquisa), baseando-se principalmente em Ana Virgínia Pinheiro (1989; 2011) - teórica principal no Brasil sobre o tema. O capítulo finaliza com a teoria sobre valor patrimonial de coleções da mesma autora (PINHEIRO, 2011). No capítulo 4 – apresenta-se a avaliação da Coleção de João Luiz Rolla, onde são analisados 15 exemplares selecionados, manuseando-se diretamente as obras folha por folha numa descrição sistematizada utilizando-se a ficha de avaliação de critérios de raridade, constituindo dessa forma a validação do instrumento gerado num TCC na UFRGS.

Nesse contexto, são apresentados os vários itens e categorias que compõem a Avaliação de Raridade Bibliográfica, que será aplicado de forma global no Acervo Histórico e para o desenho de sua Política de Desenvolvimento de Coleção.

1 BIBLIOTECAS COMO ESPAÇOS PÚBLICOS E DE PRESERVAÇÃO

Otros, inversamente, creyeron que lo primordial era eliminar las obras inútiles. Invadían los hexágonos, exhibían credenciales no siempre falsas, hojeaban con fastidio um volumen y condenaban anaqueles enterros: a su furor higiénico, ascético, se debe la insensata pérdida de millones de libros.

(BORGES, Jorge Luis. **La Biblioteca de Babel**)

No século XIII, as bibliotecas foram organizadas dentro das universidades e surgiram os colecionadores de livros, cujas coleções da nobreza formataram o núcleo das grandes bibliotecas nacionais. Tanto na Idade Antiga quanto na Idade Média, museus, arquivos e bibliotecas constituíam-se na mesma entidade e armazenavam todos os tipos de documentos. Esta composição manteve-se até a Idade Moderna quando o surgimento da produção tipográfica levou as bibliotecas a existirem separadamente, afirma Ortega (2014).

Para entender as bibliotecas atuais como espaços públicos se faz necessário conhecer o conceito de Gabriel Naudé, que serviu como bibliotecário a Richelieu e Mazarin, bem como à rainha Cristina da Suécia e que em 1627 escreveu *Advis pour dresser une bibliothèque*, onde formulou uma das primeiras definições sobre biblioteca (COELHO, 2004; DARNTON, 2010; MORAES, 1998, NAUDÉ, 2010). Na obra *Conselhos para formar uma biblioteca* expõe os princípios de uma grande “ordem bibliográfica” que, em sua opinião, permite tornar o saber acessível partilhado com o objetivo de organizar uma razão política (NAUDÉ, 2010).

A proposta de Naudé, segundo Teixeira Coelho (2004), apresentava a biblioteca, que, mesmo sendo propriedade individual, deveria abrir-se ao público e não constituir lugar de retiro e exercício de prazeres materiais para uma ou pouquíssimas pessoas; se não fosse exatamente pública, deveria abrir-se aos pesquisadores em busca de conhecimento e aos homens de Estado na busca de caminhos e justificativas para seus programas políticos. Seu objetivo consistia em contrabalançar, e mesmo anular, o poder da Igreja, que por meio da bíblia interpretada, apresentava-se como fonte exclusiva de “conselhos políticos para soberanos”. Naudé apresentava nessa teoria um projeto político que procurava substituir a autoridade espiritual da igreja pela máquina cultural que era a biblioteca (COELHO, 2004; DARNTON, 2010). Apresenta dessa forma, a biblioteca como uma instituição necessariamente pública, no sentido de aberta a todos, e universal, por

conter todos os autores que tivessem escrito sobre a diversidade de assuntos interessantes ao ser humano, em particular, as artes e ciências.

Assim, Teixeira Coelho (2004) considera que a ideia atual de biblioteca é a de um centro cultural ou de um espaço que não privilegia mais o livro¹ como objeto de uma coleção e dele faz apenas um instrumento de cultura a mais, ao lado do disco, do CD-ROM, do vídeo, da obra de arte, etc. Se a biblioteca moderna e a pré-moderna eram o lugar da coleção, a biblioteca pós-moderna se apresenta como, ou deseja ser, o lugar da informação, da discussão e da criação, rompendo vastamente com seus modelos passados. Este formato de biblioteca é o modelo que algumas bibliotecas universitárias almejam.

Na obra de referência *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*, as autoras Maria Isabel Faria e Maria da Graça Pericão (2008) apresentam sua definição de biblioteca:

Biblioteca - qualquer coleção organizada de livros e de publicações em série e impressos, ou de quaisquer documentos gráficos ou audiovisuais disponíveis para empréstimo, consulta ou estudo, criada com determinados fins de utilidade pública ou privada. A biblioteca é propósito de formação intelectual nas áreas científica, literária, técnica ou de natureza social e estética • organismo ou parte de uma organização cujo objetivo principal é organizar coleções, atualizá-las e facilitar, através de pessoal especializado, o acesso a documentos que respondam às necessidades dos usuários nos espaços de informação, educação ou lazer • edifício destinado a abrigar coleções de livros ou documentos, devidamente ordenadas, para

¹ Tal como se apresenta hoje, como objeto de políticas culturais e, mais simplesmente, como objeto de cultura oferecido à venda e à consulta, o livro que se pode transportar de um lugar para outro e que dispensa a existência de um grande móvel como suporte surgiu em 1501 em Veneza, na oficina de uma gráfica fundada em 1490 por Aldus Manutius (1449-1552), também conhecido como: Aldus, o Velho, ou Aldus, o Romano. Aldus Manutius produziu edições *princeps* de autores da antiguidade grega e latina, como Aristóteles, dando início a um processo que revolucionou o conhecimento da época. Seus volumes portáteis, chamados de *enchiridion* ou livros de mão (o passo revolucionário seguinte, séculos depois, seria o livro de bolso), traziam o texto impresso num tipo diferente imitando vagamente a escrita do italiano erudito da época e que se tornou conhecido como *itálico*. Atualmente, há várias definições para Livro: “conjunto de cadernos, manuscritos ou impressos, costurados ordenadamente e formando um bloco • obra, científica ou literária, que forma ou pode formar um volume • cada uma das partes principais em que se dividem os textos dos livros • documento impresso ou não impresso • transcrição do pensamento por meio de uma técnica de escrita em qualquer suporte com quaisquer processos de inscrição. O livro supõe um suporte, signos, um processo de inscrição, um significado. Integra-se num processo de criação, reprodução, distribuição, conservação e comunicação. Dirige-se a um leitor, possui uma finalidade: a reflexão, o ensino, o conhecimento, a evasão, a difusão do pensamento e da cultura • segundo a agência portuguesa para o ISBN (International Standard Book Numering), é toda publicação não periódica com um mínimo de quarenta e cinco páginas e que esteja sujeita a depósito legal • segundo a ISO (International Standard Organization), é publicação impressa não-periódica, com mais de quarenta e oito páginas, sem incluir as da capa, que constitui uma unidade bibliográfica; monografia • exemplar a partir do qual o editor faz impressão.” (FARIA; PERICÃO, 2008)

consulta pública ou particular • coleção particular de livros célebres •
centro de recursos de informação e ideias (FARIA; PERICÃO, 2008).

Já para definir biblioteca especializada, Faria e Pericão (2008), apontam como sendo aquela criada, administrada e mantida por uma instituição oficial ou particular, que se interessa especialmente por determinada área do saber ou tema, com a finalidade de responder às necessidades informativas dos seus membros, pessoal ou usuários e atingir os objetivos da organização. Um exemplo de biblioteca especializada é a universitária.

Essas unidades de informação, conforme Job e Fonseca (2006), estão diretamente ligadas à qualidade dos cursos de suas universidades, sejam eles de graduação ou de pós-graduação, centrando seus objetivos nas necessidades informacionais dos indivíduos, membros da comunidade universitária. Assim, as bibliotecas universitárias têm como uma de suas missões a preservação da memória institucional, sendo responsáveis pelo depósito legal e armazenamento da produção acadêmica nos âmbitos científico, intelectual e artístico (JOB; FONSECA, 2006). E têm, também, compromisso com a sociedade externa à universidade através da prestação de serviços, proporcionando o acesso informacional.

Conforme Job e Fonseca (2006), apesar de sofrerem com falta de recursos e continuidade, muitas vezes os movimentos de preservação são impulsionados por atitudes de alguns dirigentes e de outros profissionais da comunidade universitária. Para tanto, é primordial na administração de bibliotecas, o planejamento de desenvolvimento de suas coleções.

2 A BIBLIOTECA EDGAR SPERB DA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

A Escola de Educação Física (ESEF) é a mais antiga instituição de ensino superior no âmbito da formação profissional em Educação Física do Rio Grande do Sul. A data da implantação da ESEF foi registrada no dia 06 de maio de 1940. Contudo, somente em 27 de maio do ano seguinte, as atividades iniciaram com o oferecimento do primeiro curso, denominado Curso Superior de Educação Física. Seu primeiro diretor foi o capitão da Brigada Militar Olavo Amaro da Silveira (MAZO, 2005).

Nos primeiros anos de funcionamento da ESEF, as dificuldades eram muitas, a instituição nem mesmo possuía sede própria. Todavia, o seu regulamento, datado de 1943, já faz menção a uma biblioteca. Contudo, não foram localizados registros sobre sua existência, de fato, nesse período. É provável que o regulamento fizesse menção à biblioteca para assinalar a necessidade de tê-la por ser uma instituição formadora de professoras e professores de educação física (MAZO, 2005).

A criação da Biblioteca resultou da iniciativa de professores da ESEF vinculados à Associação dos Especializados em Educação Física e Desportos do Rio Grande do Sul (AEEFD/RS), entidade fundada em meados da década de 1940. Durante os meses de agosto e setembro de 1945, teve início, em Porto Alegre, um movimento liderado pelos professores da ESEF, Frederico Guilherme Gaelzer e Jacyntho Francisco Targa, apoiados por Maurício Akcelrud (Inspetor Federal de Educação Física na época), para fundar uma entidade de classe que reunisse professores, técnicos e médicos especializados em educação física e desportos do estado do Rio Grande do Sul (LICHT, 2005 *apud* MARTINI *et al.*, 2010). E, no dia 20 de dezembro desse mesmo ano, foi realizada uma reunião na ESEF, presidida pelo diretor da Escola, em que foram deliberadas a fundação e a eleição da diretoria provisória da AEEFD/RS. Esta nova entidade seria encarregada de promover o intercâmbio entre médicos, professores de educação física, técnicos e massagistas esportivos; de trabalhar para firmar o conceito dos especializados em educação física no meio educacional; além de colaborar com todas as instituições legalmente constituídas no sentido da maior divulgação da Educação Física (MARTINI *et al.*, 2010).

Nos primeiros meses do ano de 1946, os componentes da diretoria provisória apresentaram o anteprojeto dos estatutos na primeira assembleia geral. E, no dia

primeiro de abril, finalizaram o texto do estatuto e foi eleita a primeira diretoria da AEEFD/RS, que, no dia 5 de julho, requereu o registro de pessoa jurídica para a Associação com a apresentação dos estatutos. Nota-se que a Biblioteca foi citada, na alínea “g” no artigo 2º, onde são descritas as finalidades da AEEFD/RS:

Art. 2º - São finalidades principais da A.E.E.F.D.:

Congregar todos os elementos especializados em educação física e desportos do Estado do Rio Grande do Sul, para colaborar com os poderes públicos em todas as instituições interessadas, no sentido de incrementar e difundir a prática e os conhecimentos sobre o assunto, em todas as organizações existentes no estado;

[...]

g) organizar uma biblioteca de obras escolhidas sobre assuntos atinentes às finalidades da Associação, bem como um departamento de informações capaz de esclarecer todos os assuntos que lhes forem consultados com referência à educação física e aos desportos (MARTINI *et al.*, 2010, p. 23).

Assim, a diretoria da AEEFD/RS, na sua primeira reunião, decidiu que a biblioteca a ser fundada receberia o nome de Biblioteca Dr. Edgar Sílvio Silva Sperb. A escolha do nome foi uma homenagem póstuma ao médico, especializado em Medicina da Educação Física e dos Desportos, fundador do centro acadêmico da ESEF e autor de artigos esportivos nos jornais da cidade. A biblioteca foi inaugurada no dia 28 de outubro de 1946, às 16 horas, na Rua Duque de Caxias, nº 1195, em Porto Alegre, na sede do Conselho Regional de Educação (MARTINI *et al.*, 2010).

O primeiro responsável pela biblioteca foi Fredolino Taube, formado pela ESEF em 1943, onde em seguida começou a atuar como professor e técnico de atletismo e na época da federalização da Escola era seu diretor (TAUBE, 2002). O ato de inauguração, no qual o médico Luiz Maluf proferiu discurso em homenagem a Edgar Sperb, foi assistido por membros da diretoria, associados e pela família Sperb (MARTINI *et al.*, 2010).

O local de inauguração da biblioteca sugere que a sede da mesma foi, durante alguns anos, no Conselho Regional de Educação. Inclusive por que a ESEF não tinha uma sede, as aulas eram realizadas em clubes e nos prédios, onde atualmente está a reitoria da UFRGS. Somente no início dos anos 1950, há referência de uma sala destinada para sediar a biblioteca, mas também usada para reuniões. Não foi possível identificar se havia um professor ou outra pessoa responsável pela administração do espaço. Considerando as precárias condições de

espaço e de recursos humanos da ESEF, a impressão é de que a biblioteca configurava-se como um espaço onde eram depositados alguns livros, sem a presença constante de um responsável (MAZO; CAMARGO; MOLINA NETO, 2000). Somente em 1962, há uma referência clara no Regimento da ESEF à necessidade da existência de uma biblioteca dirigida por um bacharel em biblioteconomia (JOB; FONSECA, 2006).

Em 1969, a ESEF dirigida por Fredolino Taube, que era uma instituição de ensino estadual, passou a integrar-se ao governo federal e com isso foram criados cargos no quadro permanente do Ministério de Educação e Cultura, entre esses, dois bibliotecários. A ESEF foi incorporada à UFRGS e passou a oferecer o Curso de Licenciatura em Educação Física (MAZO, 2005). Nessa época, para a construção das suas instalações, foi destinado o espaço onde a ESEF situa-se atualmente, no Bairro Jardim Botânico.

No ano de 1971, a AEEFD mudou sua sede para a ESEF, fazendo a doação dos seus livros, periódicos e folhetos, que resultou na atual biblioteca, mantendo o nome de Edgar Sperb. No começo, havia somente uma sala destinada à Biblioteca, a qual era frequentemente utilizada para a realização das reuniões da congregação e sessões do corpo docente. Situação que se prolongou por quase uma década. Em 1976, a biblioteca prestava atendimento com um bibliotecário, dois auxiliares, 1506 livros e 23 assinaturas de periódicos nos três turnos, contudo, era pouco frequentada (JOB; FONSECA, 2006).

No início dos anos 1980, a Biblioteca, que estava localizada no segundo andar do prédio administrativo, teve sua área aumentada para 100m², e o novo espaço favoreceu o crescimento do acervo, com a aquisição de novos livros e assinatura de mais 13 periódicos (CAMARGO, 2013). Os procedimentos de acesso ao acervo ainda continuavam os mesmos (catálogo manual, com fichas impressas organizadas por autor, título, assunto). Em 1989, iniciou a automação da biblioteca com o catálogo de acesso remoto, justamente, no ano em que foi implantado o curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano. Essa automação favoreceu os estudantes de graduação e estudantes do mestrado, a criação do curso de mestrado, impulsionou o crescimento da biblioteca nas décadas seguintes.

Conforme depoimento de Rosalia Camargo (2013), bibliotecária que atuou por 14 anos na ESEF (até meados de 1999), os anos de 1990 foram de reorganização da Biblioteca Edgar Sperb, troca de prédio para o atual (fundos do prédio onde ficam

as salas de aula) e melhoria das condições físicas, sendo que muitos de seus materiais estavam encaixotados há muito tempo e em péssimo estado de conservação. Com a automação foi possível fazer toda essa revisão de forma a organizar e facilitar a busca de materiais nas estantes.

Em meados de 1996, começou o processo de criação do Centro de Memória do Esporte (CEME) na ESEF, no qual houve a parceria com a bibliotecária Rosalia Pomar Camargo e a professora Janice Zarpellon Mazo. Em 06 de dezembro de 1996, o projeto do CEME foi apresentado à ESEF em atividade alusiva aos cinquenta anos da Biblioteca Edgar Sperb, com a presença de professores pioneiros, de ex-bibliotecárias e da comunidade acadêmica da Escola (MAZO, 2001; MAZO, 2005; CAMARGO, 2013). O CEME tem como objetivo constituir um espaço, onde sejam realizadas atividades de pesquisa, extensão e ensino, visando reconstruir, preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Por estar ancorado na tríade das atividades universitárias busca atingir tanto à comunidade acadêmica quanto ao público geral, por meio, principalmente, de exposições, mostras fotográficas, oficinas temáticas, seminários e palestras (MAZO, 2001; GOELLNER, 2003).

A Biblioteca Edgar Sperb faz parte do Sistema de Bibliotecas da UFRGS, que é composto por 32 bibliotecas: uma central, 29 setoriais especializadas, uma escolar de ensino fundamental e médio (do Colégio de Aplicação) e uma depositária da documentação da Organização das Nações Unidas (ONU). Fazem parte dos usuários das bibliotecas setoriais da universidade, docentes, discentes, pessoal técnico-administrativo e colaboradores convidados, assim como, o público externo.

Entre os anos de 1999 e 2000, a biblioteca da ESEF foi ampliada assumindo a área atual de 402m². O acervo contava com aproximadamente 13.000 itens disponibilizados na base Sistema Automatizado de Bibliotecas (SABi), 1.798 itens de produção intelectual e 68 dissertações e teses na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BVTD), cuja implantação se deu em 2000 (JOB; FONSECA, 2006). Em 2006, a revista *Movimento* da ESEF passa a ocupar uma sala exclusiva nas suas dependências, onde uma equipe da biblioteca atua na sua edição (revisão de artigos, normalização, encaminhamento para avaliadores, encaminhamento para editora).

A Biblioteca Edgar Sperb é responsável por prover acesso e recuperação de informação necessária às atividades de ensino, pesquisa e extensão da UFRGS. A

equipe da biblioteca é formada por cinco bibliotecárias, três auxiliares e seis bolsistas, que prestam atendimento de segunda a sexta-feira, 12 horas por dia. Dentre os serviços prestados estão o de consulta a bases de dados, consulta local, empréstimo domiciliar, comutação bibliográfica, orientação de normalização de trabalhos técnico-científicos, atendimento personalizado e educação de usuários. Atualmente, seu acervo geral possui mais de 18 mil itens composto por livros, periódicos, teses, dissertações, monografias, folhetos, separatas, CD's, DVD's, VHS's e *slides*. Dentre esses materiais está uma coleção especial, o Acervo Histórico (AH), composto por livros, periódicos e folhetos, organizado em sala exclusiva.

2.1 O ACERVO HISTÓRICO

Figura 1 – Corredor central do Acervo Histórico



Fonte: A autora.

A organização do Acervo Histórico da Biblioteca Edgar Sperb começou em 1990 com automatização do catálogo e reorganização da biblioteca por iniciativa das bibliotecárias Rosalia Pomar Camargo e Paulette Golbert (CAMARGO, 2013). O critério adotado foi o de simplesmente separar materiais do acervo corrente da época, com publicação até 1965. Assim, todos os livros, monografias, periódicos e folhetos foram separados para constituir esse acervo que passou a ser identificado no SABi com a letra **H** (referência a histórico) no número de chamada. Estava localizada em estantes separadas, ao final da coleção corrente. Hoje está em espaço próprio, separado do acervo corrente por divisórias.

Em 1996, a professora Janice Mazo e a bibliotecária Rosalia Camargo desenvolveram o projeto do Centro de Memória do Esporte, apresentado à Escola na atividade comemorativa aos 50 anos da Biblioteca e no convite para o evento que ocorreu em 06/12/1996, foi solicitada doação de documentos (fotos, livros, artefatos...) relativos à ESEF. Iniciando as coleções do CEME (MAZO, 2005) e incrementado a Biblioteca Edgar Sperb. Essa iniciativa foi apresentada nos Anais do 5º Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física com o trabalho “Centro de documentação em educação física e esporte: uma tentativa na organização do “acervo histórico” da Escola de Educação Física da UFRGS” (MAZO; MOLINA NETO; CAMARGO; 2000). Assim, surgiu essa parceria, onde a biblioteca fica responsável pela armazenagem dos materiais bibliográficos adquiridos pelo CEME, compartilhando a responsabilidade de preservação.

Em 1998, começaram os contatos com o médico porto-alegrense Henrique Licht, que possuía um dos melhores acervos esportivos do Brasil e guardava a medalha de bronze conquistada pelo sul-rio-grandense Dario Barbosa na prova de tiro ao alvo por equipe nos Jogos Olímpicos de 1920, realizados em Antuérpia na Bélgica. Na sequência da doação de acervos, em 1999, Ana Eliza Gaelzer, filha da ex-professora da ESEF Lenea Gaelzer (inspetora de educação física, nas décadas de 1930 e 1940, no Rio Grande do Sul) doou o acervo de sua mãe como também de seu avô, o ex-professor e diretor da ESEF Frederico Guilherme Gaelzer – também pioneiro na institucionalização da recreação pública de Porto Alegre, organizando as primeiras praças de recreio, com campeonatos esportivos (MAZO, 2001). Outras coleções de personalidades do cenário da educação física e da dança, no estado, constituem o AH, como a coleção do professor Inezil Penna Marinho (1915-1987) que foi professor, técnico do Ministério da cultura de 1940-1971, membro fundador

de várias associações de profissionais e escritor, em 1950 recebeu o título de *honoris causa* da Escola de Educação Física da UFRGS; e a coleção de Jacyntho Francisco Targa, um dos fundadores da ESEF/UFRGS (MAZO, 2001; GOELLNER, 2003). As aquisições de material bibliográfico (livros, periódicos e folhetos), ocorridas por intermédio do CEME, somaram-se aos itens do Acervo Histórico.

Devido ao crescimento das coleções corrente, histórica e ao tempo transcorrido, foi necessária uma adequação do critério temporal para que o material bibliográfico nas áreas de educação física, esporte e dança migrasse para a parte do Acervo Histórico. Por isso, selecionaram-se livros, periódicos, folhetos e separatas com datas de publicação até o ano de 1980 (inclusive).

No início dos anos 2000, o Acervo Histórico foi transferido para as instalações do CEME e continuava a ser processado pela Biblioteca até que, no início de 2006, devido a um incêndio ocorrido no ginásio ao lado desse prédio, retornou à biblioteca (JOB; FONSECA, 2006). Não houve danos a esse acervo e nem ao CEME pelo incêndio, porém muitos materiais sofreram com a umidade e precariedade em que se encontrava aquele prédio. Por motivo de segurança (em 2006) e pela falta de espaço no CEME (que está em novo prédio), continua nas dependências da Biblioteca Edgar Sperb, mas sua manutenção é compartilhada pelo CEME e Biblioteca.

Junto com a continuidade dos trabalhos de processamento técnico, restauração e conservação do AH foram planejadas atividades com as equipes da biblioteca, do CEME e a comunidade universitária, tais como (JOB; FONSECA, 2006; CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE, 2013): a) projeto de extensão, “Saber preservar para preservar o saber” executado em 2006 – uma campanha que tratava da preservação dos acervos, com exposição de obras e distribuição de marcadores de páginas com textos que alertavam para sua conservação e preservação; b) tratamento por coleção especial – tratar cada coleção das personalidades anteriormente citadas; coleção de livros de dança, educação física e de autores portugueses e de clássicos dos séculos XIX e XX; c) campanha para arrecadar verba para a restauração dos livros; d) digitalização das obras mais importantes do “Acervo Histórico” passíveis dessa ação, em estudo.

Para melhor preservar esse acervo especial, a biblioteca o restringiu à consulta em sua sede, ou seja, não há empréstimo domiciliar dessas obras; não é

dada, também, permissão para que sejam feitas cópias na reprografia, somente fotos digitais.

No primeiro semestre do ano de 2013, por intermédio do CEME (que integra a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS e o Sistema Estadual de Museus), o Acervo Histórico foi incluído no projeto de Gerenciamento de Riscos; que fará a avaliação ambiental em relação aos riscos referentes à umidade, temperatura, pragas, entre outros, buscando soluções efetivas para as questões de conservação desse acervo.

A Biblioteca Edgar Sperb, consciente da importância da organização de seu acervo, atua para sua constante valorização e seu aprimoramento. Dessa forma, obtém bom retorno da comunidade da ESEF, nas avaliações feitas pelo Núcleo de Avaliação da Unidade, conforme Cíntia Bueno Marques e outros autores (MARQUES *et al.*, 2010). Nesse aprimoramento está a necessidade urgente na melhoria substancial da infraestrutura que abriga o Acervo Histórico.

O Acervo Histórico está localizado numa sala com área aproximada de 54 m², organizado em duas fileiras com dezesseis estantes de aço dupla face, onde estão livros, folhetos e periódicos catalogados, perfazendo um total de 5 mil itens. Outros materiais como livros, folhetos e periódicos a serem avaliados e catalogados, tanto para o acervo corrente como para o AH, localizam-se em outras três estantes separadas, junto às janelas. Nessa mesma sala estão materiais para pequenos reparos de livros do acervo corrente, organizados em estantes de madeira; equipamentos, como mesas para os consertos e outra mesa adaptada para higienizar o material bibliográfico. A sala possui ar-condicionado, desumidificador e ventilador, necessários para que as obras sejam arejadas, já que não há ventilação natural para evitar insetos e alterações bruscas na temperatura. As janelas basculantes em toda parede paralela à coleção possuem vidros protegidos por películas isolantes de temperatura e ação solar (insulfilm), instaladas nos primeiros meses deste ano de 2014.

Em junho deste mesmo ano foi implantado o acesso restrito ao AH, a apenas usuários autorizados, por se tratar de um acervo especial com obras esgotadas, dos primórdios da Educação Física no Brasil, com coleções de pessoas renomadas e que contam a história da ESEF.

Faz parte desse rico Acervo Histórico, a coleção sobre dança de João Luiz Rolla, adquirida por compra em 1994 somando 130 volumes entre livros, objeto desta pesquisa.

Abaixo uma parte do texto *Teoria da Biblioteca Antropofágica* de Ana Virgínia Pinheiro (2011), que descortina algumas questões referentes ao Acervo Histórico:

Ora, uma biblioteca não surge, simplesmente. Uma biblioteca não emerge apenas da iniciativa de comprar livros e salvaguardá-los. Toda biblioteca resulta de um processo sistêmico que imbrica ações de acolhimento – compra, doação, permuta, depósito legal e, em alguns casos, tomada de bens e depósito fiel.

Nesse contexto, a associação dos conceitos de antropofagia e biblioteca ratifica uma circunstância que, desde sempre, alicerçou a formação e o desenvolvimento de acervos bibliográficos: toda biblioteca surge da incorporação de outras bibliotecas – no todo ou em parte. No âmbito da sua incorporação por outra biblioteca, num processo natural ou involuntariamente provocado, a biblioteca despedaça-se e espalha-se, transformando-se em parte de outra sem, no entanto, perder sua identidade. Transformada em segmento de outra biblioteca, a biblioteca “devorada” será, sempre, testemunho material daquilo que foi – ou que continua a ser, mas, aos pedaços... As diferentes origens das coleções que compõem uma biblioteca, certamente, multiplicam seus exemplares. Mas, particularmente, criam o precedente de um fazer histórico que vai além da descrição de eventos, porque cada fragmento de Biblioteca é parte de um todo coeso, explícito ou implícito – que é a coleção original.

Numa abordagem mais genérica, a leitura genealógica das coleções, que compõem uma Biblioteca, permite resgatar elementos que consolidam a consciência de uma memória comum, partilhada por todos os espaços de guarda que fizeram parte da história de cada item da coleção.

O crescimento ininterrupto de uma biblioteca e o volume de segredos que encerra (coleções por identificar) ressaltam o papel dos bibliotecários, que delineiam seu “mapa” estrutural.

Os patronos dessas coleções, colecionadores do passado e do futuro, que jamais pensaram (e não pensam) que suas escolhas estariam (e estarão) perpetuadas em estanterias de acesso coletivo, deram (e dão) inquestionável – mesmo que involuntária – contribuição à prevenção da memória bibliográfica, atribuindo ao acervo, que incorporou sua coleção, a condição de referência cultural e parada obrigatória do pesquisador – de todo pesquisador que busca uma biblioteca rara, única ou preciosa. (PINHEIRO, 2011, p. 28)

A ESEF acolheu a Coleção de João Luiz Rolla, por sua importância, para conhecer um pouco de sua vida, sua trajetória, o capítulo que segue apresenta-o.

3 “UMA BIOGRAFIA” DE JOÃO LUIZ ROLLA

Arte
Das tripas,
Coração.
(PRADO, Adélia. **Oráculos de maio**)



Fonte: Acervo fotográfico do CEME

“[...] Rolla, um ser humano que dançou a própria vida e multiplicou, em muitas pessoas, o desejo de dançar.”
(MALHEIROS, Rosa Maria. **Trajetória de uma sapatilha...**, p. 37)

“[...] O Velho Mestre sorriu com lágrimas.
E aplaudiu!
(MEIRELES, Rudy. **Trajetória de uma sapatilha...**, p. 42)

Descortina-se neste palco “uma biografia” de João Luiz Rolla...

João Luiz² nasceu em 25 de junho de 1912, de acordo com a certidão de Nascimento do Registro Civil das Pessoas Naturais da 4ª zona (2014), em Porto Alegre, no seu domicílio, filho de Leopoldo Rolla e Izabel Gonçalves Ribeiro, neto de José Rolla e Maria Devoto Rolla.

João Luiz Rolla faleceu em 04 de maio de 1999, no Hospital Beneficência Portuguesa, Porto Alegre de morte natural aos 86 anos. Constando na Certidão de Óbito do Registro Civil das Pessoas Naturais da 4ª zona (2014), em observações/averbações – **“era professor aposentado, não deixou bens, não deixou testamento”**.

Sobre criar uma biografia Bourdieu, em seu texto *Ilusão biográfica* afirma:

Tentar compreender uma vida como uma serie única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um “sujeito” cuja única constância é do nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações. Os acontecimentos biográficos definem-se antes como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da estrutura de distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado. (BOURDIEU, 1996, p. 82)

Bourdieu referindo-se ao nome próprio, o registro...:

Como instituição, o nome próprio é arrancado ao tempo, ao espaço e às variações de lugar e de momento: assim, para além de todas as mudanças e flutuações biológicas e sociais, ele assegura aos indivíduos designados a constância nominal, a identidade com o sentido de identidade a si mesmo... *nome de família...* (BOURDIEU, 1996, p. 78)

Bourdieu (1996) aponta que o nome próprio não pode descrever propriamente e que não veicula nenhuma informação sobre o que nomeia, ou seja, ele não pode identificar a personalidade (o Rolla pai, o Rolla amigo, o Rolla generoso, o Rolla bem-humorado...).

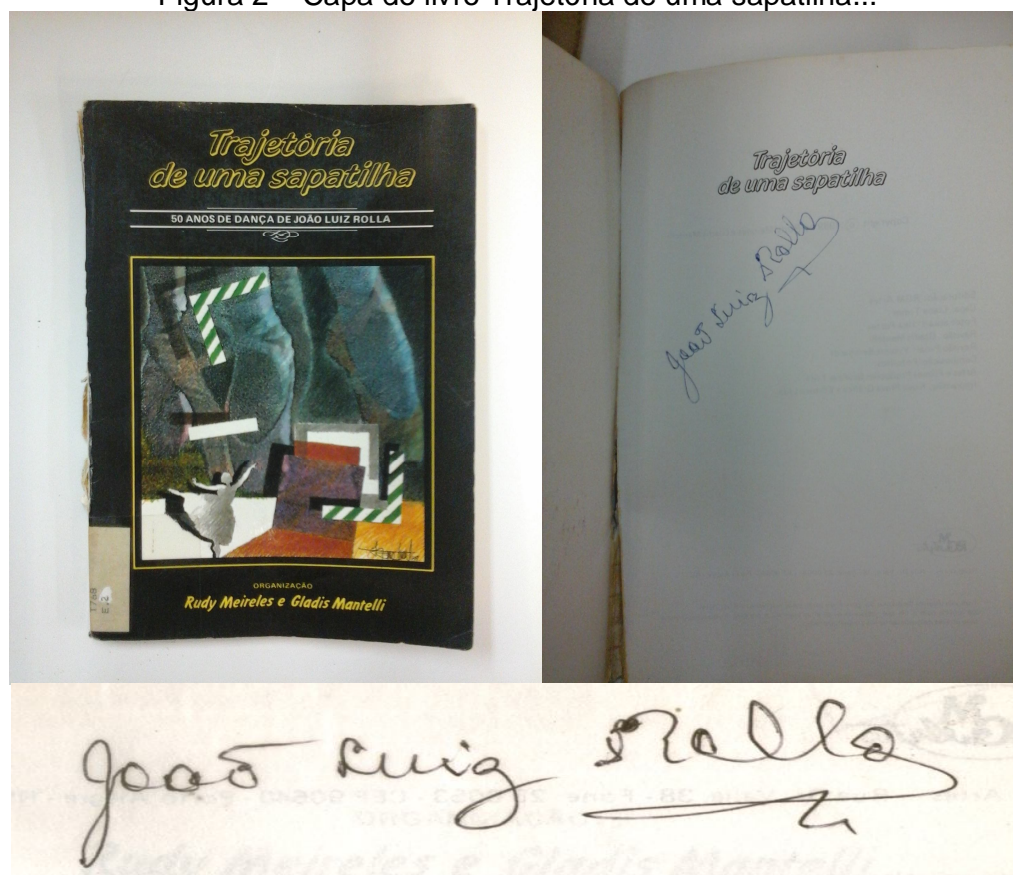
² No Brasil, até 1928, ao registrar um filho, usava-se somente o prenome, pois era costume utilizar o nome e o sobrenome dos padrinhos, do lugar de nascimento ou de outros fatos, em substituição do sobrenome paterno. E por isso seria inútil impedir que os pais, ao efetuarem o registro dos filhos, indicassem o sobrenome. Fato que, em 1928, foi regulamentado (regulamento 18.542 de 1928), e apresentava no Artigo 69 - não era obrigatório que o declarante indicasse o nome completo, bastando que enunciasse o prenome ou nome individual da criança...; artigo 70 – facultava ao interessado acrescentar outros nomes, que o distinguisse, logo que atingisse a maioridade.

Reduzir, portanto, esta biografia de João Luiz Rolla à apresentação dos documentos oficiais é negar a multiplicidade ou campos em que o agente (Rolla), como trata Bourdieu (1996), atuou. Por isso, ao tratar do bailarino, atleta, coreógrafo, professor, pai, mestre, irmão, amigo, “monumento”, não é possível ficar restrito somente ao nome de registro, pois esse não dirá. Assim, como afirma Bourdieu (1996), mesmo que criando artificialmente um sentido, deve-se descobrir uma lógica para selecionar certos acontecimentos significativos.

Essa lógica está na busca desses acontecimentos, principalmente, na obra de Rudy Meireles e Gladis Mantelli (1989), dentre os vários relatos das pessoas que conviveram com Rolla. E também na entrevista de Mônica Dantas ao Projeto Garimpando Memórias do CEME (DANTAS, 2013). Assim, descrever a vida como uma estrada, um caminho, com suas encruzilhadas (BOURDIEU, 1996).

Partiu-se do trabalho de Cecília Kilpp e Silvana Goellner (2013), no entanto, nesta pesquisa optou-se por um viés que apresente Rolla sensível, mestre, pai, irmão... tratando dessa forma qualidades e feitos atemporais, por isso, se reverencia aqui uma obra que homenageia o grande Mestre que é *Trajetória de uma sapatilha: 50 anos de dança de João Luiz Rolla*, organizada por Rudy Meireles e Gladys Mantelli do ano de 1989.

Figura 2 – Capa do livro Trajetória de uma sapatilha...



Fonte: A autora.

Figura 3 – Sapatilhas de João Luiz Rolla, pertencentes ao acervo do CEME



Fonte: A autora.

Em entrevista a Antonio Hohlfeldt³, jornalista do Correio do Povo, na página 19 no caderno Reportagem, domingo, dia 28 de dezembro de 1969, Rolla fala de sua infância:

Desde pequeno meus pais sempre me levavam para olhar os espetáculos teatrais da cidade, e eu fui gostando disto tudo. Na verdade eu sempre gostei disto, posso dizer que, mesmo sem saber, a dança nasceu comigo, estava aqui no meu corpo. Eu sentia – e ainda sinto – necessidade de dançar. Quando era rapaz, chegava a me exhibir nos salões de dança, realizando proezas com meu par. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 14)

Seguem os textos com as ‘falas’ de pessoas que compartilharam com Rolla momentos significativos de suas vidas, em sua maioria, homenagens em forma de gratidão.

Rosa Maria Malheiros:

Trabalho heroico e desgastante que ultrapassava a uma simples obstinação. Parecia senti-lo quase como uma missão. O seu entusiasmo por essa arte mágica, uma das poucas atividades humanas em que se mesclam o corpo, o espírito e o coração – era a marca de seu dia a dia. Bendita inquietude que o impulsionou e, apesar dos obstáculos, conseguiu transcrever em inúmeras apresentações, a poesia para os corpos de seus bailarinos. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 36)

A respeito do Rolla atleta-bailarino, Antonio Hohlfeldt:

Atleta do Internacional por volta de 1938, especialista em corrida de obstáculos, Rolla obteve convite de Tony Seitz Petzhold para integrar seu grupo de ballet: ‘Você sabe, naquela época, as técnicas inexístiam praticamente. A gente dizia – faz assim – e os outros faziam e o espetáculo andava’, sintetizava então o professor. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 15)

Aldo Obino, professor, jornalista e crítico, fala de um Rolla pupilo:

Se Tony Seitz Petzhold foi a mestra que suscitou Beatriz Consuelo, Jane Blauth até Thais Virmond, Rolla lhe foi o discípulo de maior projeção na coreografia, cujo ról é fulgurante pelas melhores criações que testemunhamos em sua trilha através dos caminhos da Dança. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 11)

³ Jornalista do Correio do Povo, crítico de artes, escritor e professor universitário, em 1989.

Figura 4 – Rolla e Thony Petzhold



Fonte: Meireles; Mantelli, 1989

Para Marina Fiori Sant'Anna, professora de música, ainda sobre o Rolla, pupilo:

Conheci o Rolla a partir de 1941 na escola de ballet da Tony. [...] Enquanto ele esteve na escola da Tony, primeiro como aluno e depois como assistente, não deixou nunca de demonstrar fidelidade à escola e à mestra. Isso sempre me encantou muito, porque continuou ocorrendo, mesmo depois que o Rolla abriu a sua escola de dança. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 32)

Palavras de Rosa Maria Malheiros sobre o Rolla *princeps*⁴...:

O professor Rolla, numa pequena alienada Porto Alegre de mais de cinquenta anos atrás, iniciou sua trajetória de luta. Um desbravador como todos que se entregam ao fazer arte e que possibilitou, a seu modo e dentro do seu acreditar, o surgimento de outras pessoas que abriram novos e diferentes caminhos. Contribuiu e continua, com sua presença tão frágil e tão marcante, reafirmando a todos nós que a dança, embora transitória como a vida, tem nela um sentido de eternidade, um envolvimento do homem com sua integralidade e com sua energia de cosmos. Ele intuiu isso e, no seu fazer, é cúmplice do futuro. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 37)

Rolla e seu pioneirismo, por Luiz Osvaldo Leite é:

No São Pedro, o Barbeiro de Sevilha oportunizou meu primeiro contacto com a ópera. E na ópera a descoberta da dança, com Tony, Lia e Rolla, este vencendo preconceitos e afirmando posições. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 38)

Rosa Maria Malheiros, também sobre o Rolla pioneiro:

[...] o mestre Rolla e seu verdadeiro papel em nossa cidade. [...] A dança em Porto Alegre, era um mundo quase que exclusivamente povoado por mulheres e, mesmo assim, rodeado de preconceitos, onde o fazer da dança uma direção de vida era quase uma utopia. Um bailarino, um homem usando malhas e dançando, era, então, no mínimo um ser exótico na nossa provinciana Capital. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 35)

Também destacando esse pioneirismo, Rudy Meireles, escritor e artista plástico, organizador da obra aqui citada, presenciou: “[...] No momento exato, invade o palco um corpo de músculos trabalhados que parece flutuar como as asas de um albatroz entre as luzes: o *partenaire*”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 41)

Claudio Heemann, crítico, ator e diretor, do pioneiro Rolla:

João Luiz Rolla vincula-se como parte histórica e valorosa das origens da dança erudita entre nós. Depois das experiências pioneiras de ginástica artística de Mina Black, duas figuras importantes formalmente preparadas, deram início ao cultivo do bailado clássico em Porto Alegre. Foram elas Lya Bastian Meyer e

⁴ Metaforicamente, alusão a seu pioneirismo, visto que, a definição de edição *princeps* conforme Faria e Pericão (2008, p. 270) é a designação que se dá às edições dos clássicos tidas como primeiras.

Tony Seitz Petzhold. Dançarinas cujo conhecimento de danças as lançou na criação de escolas e espetáculos. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 25)

Marina Fiori Sant'Anna, professora de música, falando de um Rolla ligado a sua família 'de sangue': "Ele tinha uma irmã, bem mais velha, que morava com ele. Ele sempre achava uma hora para falar nela com muito carinho, quer nas suas conversas, quer nas suas palestras". (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 33)

Cattani salienta: "Irmão a gente escolhe, e eu escolho o Rolla para meu irmão", (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 21). Esse artista que desenhou muitos figurinos para esse 'irmão' relata sobre a parceria da boêmia com Rolla: "Nós ficávamos na rua até de manhã, mas falando em dança, em espetáculos, em montagens. Nosso assunto era a dança, mas de repente entrava o cinema. O Rolla falava sobre tudo que era cultural" (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 20).

Rolla, "um pai" presente para Zelira Eichemberg:

Como minha mãe costurava para o Rolla, eu vivia para o ballet na escola e também na minha casa. [...] Acho que o Rolla, para mim, foi minha vida. Ele me marcou muito mais do que meu próprio pai, porque meu pai era uma pessoa muito distante e ele não. Era uma pessoa que me exigia, era muito rigoroso, mas sabia também me dar carinho. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 59)

Ademar Dornelles⁵, um dos grandes bailarinos gaúchos, relembra sua vida: "Devo tudo ao 'seu' Rolla! Principalmente a paciência com que durante anos me educou, me fez a cabeça. Interiorano como era, 'xucro, grosso', usando a expressão gaúcha, devo ter dado muito trabalho" (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 73). De seus encontros com Rolla, diz: "Talvez agora pela idade, pela solidão da vida, nossos encontros tenham se tornado mais sérios e recheados de lamentos. Já não rimos mais como antes..." (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 74)

Marcia Krase, bailarina, relembra: "De herança do meu pai querido ficou o amor intenso, quase vício, que esta profissão proporciona aos corações sensíveis que vivem da arte" (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 60).

A inspiração, arte, processo criativo de Rolla, Elizabeth Gutierrez Etges, Beatriz Gutierrez Paneck e Ligia Gutierrez da Silva, dizem: "Rolla é um artista, que

⁵ Bailarino do Ballet Stagium de São Paulo, desde 1975, depois consultor dessa mesma companhia. www.balletstagium.com.br

cria a partir do nada e tudo lhe é motivo de inspiração. [...] é esta força gigantesca na realização de sua obra coreográfica”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 63)

Erenita P. Teixeira: “Para o professor Rolla, o mínimo era motivo de inspiração. O movimento de uma folha podia ser motivo de um ballet”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 71) Um tipo de processo criativo que conflui com a teoria de Paulo Freire, na obra *Importância do ato de ler: em três artigos que se completam*, em sua 51ª edição⁶, fala sobre lugares de inspiração:

Os textos, as palavras, as letras daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das folhas – das rosas, dos jasmims - no corpo das árvores, na casca dos frutos. (FREIRE, 2013, p. 21)

Também em uma abordagem do processo criativo e das inspirações artísticas semelhantes a Rolla, Cecília Almeida Salles (2011) discorre em sua obra *Gesto inacabado*:

A percepção é a ação do olhar responsável pela construção das imagens geradoras de descobertas ou de transformações poéticas. Em seu processo de apreensão do mundo, o artista estabelece conexões novas relacionadas a seu grande projeto poético. A singularidade de cada obra e de cada artista está não só na natureza dessas combinações perceptivas, como também no modo como são concretizadas. (SALLES, 2004, p. 108)

Rolla, o coreógrafo inovador, é destacado por Antonio Hohlfeldt:

Rolla era dos mais assíduos na informação. Na informação e no entusiasmo com que preparava seus espetáculos, sobretudo os de fim de ano, destacando-se sempre, ou quase sempre, com suas criações coreográficas, especialmente a de 1969, quando estreou 2001: uma experiência pelas fronteiras sem fim da dança, em que aproveitando a moda da trilha sonora do filme de Stanley Kubrick, realizou inesquecível espetáculo no Teatro São Pedro, trasladando-o depois a outras, num público total aproximado de sete mil pessoas, coisa rara na época. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 14)

Antonieta Barone, também, destaca o mesmo que Antonio H. disse acima: “Os balés já vêm com coreografia daqueles coreógrafos que determinam as cenas,

⁶ Original escrita 1982.

os passos, mas ele sempre colocava o toque da sua criação pessoal nas apresentações que fazia”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 24)

E mais, Cláudio Heemann, crítico, ator e diretor, afirma que:

Seus ballets, mesmo contando com meninas e moças sem propósito profissional de carreira, eram bem informados artisticamente e conduzidos por técnica segura. Plasticidade, teatralidade, desenho, cor, invenção e inquietação, fizeram de Rolla uma presença criativa e instigante. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 25)

A construção desta trajetória é o início da busca de respostas sobre o processo criativo de João Luiz Rolla, através das palavras de Cecília Almeida Salles (2011), corroborando para compreendê-lo em sua arte. Assim, essa autora afirma que os procedimentos criativos estão ligados ao momento histórico no qual o artista vive através de seus diálogos sociais, artísticos e científicos, deixando mais visível a interação com a tradição. Pois as opções, visivelmente individuais se inserem na coletividade dos precursores e contemporâneos; assim, nesta perspectiva, as inovações ou as rupturas surgem em meio à continuidade, conforma Salles (2011).

Rolla, pioneiro na coreografia inovadora, para Marina F. Sant’Anna:

Rolla foi inovador de alguns tipos de coreografias modernas. Foi ele um dos primeiros a introduzir a dança moderna, fugindo um pouco daqueles programas clássicos e ainda foi também o primeiro a lançar dentro da sua escola, o curso de jazz. As academias de grandes países trabalhavam com esta forma de dança, mas aqui não havia e o Rolla supriu essa lacuna. Lembro-me muito bem, que no ano em que ele fez a apresentação da escola, a parte de jazz, foi uma consagração. A plateia toda levantou e aplaudiu de pé. A coreografia era muito original e expressiva, muito interessante. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 33)

Erenita Parmegiani Teixeira, professora de dança, falando a respeito de um Rolla inovador, diz: “Acredito que o Rolla tinha um método próprio de ensino da dança, mais interpretativo. Ele era muito com a disciplina, mas muito amigo dos alunos” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 71).

Maria Fiori Fortuna, em Meireles e Mantelli (1989, p. 33), diz: “[...] os seus espetáculos foram sempre muito bem feitos, muito bem acabados e burilados”. E Salles confirma, em seu texto, a percepção de Maria Fortuna acerca dos produtos de Rolla:

Diferentes matérias-primas geram busca por novos recursos, como há também a procura por modos diferentes de ação ao lidar com a mesma matéria-prima. Nesse segundo caso, o grande projeto do artista tem ligações profundas com a permanente adequação ou até lapidação de seus meios de expressão. (SALLES, 2011, p. 111)

Para ler Rolla, por Cecília Salles (2011):

[...] A relação entre técnica e emoção é sempre lembrada pelos criadores. Chekhov (1986 apud SALLES, 2011) abre seu livro *Para o ator* com a seguinte epígrafe: 'A técnica de qualquer arte é, por vezes, suscetível de abafar, por assim dizer, a centelha de inspiração num artista medíocre; mas a mesma técnica nas mãos de mestre pode avivar a centelha e convertê-la numa chama inextinguível'.

[...] Os processos mostram, muitas vezes, a prática dessas técnicas. Na música, teatro e dança, a necessidade de exercitar técnicas tem seu momento específico no itinerário criador. As diferentes linguagens mostram essa questão da prática de modos diversos: assim como um bailarino "faz aulas", escritores contam dos filmes que assistiram ou dos livros que leram tentando "desmontar ou descosturar os fios narrativos e compreender os modos de narrar". (SALLES, 2011 p. 111-112)

Nesse processo criativo de Rolla, nos seus produtos, têm a gratidão de tantos que habitaram seu mundo, que surgem aqui para contrariar o documento oficial (CERTIDÃO DE ÓBITO, 2014), que reduziu Rolla a um professor aposentado, que não deixou testamento nem bens; alguns de seus "legítimos herdeiros" relatam:

[...] Esses valores tornam inesquecíveis os contatos com Rolla. Estes contatos permanecem em nós. É incrivelmente importante a conscientização da dívida que temos com pessoas como Rolla. [...] No plano estético tais dívidas são impagáveis, porque correspondem no mais íntimo de nós ao crescimento de ordem espiritual. (Delmar Mancuso, teatrólogo, *in*: MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 17)

Antonieta Barone, irmã de Dante Barone⁷, professora, diretora da Aliança Francesa em 1989:

O ensinamento e a mensagem, que eu gostaria de deixar para os jovens, é que se espelhem nos cinquenta anos de trabalho que o

⁷ David Dante Barone é uma figura das mais importantes do nosso estado. Nasceu em 1907, foi administrador do Theatro São Pedro por 43 anos, trazendo atrações como Procópio Ferreira, Cacilda Becker, Arthur Rubinstein, Heitor Villa-Lobos, Orquestra de Versailles, óperas, peças internacionais. E os *ballets* produzidos em Porto Alegre à época de Rolla. Em 1970, assumiu a administração do Auditório da Assembleia Legislativa onde ficou por 16 anos. Faleceu em 1986 e em 2002, o auditório ganhou o nome que merecia pela sua história: Teatro Dante Barone.

professor João Luiz Rolla dedicou à juventude do Rio Grande do Sul. [...] A dança no Rio Grande do Sul é, sobretudo, uma aspiração ao crescimento de uma arte exigente. Mas João Luiz Rolla, dentro dela, sempre soube ser um caminho de inteligência, sensibilidade, solidez e verdade. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 24-26)

Vera Bublitz, professora de dança:

Sobre o Rolla o que poderia dizer: ele é aquela pessoa que, verdadeiramente tem amor à arte. Ele passa isso, transmite amor à arte e entusiasmo. Passa a todos aquela vida que teve ao redor da dança. Ele incentivava as pessoas e está sempre nos meus espetáculos. É dos poucos professores de Porto Alegre que vêm e cumprimenta e, então faz a gente sentir aquele apreço, aquele abraço amigo que diz: Continue! Então, Rolla é isso. É a dança no melhor sentido. A dança sem maldade, sem picuinhas de que se ouve falar e que se criam entre escolas do mundo da dança. No mundo artístico isso é comum, não é só em Porto alegre. Mas, Rolla passa essa coisa boa que faz com que os outros cresçam. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 27)

Ida Rodrigues Leiras, mãe de ex-aluna e pianista diz: “Devo muito a ele, pois o que aprendi de ritmo e interpretação foi o Rolla que me ensinou”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 40).

Zelira Eichemberg, professora de Ginástica Rítmica da UFRGS, sobre sua herança de Rolla:

[...] Lutar pelo que se quer, começar alguma coisa e ir até o fim, são coisas que ele me passou e que carrego para o resto da minha vida. O que eu faça ultimamente, em nível profissional, é baseado nessa estrutura. [...] Acredito que todas as coisas que tenho conseguido na vida, inclusive profissão que tenho hoje, foi por causa desses ensinamentos. [...] E constata: “Eu passava mais tempo na escola de dança do que propriamente em casa ou brincando na rua. Acredito que o meu ambiente de educação foi a escola do Rolla. [...] Gostaria que o Rolla, nesse momento de vida, possa lembrar que, apesar de não ter tido filhos do seu sangue, tem muitos “filhos” que o amam. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 58-59)

Marcia Krase, bailarina, na obra Meireles e Mantelli (1989, p. 60), relata: “Quando eu iria imaginar, naqueles anos em que eu dançava, assim como ia para o colégio, que no futuro, seus ensinamentos seriam tão importantes para mim, fazendo parte da minha rotina”.

Tania Heloisa de Araujo Arigony, bióloga, diz sobre a convivência com Rolla: “O tempo agradável que eu passei junto ao Rolla, não só me fez gostar mais e mais

de dança, de música e de palco, como me transmitiu ensinamentos profundos que servem para a vida toda” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 60). E como isso marcou sua vida:

[...] Ele é um marco na minha vida, assim como meus pais. Meus pais marcaram minha vida familiar e o Rolla a extra-familiar. Eu me lembro de uma série de coisas importantes que ele me ensinou dentro da sala de aula. Tão importantes e tão fundamentais que são úteis até hoje. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 61)

Num dos momentos, Andréa Amaral Muller, jornalista, agradece ao mestre:

Ele, o mestre, artista conhecido, professor entusiasmado, responsável pela proliferação da dança em Porto Alegre, continua firme aqui. Mora no Bomfim. E tem o prazer de, sentado nas primeiras filas dos poucos teatros da cidade, ver, ao abrir das cortinas, sua vida refletida em passos seguros. Que fique aqui, minha eterna gratidão por tudo. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 63)

Sonia Walkiria Lemke Rosito, industrial, constata:

Não só adquiri conhecimento da técnica de dançar, de como movimentar-me corporalmente, como também aprendi a integralizar a dança, dentro da minha maneira de ser. Hoje danço a todo momento: quando penso, quando pratico qualquer ação, quando falo, enfim os movimentos cadenciados já fazem parte de mim, são quase involuntários. [...] O mais nobre que aprendi e assimilei dos conhecimentos que o professor Rolla transmitiu foi o respeito. O respeito pela arte, o respeito pelos outros, o respeito pelo potencial de cada um. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 65)

Sandra Rosado Andeatta, professora de educação física que muito conviveu com seu mestre, diz: “Foram mais de trinta anos, vividos dentro da escola de Dança João Luiz Rolla. Numa primeira etapa (1951-1964) eu era a aluna encantada com toda cultura que emanava do seu mestre”... E conclui: “Portanto, a maior parte de minha vida foi junto a esta Escola e a este professor, a quem devo muito da minha cultura”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 66)

A Diretora Artística do Studio Redenção, Isabel Beltrão Brandão, a respeito do mestre: “Dele levei, para a minha vida profissional, todo aquele amor e entusiasmo pela dança, como também, a disciplina necessária para o bom desenvolvimento de

uma aula”. Do amigo: “O professor Rolla foi um grande incentivador do meu amor pela dança, além de um grande amigo” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 67).

Estelamaris Prato Broetto, professora, fala de amor:

Foi o Mestre que me transmitiu a energia e o amor pela arte. Como pessoa me inspirou o respeito pelo outro. Como artista, foi determinado em passar aos outros seu senso artístico. Sua vitalidade e sua sensibilidade estiveram sempre presentes em suas coreografias. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 68)

Ao falar do mestre, Lenita Ruschel Pereira, professora de dança, reforça:

Tenho do Rolla as melhores recordações e acho que ele foi um mestre por excelência. O Rolla sempre nos transmitiu um exemplo muito bonito de disciplina e de dedicação à dança. Acredito que isto ele deixou para todas as alunas. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 69)

Tania Leirias Caitano, professora, ao generoso mestre: “Devo ao Rolla tudo que sei, pois ele ensinou-me a amar a cultura” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 70).

Elizabeth Gutierrez Etges, Beatriz Gutierrez Paneck e Lígia Gutierrez da Silva, diretoras da Escola de Ballet Gutierrez, dizem:

Tínhamos com o Rolla uma relação de professor/aluno, porém ela era profunda no aprendizado que ficou com a vida. Ele foi sempre além do mestre. Foi o pai que nos cercava de cuidados, a palavra certa que nos fazia refletir até encontrar a verdade ou sentir que aquele era o caminho. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 64)

O Rolla, mestre, noutras falas também ocorre, mas nestas que seguem fica mais evidente essa qualidade. Para Dante Barone, nas palavras de sua irmã Antonieta Barone: “Sempre houve uma amizade muito cordial entre ambos e sempre ouvi do Dante que considerava o Rolla um dos maiores mestres do ballet que nossa capital possuía”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 23)

Para Claudio Heemann:

[...] João Luiz Rolla, que despontou como dançarino nesta época trabalhando junto a Tony Seitz Petzhold constituiu-se na grande etapa seguinte. Abriu também sua escola de dança e lançou-se ao mesmo tempo como coreógrafo. Seu talento de bailarino transferiu-

se para um jogo de habilidades como professor e mestre de ballet. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 25)

Maria Walesca Van Helden, professora de dança, coordenadora do Dança Alegre Alegrete: “Só um mestre induz uma paixão”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 72)

Para Ademar Dornelles, Rolla foi o Mestre, educador, formador, generoso na vida:

[...] O aprendizado não tinha fim. Era das 9 da manhã até muitas vezes de madrugada. Depois de todas as aulas que fazia e ajudava e dos pequenos serviços, etc, íamos para os bares da vida e aí começavam as verdadeiras lições. Entre em chope e um sanduíche, me contava sua vida ou a história da sapatilha de ponta. [...] Como adorava ouvi-lo! Vivi a década de vinte, trinta, quarenta, cinquenta, através de seus relatos. [...] Contava “segredos” do mundo do espetáculo,... [...] De sua carreira como atleta, como bailarino, como pessoa de teatro, seus ballets, etc, etc, etc. Então tornei-me íntimo de Catarina de Médicis, Ballet comique, Balthasar de Beaujoyeux, do Luís XIII, XIV, XV, Noverre, Maria Sallé, Maria Taglioni, Vignano, Blasis...a lista é interminável...

O qual ensinava Ademar com humor e astúcia:

[...] Periodicamente era examinado: ‘Quem foi fulano?’ ‘Em que ano foi inventada a ponta?’ ‘Como se chamava a irmã de Nijinsky?’ ou cantarolava um trecho de ópera ou ballet e perguntava o compositor, o ano, a história, etc, etc.
Dizia:... ‘é uma ópera. Começa com A e não tem a volta só tem a ida? O autor era maduro, mas seu sobrenome, não.’
[...] Essas aulas eram jantares, caminhadas de horas e horas noite adentro. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 74-75)

Sobre o mestre que encanta na primeira aula, Tania Heloisa de Araujo Arigony, conta:

Quando o Rolla abriu a escola, minha mãe levou-me para lá. Lembro-me, como se fosse hoje, da minha primeira aula. Ensinou a mim e as minhas colegas uma tarantela. Nem que eu viva 200 anos, se fosse possível, eu esqueceria a música dessa minha primeira dança. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 61)

Cattani observa, sobre a falta de apoio para os projetos do mestre: “Algumas vezes via o Rolla em baixo astral, pois ele queria fazer grandes montagens e não

tinha os recursos necessários. Ficava muito deprimido, já que quase não teve apoio de ninguém em Porto Alegre” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 20).

Poderiam faltar os recursos ideais, mas Rolla contou com parcerias que fizeram os espetáculos acontecerem, alguns deles deram seus depoimentos, como Luiza Amália Leite Pereira, que por 13 anos foi sua pianista: “Eu considero o Sr. Rolla uma criatura dotada ao máximo para a arte. Um ser que viveu com toda a intensidade o período de sua vida dedicada à arte do ballet” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 27). E do seu fazer, ela diz:

[...] Era capricho, a simplicidade, bem como a intensidade do trabalho começado. Ele era o iniciante de um trabalho que distribuía pelas alunas, cujo desempenho foi sempre extraordinário, no sentido de executar o que o mestre exigia. Dessa forma, eu colaborei de uma maneira muito simples, mas de forma mais intensa que pude, pois tudo me agradava sobremaneira. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 28)

Cecy Oliveira de Souza, pianista da Escola de João Luiz Rolla de 1962 a 1987, relata essa participação em dois momentos, no primeiro: “Sempre admirei muito o ‘seu Rolla’. Comigo ele sempre foi muito camarada e nós sempre nos demos muito bem”. Noutro: “Trabalhei por 25 anos na escola do professor Rolla, realizando um trabalho que sempre me gratificou” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 28).

O sonoplasta e pai de uma ex-aluna, Paulo Silveira Prunes, diz de sua atuação junto aos espetáculos:

Nunca cobrei nada do Rolla, porque eu gostava dele. Ele era um sujeito formidável e eu o respeitava também. Cada um de nós dois tínhamos as nossas responsabilidades. Eu era responsável pelo som, então ele confiava em mim e sabia que eu iria me virar para conseguir o que ele queria. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 29)

Na entrevista, dita por Antonio Hohlfeldt como histórica, alusiva aos 30 anos de Dança de Rolla, destaca-se:

[...] Pois, foi naquela ocasião – quando Rolla, também, comemorava seus trinta anos de dança – que fiz minha ampla entrevista com o querido professor sob o título geral de *O Balé não é uma arte de elite*, publicada no *Correio do Povo*.

[...] Na entrevista histórica Rolla aproveitava para chamar a todos os colegas professores e donos de academias para um trabalho em conjunto em prol da dança na cidade [...] foi, com Tony Seitz

Petzhold e alguns outros poucos, dos que mais lutaram para a construção de uma consciência coletiva em prol das academias de dança e de uma associação reunindo os integrantes da categoria. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 16-17)

Figura 5 – Entrevista de Rolla a Antonio Hohlfeldt



Fonte: Correio do Povo, 28 dez. 1969, foto feita pela autora a partir do arquivo do Museu Hipólito José da Costa

A associação, citada anteriormente, é a Associação de Professores de Dança Clássica do Rio Grande do Sul. Sua ata de criação⁸ consta que, em 13 de dezembro de 1969, Rolla juntamente com outras seis professoras de dança clássica fundam Associação de Professores de Dança Clássica do Rio Grande do Sul, com sede em Porto Alegre, à Rua Miguel Tostes, 723. Compondo-se a Diretoria: Presidente: Eva Kole de Landes; Vice-Presidente Técnica: Tony Seitz Petzhold; Vice-Presidente Administrativo: João Luiz Rolla; 1ª Secretária: Ilse Alice Simon Nascimento; 2ª

⁸ ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES DE DANÇA CLÁSSICA DO RIO GRANDE DO SUL. Ata de criação. Porto Alegre, 1969.

Secretária: Marion Faedrich Dullius; 1ª Tesoureira: Maria Júlia da Rocha; 2ª Tesoureira: Lenita Maria Ruschel Nunes Pereira.

No fechamento da entrevista, instigado por Antonio Hohlfeldt, a falar sobre a questão do *Ballet* para todos, garantia Rolla:

[...] acredito que o *ballet* não é uma arte de elite, e demonstrei isso com o Auditório Araújo Vianna completamente tomado, nas noites em que lá apresentei o meu espetáculo. O *ballet* é para todos, tudo dependendo do preço que se cobre... (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 16-17)

Na mesma entrevista, sobre a participação das escolas de Ballet de Porto Alegre no I Encontro Nacional das Escolas de Ballet, em 1961, Rolla fala:

A Divisão de Cultura do Estado, dada inclusive as credenciais dele, patrocinou espetáculos de ballet para ele. Quando houve o 1º Encontro Nacional de Escolas de Ballet do Brasil, a escola de Rolla foi uma das convidadas para participar do evento. [...] Além da escola de Rolla se apresentaram também as escolas da Tony, a da Marina Fedossejeva e a da Salma Chemalle. Na oportunidade foi reinaugurado o Teatro Guaíra que havia sido queimado. O grande Teatro Guaíra estava ainda sem rebocar e lá encontravam-se escolas de dança de todo o Brasil. O Rolla foi muito aplaudido com o trabalho da sua escola (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 32).

Erenita P. Teixeira relata, também, sobre o Encontro Nacional de Escolas de Ballet do Brasil: “Um dos acontecimentos, que considerei como um dos mais importantes para a vida da escola foi a participação no Congresso de Curitiba, em 1961, organizado por Carlos Magno” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 71).

Rolla, o mestre generoso, por Antonio Hohlfeldt:

Mais do que uma profissão, a dança foi sempre, para João Rolla, daquilo que posso constatar à distância, uma maneira de vida. E talvez por isso mesmo, Rolla dedicou-se a ela com entusiasmo de crente, com dedicação humilde, como um aluno fiel a cumprir seus deveres. Seus alunos sempre foram os que mais estiveram presentes, como plateia, a espetáculos vindos de fora da cidade, e ele próprio, João Rolla, jamais sentiu-se humilhado por ocupar cadeira, quase sempre na primeira fila para assistir, aprender e aplaudir, entusiasmadíssimo, aos nossos visitantes. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 16)

Rolla valorizava seus colegas, conforme Marina Fiori Sant'Anna:

Às vezes, os artistas recebiam convites graciosos para assistirem espetáculos, fossem eles de dança, de teatro ou de música. O Rolla sempre valorizou seus colegas de arte, fazendo questão de pagar o seu ingresso no espetáculo. [...] Quando ele os recebia, e eu sei que recebia, sempre doava para alguém, possivelmente para algum amigo ou para alguma aluna. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 33-34)

Marina Fiori, também, relata a negação de Rolla em receber cachê ao participar de espetáculos de colegas:

Ele sempre ajudou muito os grupos de teatro e também nas óperas encenadas em Porto Alegre. [...] Eu tinha um grupo de teatro chamado Comédia da Província que levava espetáculos bastante bons, aqui em Porto Alegre. Tive a oportunidade de ter a colaboração do Rolla, com sua escola, de uma maneira carinhosa e graciosa. Como éramos amadores, a gente vivia da bilheteria. Mais uma vez quis dividir o saldinho pequeno, depois de pagar os direitos autorais e tudo que era necessário pagar. Ele nunca aceitou e dizia: Não. Fica para a 'caixinha de vocês'. O Rolla sempre foi muito amigo da arte e daqueles que apresentavam espetáculos artísticos (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 34).

Algumas curiosidades das convivências com esse homem múltiplo que foi Rolla, também, surgem nesta biografia. Gladis Carvalho Bernardes relembra um fato inusitado com Rolla:

Certa vez, quando foi almoçar lá em casa, coisa bastante comum, resolvemos experimentar carne de baleia⁹, porque havia falta de carne na cidade. Achamos horrível. Era 'incomível' e com cheiro de peixe insuportável. O Rolla, não sei se por educação ou cortesia, o que lhe era muito peculiar, disse que até não era tão ruim (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 31).

Sobre a mítica 'a capa' usada no *ballet* Burlesco pelo mestre Rolla, Cattani fala: "Vi também ele dançando, já pela sua escola, um ballet em que fazia um mestre de cerimônia e entrava em cena com um candelabro lindo e uma capa que nunca vou esquecer" (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 19).

⁹ Na coluna do Jornal do Comércio em 2010, o jornalista Fernando Albrecht aponta que entre os anos 1959-1960 o evento da falta de distribuição de carne para os açougues obrigou o governo a importar carne de baleia. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=38216>>.

Gladis Carvalho Bernardes, costureira, revela a criação de “a capa”:

[...] Eu perguntava como ele queria a capa e ele não me dizia como. O que obtive como resposta foi: “Eu quero assim, bem grande. *Double face*. Se quiser usar o lado roxo, eu uso, e se quiser usar o lado verde, eu posso”. [...] Quando ele a viu exclamou: “Que loucura! Era exatamente isso que eu queria”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 31).

Sobre outro ‘ente’ mítico, ‘a varinha’, Manon Freire Giorgio, professora de dança, relata:

Lembro com muito carinho os anos que estudei com Rolla, até as raivas da época. Inclusive a maldita varinha que deixava a gente roxa, nós lembramos com muito amor. [...] Meu bom e amigo mestre Rolla, de ti herdei tudo que sou hoje, uma profissional realizada, com minha escola montada. Sempre passei para minhas alunas tudo aquilo que tu me transmitiste, até a varinha, maldita e bendita varinha (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 81).

Vera Lúcia Ruschel conta suas vivências com ‘a varinha’:

O seu Rolla é de uma época em que os professores não ficavam botando a mão no corpo, coxas, traseiros de suas alunas; então ele usava a varinha para podermos sentir a parte do corpo que estava mal colocada. [...] Claro, que as mais dengosas diziam um ‘Ai’, mas... Um dia, mais irritado, ele quebrou a varinha batendo-a na barra, foi aí, que nós mesmas providenciamos outra para ele. Pois nem nós poderíamos imaginá-lo sem a famosa varinha (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 76).

Ao encerrar esta trajetória, pois outras mais são possíveis e virão, mais reverências a João Luiz Rolla. De Rosa M. Malheiros:

Fui testemunha do que significa entregar-se, totalmente, à missão de ensinar e divulgar a dança e de sua luta, se tréguas, conta as limitações com que contam os fazedores de arte. Misturando o bailarino, o professor, o coreógrafo, o cenógrafo, o maquinista, o iluminador e tantas e quantas atividades fossem necessárias, ele abria seu caminho e foi promotor de espetáculos que encantaram Porto Alegre (MEIRELES; MANTELLI, p. 36).

De Sonia Rosito: “O professor Rolla, para mim, é além de bailarino, professor, coreógrafo, empresário, um apaixonado pela dança”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 65)

De Antonio Hohlfeldt:

Rolla jamais fez apenas coreografia: fazia cenários, figurinos, iluminação, intrometia, intrometia-se em tudo, palpitava à vontade, porque dele fluía aquele entusiasmo que só o que realmente dedicam a vida a alguma coisa são capazes de expressar (MEIRELES; MANTELLI, p. 16).

De Delmar Mancuso, teatrólogo: “O professor Rolla representa uma pessoa muito valiosa, o que torna difícil tangenciá-la. Rolla integra o mestre, a pessoa e a estética”. (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 17)

De Antonieta Barone: “Entre esses, que pontificaram e pontificam nas escolas de dança, sem dúvida nenhuma, João Luiz Rolla é um nome de proa, é um nome maior” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 22).

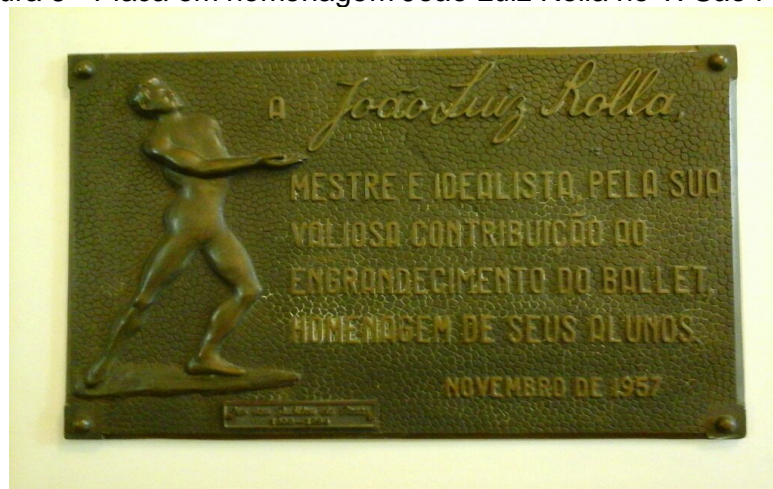
Delmar Mancuso, teatrólogo, sobre a ‘constituição Rolla’: “Reúne grande humanidade; Capacidade de ensinar e Capacidade de apresentar uma coreografia rica e de modernidade inatacável” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 17).

E Ademar Dornelles constata, de seus últimos encontros com Rolla:

O grande lamento atual é doença, família, alunas e que acha vai morrer um dia... No fundo, ele sabe que sem pertencer a nenhuma Academia Brasileira de Letras ou PHD em dança, é um dos imortais para a dança gaúcha, brasileira e porque não do mundo, já que seus filhos estão hoje espalhados pelo mundo afora com a chama da Dança (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 76)

Conclui Luiz Osvaldo Leite: “Não sei se fiz o suficiente por João Rolla. Mas guardo a alegria de uma atitude: respeitei-o, porque não se mexe em um monumento” (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 39).

Figura 6 - Placa em homenagem João Luiz Rolla no T. São Pedro



Fonte: Liana K. Silva

Figura 7 – Local onde está a placa em homenagem a Rolla no Teatro São Pedro

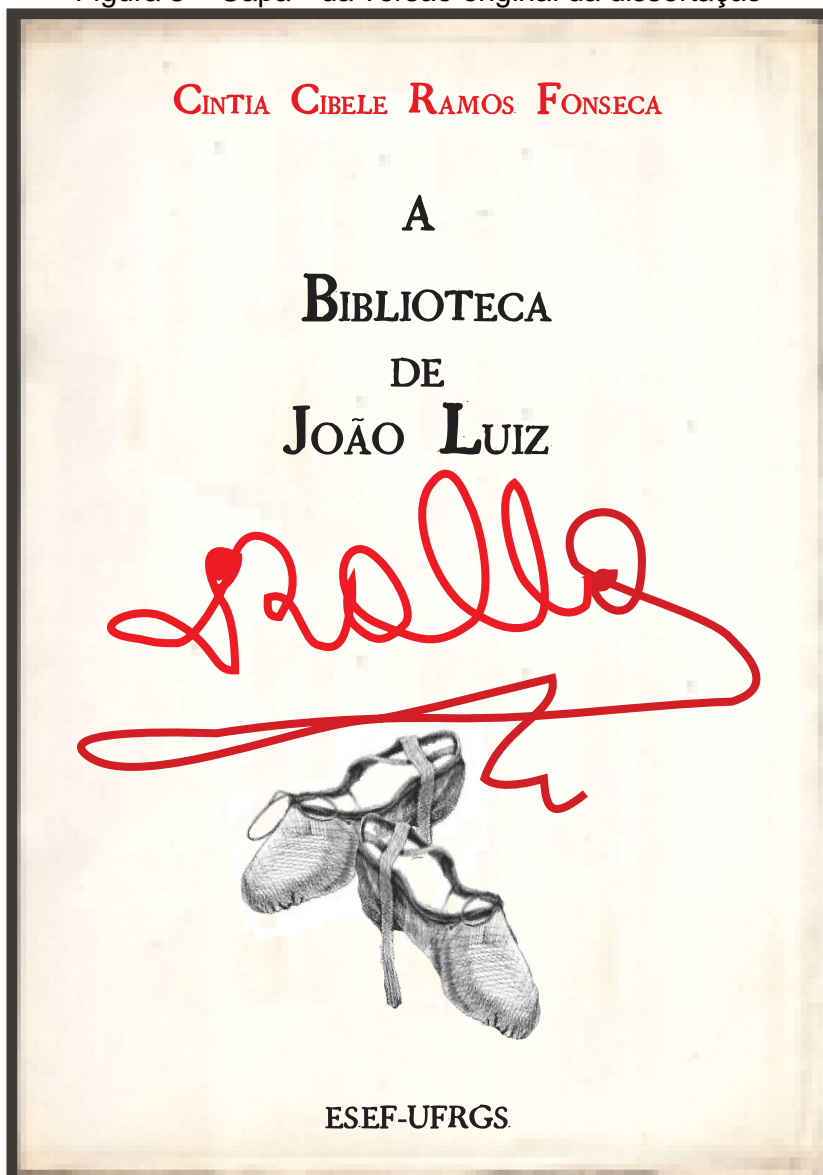


Fonte: Liana K. Silva da escadaria do Theatro São Pedro para a cafeteria

Não se pode falar da coleção de João Luiz Rolla, sem falar de partes de sua vida, tão lindamente registradas na obra aqui homenageada. Na qual revelam um grande homem, um grande artista. Por isso, a lógica aqui empregada: primeiro conhecer o colecionador para em seguida apresentar a sua coleção de livros, apresentada a seguir.

3.1 A COLEÇÃO DE JOÃO LUIZ ROLLA

Figura 8 – Capa¹⁰ da versão original da dissertação



¹⁰ No Apêndice B apresenta-se como foi criada a falsa capa da dissertação apresentada originalmente na defesa em 23 de out. de 2014 na ESEF/UFRGS.

Este capítulo trata do objeto desta dissertação que é a Coleção de Livros de Dança (a Biblioteca) de João Luiz Rolla do Acervo Histórico da Biblioteca Edgar Sperb da Escola de Educação Física da UFRGS. Essa coleção conta com 130 livros, entre nacionais e estrangeiros, publicados entre os anos de 1933 e 1988 (listados no Apêndice 3). Esse acervo encontra-se mesclado ao restante dos livros do AH, localizados nas estantes abarcando os seguintes assuntos e suas subdivisões: costume, arte, dança e biografias. No momento, não há uma definição sobre como localizá-lo no AH. Pode ser que, a partir desta pesquisa, venha a ser definido como uma coleção específica de Rolla e assim seja colocada em um espaço especial, ação esta que poderá ser estendido às demais coleções existentes no AH, ou continuar com a mesma ordem original.

A descrição da formação desse acervo por João Luiz Rolla, tipo de aquisição e objetivos dessa aquisição, é baseada nos depoimentos que compõem o livro anteriormente mencionado – *Trajetória de uma sapatilha: 50 anos de dança de João Luiz Rolla* (MEIRELES; MANTELLI, 1989); seu uso por Rolla, sugerido nas marcas de leitura presentes em alguns exemplares (analisados e apresentados no capítulo de avaliação).

A compra do acervo de Rolla pela UFRGS é explicada por registros oficiais, no Processo de Aquisição de 1994 (UNIVERSIDADE..., 1994), ao longo deste capítulo. Tal processo documenta a avaliação feita do acervo para aquisição. A chegada desse acervo à ESEF e os primeiros empréstimos¹¹ (uso) registrados desse acervo estão nos relatos ao CEME de Rosalia Camargo e Mônica Dantas (CAMARGO, 2013; DANTAS, 2013).

3.1.1 Aquisição e chegada à Biblioteca da Coleção de João Luiz Rolla

Antes de chegar à ESEF, a coleção pertencia ao Rolla. O traçado da formação original, valor e uso de sua biblioteca estão em alguns depoimentos na obra de Meireles e Mantelli (1989) e em Camargo (2007) e Dantas (2013), visto que, diretamente do próprio Rolla, não foram encontrados registros que pudessem descrever essa formação. No entanto, Ademar Dorneles dá pistas desse processo:

¹¹ Visto que atualmente os materiais do AH são de uso restrito e não há possibilidade de registrar automaticamente os empréstimos. O que torna necessário outra forma desse registro.

[...] Também, no começo mostrava livros de ballet de sua valiosíssima biblioteca. Escolhia um ou dois livros, no máximo. Explicava foto por foto. Texto por texto. Geralmente acontecia nas horas de descanso. De repente dizia: 'Bom, por hoje chega! Amanhã será dia. E... o vento levou'.

Voltando aos livros (à vaca fria, como ele dizia), lá pelo segundo ou terceiro ano de convivência, foi me deixando tirar livros da biblioteca e estudar 'sem sair do auditório'. Depois de ter estudado, ele vinha, como por acaso e perguntava sobre as fotos, bailarinos, coreógrafos, figurinistas, etc (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 75-76).

No Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS, Rosalia Camargo, em seu depoimento fala sobre a aquisição do Acervo de João Luiz Rolla:

[...] chegou ao nosso conhecimento através – acho que de uma professora da área de dança eu não me recordo bem – que o bailarino Rolla estava doente [...] então, resolveu vender este material e ofereceu à Universidade. Então esse material foi comprado, deve constar nesse relatório o valor tudo certinho (CAMARGO, 2013).

A respeito da tentativa de compra da coleção de Rolla, anterior a 1989, afirma Luiz Osvaldo Leite:

Mais tarde, na inesquecível experiência no Centro Cultural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fui intermediário de uma negociação, lamentavelmente não concluída, que visava adquirir seu rico acervo sobre dança (MEIRELES; MANTELLI, 1989, p. 39)

A seguir será realizada uma descrição analítica do Processo de Aquisição do Acervo de João Luiz Rolla¹², entremeada por excertos de declarações de Camargo (2013) e Dantas (2013).

O processo relativo a essa aquisição do Acervo de João Luiz Rolla, encontra-se no Arquivo Geral, localizado no Campus do Vale - PROCESSO Nº 23078.105466/94-47 de 04/11/1994; Procedência – Escola Superior de Educação Física (ESEF); Destino Inicial – Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN); Assunto Solicitação de Aquisição de Material Bibliográfico e Material Didático. Segue um relato do conteúdo e caminho desse Processo.

¹² Após buscas infrutíferas pelo Processo de Aquisição da Coleção no arquivo da própria biblioteca da ESEF, seja no relatório anual da biblioteca, ou noutras pastas referentes à gestão da mesma, o mesmo foi solicitado ao Arquivo Geral da UFRGS.

Em 03/11/1994, o ofício partiu da Biblioteca Edgar Sperb sob n. 86/94 ao Pró-Reitor de Planejamento Prof. João Luiz Becker, destacando a trajetória do prof. João Luiz Rolla e importância de sua coleção, justificava a aquisição da seguinte maneira:

Sua coleção particular de livros e outros materiais, especializada na área de dança, é composta de diversas obras estrangeiras, algumas esgotadas, de difícil obtenção, tanto no mercado livreiro como em bibliotecas universitárias, públicas ou particulares. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994, f. 1).

Tal processo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994) alega também que na ESEF eram ministrados cursos na área de dança: em nível de graduação: Rítmico – fundamentos EFI 206; Rítmica – atividades escolares EFI 207; Rítmica – dança EFI 208; Expressão corporal EFI 234; Ginástica rítmica desportiva EFI 209, 210, 211. E que, no curso de Mestrado em Ciências do Movimento Humano, encontrava-se em desenvolvimento uma dissertação¹³ na área de dança. E, também, que a Escola oferecia como cursos de extensão: danças de salão; teatro e dança; dança folclórica internacional, danças argentinas.

Fica claro, que no momento de conhecer e avaliar a coleção particular do professor Rolla, a professora Zelira Mendes Eichenberg e o professor Clézio José dos Santos Gonçalves, juntamente à bibliotecária, Paulete Golbert, ficaram impressionados com a qualidade do material bibliográfico, com sua riqueza e com a possibilidade de levá-lo para ESEF/UFRGS. Pois justificaram que a coleção seria incorporado ao Acervo Histórico:

Esta coleção enriquecerá não só este acervo especial, como também cobrirá lacunas existentes no acervo de dança de nossa Escola, sendo que se colocará acessível para uso das comunidades, acadêmica e em geral (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994, f. 1).

E encerra o a solicitação desta forma: “Em vista do acima exposto, solicitamos que haja dispensa na licitação desta aquisição, avaliada em R\$ 3.000,00, baseados no Art. 24, inc. XV, da Lei 8.666/93”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994, f. 2). Assinam Ricardo Petersen (Diretor ESEF); Rosalia

¹³ DANTAS, Mônica Fagundes. *Dança: forma, técnica e poesia do movimento: na perspectiva de construção de sentidos coreográficos*. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciência do Movimento Humano) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

Pomar Camargo (Bibliotecária-Chefe); Zelira Mendes Eichenberg (Chefe do Departamento de Ginástica e Recreação); Clézio José dos Santos Gonçalves (Prof. de Dança do Departamento de Ginástica e Recreação); Paulete Golbert (Bibliotecária da ESEF). Visto dado por Janise Silva Borges da Costa (Diretora da Biblioteca Central).

Em 09 de agosto de 1994, é enviado o ofício n. 173/94/ESEF à Pró-Reitora de Graduação, profa. Merion Campos Bordas (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994, f. 3), no qual o Prof. Dr. Ricardo Petersen, Diretor da Escola, solicita apoio para a aquisição do acervo do prof. João Luiz Rolla, contando então com: 130 livros, partituras, fitas de vídeo, slides, fotografias e quadros na área de dança, solicitando o valor de R\$ 3.000,00 (três mil reais).

Como justificativa para essa aquisição, a falta de bibliografia na área para a disciplina oferecida no currículo e que tal acervo auxiliará no bom desenvolvimento das atividades da ESEF. As folhas 4 a 8 desse processo listam os 130 volumes com seus autores, títulos e área de edição, mais 25 exemplares de periódicos de dança, com títulos variados.

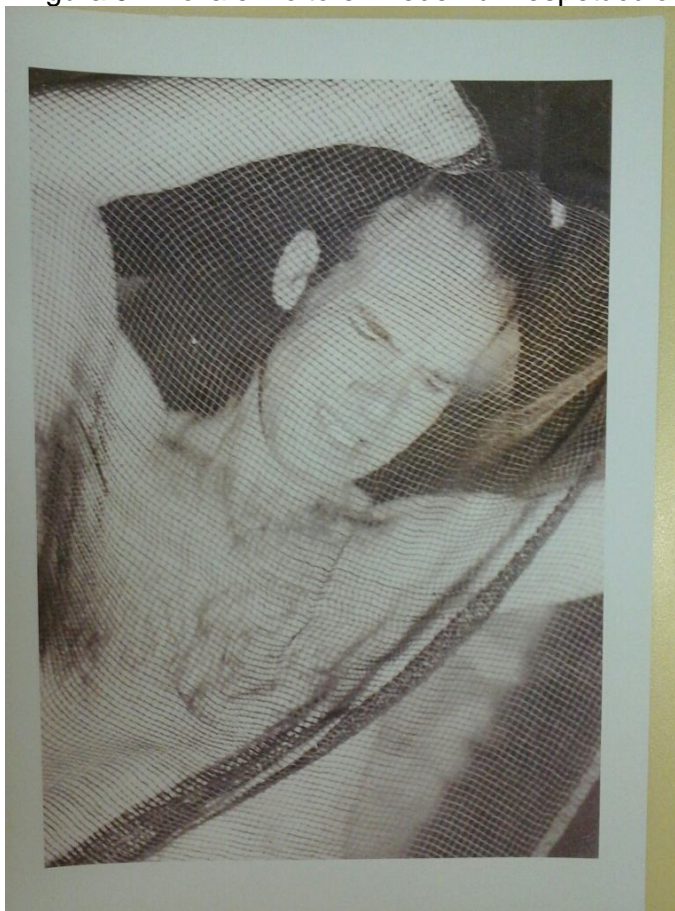
Na folha 9 de encaminhamentos manuscritas, em 04/11/1994, do Processo, a bibliotecária Paulete Golbert, solicita ao Prof. Becker (Pró-Reitor da Proplan): “Considerando a idade avançada do prof. João Luiz Rolla e sua ansiedade na concretização do processo de compra de sua coleção de obras raras, solicitamos urgência na tramitação deste processo”. Solicitação endossada pelo prof. Ricardo Petersen. No mesmo dia, o professor Becker encaminha à Procuradoria Geral (PG) para manifestação.

Após quatro dias, em 08/11/94, a PG encaminha ao coordenador da Área de Consultoria Jurídica (Procurador Tito Guimarães), que assinalava, no verso da folha 9, a necessidade de ser anexado um laudo de avaliação da coleção, elaborado e firmado por 3 (três) bibliotecários, servidores da UFRGS, indicados pela diretora da Biblioteca Central.

O processo retorna em 09/11/94, para PROPLAN, que o encaminha à Biblioteca Central (BC). No mesmo dia a bibliotecária Janise da Costa (Diretora da Biblioteca Central) encaminha à ESEF para que na pessoa da bibliotecária Paulete Golbert, juntamente às bibliotecárias Helena Maria de Araújo Vianna Antunes (Instituto de Informática) e Ana Lúcia de Macedo Rüdiger (BC), elaborem um laudo de avaliação da coleção a ser adquirida. Na folha 10 de Processo (UNIVERSIDADE

FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994), é informado à ESEF a substituição da bibliotecária Helena Maria Antunes pela bibliotecária June Magda Rosa Scharnberg (BC).

Figura 9 - Rolla envolto em rede num espetáculo



Fonte: Acervo fotográfico do CEME

A figura anterior demonstra um Rolla, emaranhado, como deveria se sentir a espera do processo que transcorria.

Em dois dias, 11/11/1994, a bibliotecária Paulete Golbert encaminha à PROPLAN o laudo requerido (anexado ao processo com numeração de f. 11). Prof. João Luiz Becker (PROPLAN), em 14/11/94, dá ciência e o encaminha à PG para manifestação.

Em 16/11/94, a PG (Procurador Tito) solicita à PROPLAN que a comissão de avaliação do acervo dê estimativa de valor de todo acervo em moeda nacional. O valor estimado ou médio, com buscas às livrarias de Porto Alegre via telefone, foi de R\$ 50,00 (cinquenta reais) por obra estrangeira; a coleção composta por 129 livros e

25 fascículos de periódicos. Porém, o valor da aquisição no processo consta de R\$ 3.000,00, afirmado no verso da f. 10 como: “[...] simbólico, não refletindo o valor real de mercado”, assinado pelas bibliotecárias da Comissão de Avaliação.

Fato este que foi decisivo para a dispensa de licitação para a aquisição da coleção, em 28/11/1994, no despacho assinado pelo Procurador Tito Guimarães. A procuradoria Geral da UFRGS dá acordo e encaminha à PROPLAN, em 30/11/94, encaminha à ESEF para empenhar. Em 26 de dezembro de 1994, é publicado no Diário Oficial da União n. 244 na seção 3, 26189 o Extrato de Dispensa de Licitação. O processo é arquivado no Arquivo Geral da UFRGS em 21/11/1995. É desarquivado, em 14/11/2013, para esta pesquisa.

Utilizando-se do instrumento de Atualização de Valores¹⁴ no sítio da FEE – Fundação de Economia e Estatística do RS, chega-se ao valor convertido de R\$ 3.000, em 1994, para o valor aproximado de R\$ 15.400 (quinze mil e quatrocentos reais) em 2014.

A emoção da busca desse acervo e os registros (não feitos) a respeito da formação da coleção por Rolla estão apontados neste depoimento de Rosalia Camargo:

Ele morava sozinho nesse apartamento. O que me lembro é isso, que foi muito emocionante para nós. Nós saímos de lá bem assim porque sentimos que era um pouquinho da vida dele; pena que na época não tivemos a ideia de levar um gravador para fazer uma entrevista, conversar e até gravar esta parte que ele conversou conosco. E eu não lembro se no relatório foi colocada alguma coisa nesse sentido, dessa emoção que sentimos. Mas foi muito legal, ele era uma pessoa bem calma para falar... Eu não lembro o horário, mas acho que foi pela manhã, acho que ficamos das dez da manhã até meio dia; eu sei que ficamos uma duas ou três horas e ele guardando os livros. Ele fez questão de guardar na nossa frente, de contar a história dos livros, onde ele comprou, se alguém deu para ele. (CAMARGO, 2013)

Rolla era, também, amante de livros, um bibliófilo, com perceberam Rosalia e Paulete no dia em que foram buscar a Biblioteca de Rolla:

Ele contava assim: cada livro que ele botava dentro da caixa, ele dizia como é que ele conseguiu, como comprou... Claro que não vou lembrar de detalhes, mas ele ficou muito emotivo. Nós saímos de lá arrasadas, eu e a Paulete, as duas chorando. [...] saímos de lá, as

¹⁴ <http://www.fee.rs.gov.br/>, no canto inferior direito há o quadro para atualização de valores.

duas em lágrimas carregando o material nas caixas... Aquela coisa dele ter contado detalhes de cada livro e tu sentir o amor que ele tinha por aqueles livros... [...] Mas ele mostrou álbuns, mostrou coisas que ele tinha e a gente trouxe esse acervo para a Biblioteca da ESEF (CAMARGO, 2013).

Sobre a percepção em relação à visão positiva de Rolla quanto à transferência da guarda de seus livros para a Biblioteca da ESEF, Rosalia responde:

[...] Eu acho que sim, porque ele viu uma maneira de ter dinheiro para se sustentar. E o que explicamos para ele, é que os livros iam ser preservados, todas as pessoas poderiam utilizar porque é uma biblioteca pública, que qualquer pessoa da comunidade poderia utilizar os livros, os bailarinos de Porto Alegre e escolas de dança poderiam utilizar. Então acho que ele viu que ia ser bem cuidado e até essa questão de irmos pessoalmente, ter conversado com ele e não simplesmente ter ido lá, encaixotado, mandado alguém ir buscar, um motorista... Mas não, fizemos questão de ir lá, de conhecer, de conversar e trazer esse material para cá. (CAMARGO, 2013)

A chegada dos livros na ESEF, por Rosalia:

E depois nós trouxemos os livros e incorporamos ao acervo. Assim, esse acervo do professor Rolla veio a somar ao Acervo Histórico, assim como outros acervos que foram doados como o do professor Targa; e da professora Olga Valeria Kroeff Echart, que também fomos buscar em casa. Posterior a [isso] professora Janice veio trabalhar aqui na ESEF e foi montado o Centro de Memória. Aí esses livros passaram a fazer parte do Centro de Memória. [...] Eles ficaram na biblioteca até o CEME ir para onde era o antigo LAPEX. Depois teve um incêndio e resolveram voltar com o acervo para a biblioteca (CAMARGO, 2013).

Sobre a chegada da biblioteca de Rolla à ESEF e a menção de outro acervo de Rolla, Mônica Dantas¹⁵ diz:

Bom, na verdade, até a chegada do acervo aqui eu não tinha nenhum contato pessoal com o professor Rolla, mas eu estudei, fui aluna da professora Isabel Beltrão¹⁶, que deu aula no Balé Redenção e que foi uma das alunas do professor Rolla. Então eu acho que esta rede de relações vai se tecendo durante a nossa formação. Mas efetivamente o acervo do professor Rolla, tem dois acervos se eu não me engano, aqui na ESEF relativos ao professor Rolla. O primeiro deles é o acervo da biblioteca. A biblioteca do professor

¹⁵ Bailarina, Coreógrafa, Pesquisadora, Professora Dra. da Escola de Educação Física da UFRGS.

¹⁶ Presente nos depoimentos no livro *Trajétória de uma sapatilha...* (MEIRELES; MENTELLI, 1989, p. 67-68)

Rolla que foi comprada pela biblioteca da ESEF, nos anos 1990, em meados de 1996 [...] (DANTAS, 2013)

Sobre esse acervo, a professora diz:

[..] Então esta biblioteca é uma biblioteca muito interessante, tem livros antigos, tem inclusive uma do Curt Sachs "*Historia Universal de la Danza*"; tem o livro sobre os balés russos em francês com imagens e ilustrações muito bonitas, enfim, acredito que esteja lá dentro da biblioteca, naquela parte do acervo histórico. Ela foi comprada pela ESEF quando o professor Rolla ainda estava vivo (DANTAS, 2013).

Sobre o uso do acervo, Mônica destaca:

[...] Eu me lembro exatamente o seguinte: a notícia de que a Biblioteca do Rolla havia sido comprada e depois eu me lembro dos livros. [...] eu mesma pesquisei para elaboração da minha dissertação de mestrado, que foi defendida aqui em 1997. Então eu elaborei minha dissertação, em 1995, 1996 eu já consultei livros na biblioteca, não depois de 1995 (DANTAS, 2013).

Alguns livros da coleção de Rolla apresentam pistas de uso, que levam a imaginar que foram feitas por ele, são marcas de leitura, algumas anotações, que serão apresentados no capítulo de avaliação que segue. Outros itens também são avaliados nas obras pertencentes a essa coleção e revelam algo já sabido, mas ainda não pesquisado. O capítulo que segue demonstra isso.

4 AVALIAÇÃO DE RARIDADE BIBLIOGRÁFICA

También alegó un hecho que todos los viajeros han confirmado:
No hay, en la vasta Biblioteca, dos libros idénticos.
(BORGES, Jorge L. **La Biblioteca de Babel**)

Nice Figueiredo (1998) afirma que avaliar a coleção de uma biblioteca é, efetivamente, uma verificação dos seus métodos de seleção, usando os meios comumente empregados para isso, devendo levar em consideração os objetivos dessa biblioteca; isso acontece para que as coleções possam se desenvolver harmoniosamente, sem que algumas de suas partes se desenvolvam de forma aleatória, tornando-se estranhas ao conjunto.

Em *Que é livro raro?: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica*, Ana Virgínia Pinheiro (1989) afirma que a instituição mantenedora avalia se sua coleção é histórica, rara, preciosa e apresenta caminhos para que, dessa forma, crie seus próprios critérios para esse processo. Essa obra de Pinheiro é, ainda hoje, referência para avaliação de raridade em bibliotecas de instituições brasileiras, inclusive a Biblioteca Nacional¹⁷. Cabe dizer que estabelecer parâmetros de raridade/preciosidade bibliográfica aceitos universalmente constituiu-se também em:

Associar ao caráter de unicidade, atribuído ao livro, características tais como: beleza tipográfica; edições limitadas, numeradas ou personalizadas; limite histórico, definido pelas características artesanais; autores, editores, impressores, tipógrafos e livreiros célebres; ineditismo do assunto, a luz da época em que foi abordado; carência de novas edições de obras muito procuradas; importância histórica de edições comemorativas ou contemporâneas de acontecimentos de inegável relevância histórica e outros (PINHEIRO, 1989, p. 21).

Em *O livro raro*, Ana Virginia Pinheiro (2011) aponta que nas bibliotecas, geralmente, um livro é raro por ser antigo ou belo, sendo cuidado como patrimônio a ser preservado. E nessas circunstâncias, afirma a autora, um livro “raro” pode ser mais ou menos valorizado, não apenas por seu valor intrínseco – o conteúdo resultante de força intelectual; ou por seu valor extrínseco – o que contém, resultado do trabalho de artífices que lhe imprimem forma valiosa: formato do livro, edição

¹⁷ Biblioteca Nacional (BN): entidade/órgão responsável pelo controle do depósito legal da produção intelectual e científica de seu país. No Brasil, está localizada no Rio de Janeiro.

luxuosa, tipografia utilizada, ilustrações; mas também pela raridade “atribuída” – resultante de contingências, como o ambiente social no qual foi impresso ou em que se encontra (edições limitadas, guerras, falta de matéria-prima, censura, catástrofes, etc).

Para Faria e Pericão (2008) livro raro e livro precioso são o mesmo:

Livro raro - assim designado por ser detentor de alguma particularidade especial (antiguidade, autor célebre, conteúdo polêmico, papel, ilustrações). Consideram-se geralmente livros raros os incunábulos, as publicações anteriores a 1800; as primeiras edições de obras literárias, científicas e artísticas; as obras com encadernações primorosas; as obras que pertenceram a personalidades célebres e que apresentam a sua assinatura ou notas e, sobretudo, os exemplares únicos • livro que se destina apenas aos curiosos; livro precioso; livro reservado; obra rara; cimélio (FARIA; PERICÃO, 2008, p.469)

Conforme Pinheiro (1989), na construção de uma metodologia para avaliação de raridade serão considerados, os seguintes aspectos:

- a) Limite Histórico (LH) – todo período que caracteriza uma fase histórica, demarcada em função do conjunto bibliográfico (âmbito, objetivo, utilização, assunto, etc.) e/ou do interesse do colecionador – por exemplo, uma coleção de primeiros números de diversos jornais;
- b) Aspectos Bibliológicos (AB) dos volumes - beleza tipográfica (graficamente artística); natureza e características dos materiais utilizados como suporte na impressão (edições de luxo, tipos de papel, marcas d'água, tinta, etc.);
- c) Valor Cultural (VC) – os assuntos tratados à luz da época em que foram pensados e escritos; obras científicas que datam do período inicial de ascensão daquela ciência; teses; obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte, tais como guerra, fome...; edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas;
- d) Pesquisa Bibliográfica (PB) – que vão apontar os seguintes caracteres da obra/exemplar: unicidade¹⁸ e rareza, sob o ponto de vista de bibliógrafos, bibliófilos e de especialistas no assunto da obra – há de se considerar aqui,

¹⁸ Unicidade (livro único) – esta característica refere-se mais a um “exemplar único” que a um “livro único”, pois este caráter perde força quando nos deparamos com a quantidade de acervos armazenados em porões, em salas anexas, em bibliotecas particulares e indevassadas, em fundos de armários, como “livros velhos”, que ninguém quer ler e sujeitos à venda como “papel velho” – nesses acervos podem proliferar exemplares do dito “exemplar único no mundo”. (FARIA; PERICÃO, 2008)

apenas a classificação de uma obra/exemplar com o epíteto de única, como rara; não com o de “única conhecida”; esta característica deve ser bem fundamentada em bibliografias de mérito reconhecido; preciosidade e celebridade, referindo-se àquelas obras mais procuradas por bibliófilos – por quaisquer razões – e/ou mais estudadas por eruditos; curiosidade – referindo-se àquelas obras em que o assunto foi tratado de maneira “*sui generis*” ou de apresentação tipográfica incomum; nas fontes de informação comerciais que vão avaliar, em espécie, cada unidade bibliográfica – o preço, também, passa a ser indicador de “raridade”.

- e) Características do exemplar – referindo-se àqueles elementos acrescentados ao livro em período posterior a sua publicação: marcas de propriedade: *ex-libris* (vinheta contendo o nome ou divisa do proprietário da obra que aparece colada no verso ou reverso da capa de livros de sua biblioteca), *super-libris* (marca de propriedade aposta na encadernação de uma unidade bibliográfica), assinaturas, indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidade famosa e/ou importante; marcas de artífices/comerciantes renomados e/ou considerados no mercado livresco, tais como encadernadores, restauradores, livreiros, etc; dedicatórias de/a personalidades famosas e ou importantes.

A adoção desta metodologia de abordagem alternativa na determinação de critérios de raridade bibliográfica não vai, certamente, estabelecer princípios irremovíveis, porque parte-se da premissa de que não existe uma realidade objetiva empiricamente determinável; suas suposições adequam-se ao contexto, ao momento crítico, à situação particular. (PINHEIRO, 2011)

Para Pinheiro (2011), a avaliação de um item quanto a sua natureza será resultado da ponderação entre seu valor intelectual e seu valor material, baseando-se em pesquisa bibliográfica e nas características bibliológicas observadas, para buscar informações sobre:

- a) Integridade: quando o item oferece condições de manuseio e coerência e sequencia textual e imagética;
- b) Idade: quando o item apresenta autenticidade material, consoante a história e as técnicas de produção do livro;
- c) Proveniência: quando a origem do exemplar é identificada e legitimada;

d) Importância: quando a obra rara tem interesse histórico ou representatividade na área de conhecimento em que se insere. Dessas abordagens, a integridade ganha aspecto fundamental, sendo mais valorizados os exemplares: com margens mais extensas, próximas a do formato original, isto é, exemplares pouco aparados, que não sofreram sucessivas encadernações, evidenciadas pela guilhotinagem dos cortes; com sua originalidade preservada, que não sofreram restauro ou pequenos reparos, mesmo que apresentem sinais de deterioração; com encadernações originais ou “de época”; completos, com todas as páginas e ilustrações. A avaliação de itens preciosos não objetiva apenas atender ao interesse de sua negociação, mas também à atribuição de valor patrimonial e à promoção de seguro. (PINHEIRO, 2011, p. 24)

Atribuir valor a livros raros e preciosos, como afirma Pinheiro (2011), não é tarefa fácil, tanto para registro ou catalogação, como para compra/venda ou para a avaliação para seguro, porque apesar de levar em consideração valores objetivos, alguns aspectos demonstram certa subjetividade, tais como avaliar a beleza tipográfica e luxuosidade – depende de cada avaliador. Na comercialização destes materiais não há coerência de preços, regularidade de ofertas ou padronização de procedimentos, ao contrário, tudo é relativo e depende das circunstâncias. Exemplares da mesma edição de uma obra podem alcançar valores díspares no mercado em função de diferenças na sua completude ou integridade (presença de sobrecapa, capa, todas as folhas e ilustrações) e de condições do suporte (condições de manuseio, conservação).

Pinheiro (2011) também diz que cada leitor, cada bibliotecário, cada bibliófilo estará livre para escolher, a despeito das bibliografias – que apresentam diferentes julgamentos de valor indicativo – as obras que correspondem ao seu espírito, ao seu humor e por tudo o que foi dito, a sua sensibilidade na formação de uma coleção de obras raras. O que poderá resultar numa avaliação frágil ou incompleta necessitando de outras avaliações para seu desenvolvimento. Uma avaliação com pares poderá apresentar melhor completeza ou ampliar a leitura daquele exemplar analisado.

Essa análise mais primorosa, mais detalhada forma um fator importante para subsidiar as tomadas de decisões referentes às negociações de acervos na busca da identificação, que o Valor Patrimonial da Coleção. Apresentado no subcapítulo que segue.

4.1 VALOR PATRIMONIAL DE COLEÇÕES

Conforme o Decreto-lei nº 25, promulgado durante o Estado Novo do Brasil: “Patrimônio [cultural] é o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país, cuja conservação seja de interesse público quer por sua vinculação a fatos memoráveis, quer pelo seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico”. A Carta do México, de 1985, em Defesa do Patrimônio Cultural apresenta o Patrimônio Cultural de um país como “o conjunto dos produtos artísticos, artesanais e técnicas, das expressões literárias, linguísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupos étnicos, do passado e do presente”. Teixeira Coelho (2004) afirma que, para muitos profissionais do patrimônio, o grande papel do patrimônio cultural é o de manutenção, construção ou reconstrução da identidade (tanto pessoal quanto coletiva) de modo a proporcionar, ao indivíduo e ao grupo: um sentimento de segurança, uma raiz, diante das acelerações da vida cotidiana na atualidade; o combate contra o estranhamento das condições de existência, proporcionando a vinculação do indivíduo e do grupo a uma tradição.

As políticas culturais patrimonialistas lidaram, na ampla maioria, com a ideia da descoberta de uma identidade a ser preservada ou restaurada e pouco (ou nada) aderiram ao conceito oposto, o da invenção de uma identidade (COELHO, 2004).

Para Marc Guilhaume (2003) o patrimônio tem tendência para se generalizar à realidade toda - do inerte ao vivo, do passado ao presente, do material ao imaterial; como uma vocação para homogeneização, enquadrando os elementos mais heterogêneos num todo homogêneo, arquivístico-conservatório. “A sua única eficácia é acumular-se indefinidamente” (GUILHAUME, 2003, p. 25).

Mac Guilhaume afirma:

O objeto de coleção apresenta-se quase sempre disfarçado. Ornado de funções econômicas (colecciona-se objetos de valor como meios de entesouramento) ou carregado de valores culturais, estéticos ou científicos, o objeto da coleção parece perder a sua especificidade (GUILHAUME, 2003, p. 57)

Confirmando a citação acima, Pinheiro (2011), determina que o valor patrimonial de coleções será determinado conforme seu objetivo – para tombamento (valor de seguro da coleção) e para negociação (compra e venda). Mas também, faz a relação do objeto colecionado (livro) ao colecionador, porém dando valor a esse

coleccionador (de renome). Nesse contexto, Pinheiro (2011) afirma que o valor patrimonial para tombamento deverá contar com:

1. Análise intelectual da coleção como um todo, a partir de listagem pré-elaborada;
2. Análise material da coleção como um todo, ratificando seu caráter precioso, à luz de abordagem massiva das características bibliológicas do conjunto;
3. Atribuição de valor, segundo métodos previamente delineados e preferencialmente ratificados na literatura;
4. Emissão de laudo de avaliação patrimonial, com valor justo estipulado de acordo com o mercado livreiro nacional e internacional em vigor.

Pinheiro (2011) também afirma que o valor patrimonial para negociação implica a análise da coleção sob dois enfoques: a avaliação massiva das características bibliográficas e análise por amostragem das condições materiais. A avaliação massiva de uma coleção particular, para obras nacionais, de um colecionador de renome, deve apontar no mínimo para sete critérios: a) Autores brasileiros, em primeira edição; b) autores brasileiros, com autógrafos ou dedicatórias de punho do autor ou de personalidades coetâneas do colecionador; c) edições fundamentais, nacionais ou estrangeiras, para área de especialidade do Colecionador; d) obras completas – do próprio colecionador ou de autores escolhidos; e) edições de artista, de luxo ou especiais; f) itens de colecionador – obras que personalizam a coleção e espelham outros interesses do colecionador; g) memória cultural e científica (obras multidisciplinares, anteriores ao século XIX).

Deve-se levar em consideração que:

Cada objeto da coleção é singular; desejado, procurado, adquirido ou obtido por si mesmo. Se possível ele deve ser autêntico, único, perfeito. Mas ao mesmo tempo, ele só encontra a sua significação essencial na série onde se insere. Se ele é único no universo dos objetos, ele é, a outro nível, intercambiável com todos os outros objetos da coleção. (GUILHAUME, 2003, p. 57)

No entanto, a análise das condições materiais, para Pinheiro (2011), pode ser a partir do padrão consagrado entre livreiros internacionais, que classifica, em níveis de 1 a 5, a perda de valor de um item devido a modificações em seu estado, sendo 1 (um), a referência para o melhor e 5 (cinco) para o pior, assim: a) livro novo - 1; b) livro muito bom - 2; c) livro bom - 3; d) livro regular - 4; e) livro ruim - 5.

Dessa forma, o valor patrimonial para negociação deverá considerar:

1. A preponderância de três critérios aplicáveis a coleções particulares no âmbito da Biblioteconomia de Livros Raros: antiguidade – relevância do volume de obras mais antigas na coleção, completude das áreas cobertas e memória cultural e científica.
2. Emissão de laudo de avaliação patrimonial com valor justo estipulado de acordo com métodos ou referenciais consagrados, como o “Método do preço único”, o “preço médio do livro” brasileiro e o preço médio verificado em catálogos internacionais de livreiros (PINHEIRO, 2011).

Cabe salientar que a avaliação patrimonial deverá ser documentada e ser a base para assegurar montagens de exposições, empréstimos e deslocamentos de seu lugar de guarda original para diversos fins, até mesmo para restauração dos materiais das coleções.

A questão patrimonial de coleções, como foi visto antes, não se encerra apenas no seu valor venal, econômico, de mercado, mas também na manutenção da relação do colecionador original com sua coleção, posteriormente institucionalizada.

Coloca-se em evidencia, como já afirmara Teixeira Coelho (2004) a incoerência da redução da ação patrimonialista à guarda ou apropriação do bem; assim, sua preservação deverá ocorrer consensualmente, de modo a permitir sua contribuição na alimentação da sutura do tecido social onde está localizado, permitindo uma produção cultural contínua.

No capítulo seguinte, a avaliação da Coleção de Rolla, um patrimônio da Escola de Educação Física, onde tais livros são usados para novas produções culturais.

5 AVALIAÇÃO DE RARIDADE DA COLEÇÃO DE JOÃO LUIZ ROLLA

Como mencionado anteriormente o objeto desta pesquisa é a coleção (biblioteca) privada de livros de João Luiz Rolla (1912-1999), comprada pela Escola de Educação Física/UFRGS em 1994. É uma coleção especial e única (por ter pertencido ao Rolla), é parte de um acervo especial (AH) numa biblioteca universitária especializada (Biblioteca Edgar Sperb/ESEF). Coleção formada de livros de dança ou relativos a essa arte. Para uma análise mais humanizada dessa coleção, que ultrapassasse a avaliação de valores comerciais apenas, é apresentada uma trajetória de vida de Rolla. Revelando o colecionador (e muitas de suas qualidades) que dá significado a essa coleção, mencionado na justificativa do processo de aquisição.

São 130 livros, publicados entre os anos de 1933 a 1988, já catalogados no Sistema Automatizado de Bibliotecas desde 1995, porém não identificados na época como pertencentes ao Rolla.

Por não estar em destaque ou espaço especial no Acervo Histórico da Biblioteca da ESEF e por não ser possível sua identificação direta por buscas na web, via SABi, como pertencentes¹⁹ à coleção de Rolla, o primeiro impulso foi o de buscar as obras diretamente nas estantes do AH, procurando alguma pista, tal como rubrica do Rolla, data de aquisição ou registro que aparecem nas etiquetas²⁰ dos livros. Sendo que os dados de aquisição desses livros foram investigados nas entrevistas de Rosalia Camargo (2013) e Mônica Dantas (2013) ao Projeto Garimpendo Memórias do CEME, que estão disponíveis no repositório digital do LUME-UFRGS, que utilizaram João Luiz Rolla como termo na sua indexação e por isso recuperados para esta pesquisa.

O depoimento de Camargo (2013) aponta que registros dessa aquisição poderiam estar nos relatórios anuais (de 1994 a 1996) da Biblioteca Edgar Sperb, no entanto, nada foi encontrado nesses relatórios a respeito dessa compra, porém nesse mesmo depoimento é dito sobre o envolvimento de Mônica Dantas. Assim, são os relatos de Dantas (2013), que levaram ao livro que deu pistas concretas dessa coleção - *História universal de la danza* de Curt Sachs e a partir de seus

¹⁹ A autora identificou os livros no campo respectivo de catalogação, atualmente é possível aos usuários identificá-los em suas consultas através do SABi.

²⁰ A partir do ano de 2000 os registros e identificação são feitos com menos interferência na obra, com etiquetas removíveis de papelão ou a lápis suavemente (6B).

dados de catalogação, pode-se chegar ao número do Processo de compra de tal acervo/coleção (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994). A partir desse número, solicitou-se à Comissão de Automação do SABI a formulação de uma lista completa de todos os livros constantes nesse processo. O que foi prontamente atendido.

Juntamente, foi solicitado ao Arquivo Geral da UFRGS (sede no campus do Vale) cópia desse processo, para que fosse esclarecido como se deu a aquisição: quantidade de livros, títulos, valor pago, quem estava envolvido (tudo devidamente relatado no capítulo anterior). Obteve-se a lista do processo.

Em posse das duas listas (do SABI e do processo) foi possível constatar que todos os livros estavam na biblioteca, não houve extravio de obras, mesmo passados 20 anos²¹.

O recorte temporal está focado no ano de 1994 (quando inicia o processo de aquisição) até a chegada e os primeiros usos dessa coleção por usuários da biblioteca, registrados como empréstimo manual (nas fichas de empréstimo).

O roteiro inicial foi de, ao identificar os livros da coleção estudada, alimentar as planilhas de catalogação do SABI para preenchimento do **campo 561** – nota que contém a informação relativa à história de propriedade e custódia do documento descrito. Já que dessa forma o catálogo pode gerar um relatório de origem dessa coleção. A partir dele, foi possível uma sistematização automatizada da avaliação.

Porém preencheu-se, erroneamente, para esse fim no **campo 590**²² - que é a notação que contém informações relativas à situação do documento na biblioteca acerca do estado físico do livro: muito bom, bom, ruim. E com observações se apresenta: bolor, ferrugem, folhas rasgadas, faltantes, encadernação ou com capa original, restaurado. Mesmo em local errado no campo 590, isso possibilitou as pesquisas e os cruzamentos necessários utilizados neste trabalho.

A sequência após esta avaliação é alimentar o **campo 903**, referente ao documento identificado na biblioteca como obra rara e possível de ser identificado pelos usuários do catálogo automatizado (tipo de material).

A análise dos livros baseia-se no capítulo *A arte de olhar, ver e tocar: a retórica silenciosa do livro antigo* de Pinheiro (2011):

²¹ Tempo esse que a autora não havia relacionado, 20 anos!

²² SABI, com esta pesquisa, alimentado no campo 590 no subcampo a: Coleção de João Luiz Rolla; no subcampo w: ESEF

[...] Entendeu-se que todos os envolvidos na produção e no uso do livro antigo deixaram marcas de sua interferência no suporte, nem sempre explícitas para quem não tivesse “olhos para ver”. Enquanto o estudo do texto explícito pressupõe a consideração da gênese da informação e de suas ligações hipertextuais lineares ou não, a análise do discurso implícito promove a consideração da arquitetura do livro, sob procedimento arqueológico instigante e revelador. [...] Enquanto o estudo do texto explícito exige do pesquisador o domínio de métodos e terminologias e certo volume de conhecimento inventariado, a análise do discurso implícito promove um desvelar continuado, como se o livro fosse “outro” a cada novo exame, com aspecto que não foi percebido pelo olhar e pelo manuseio anteriores. Esse “outro” livro sempre esteve ali, inteiro²³. [...] Como a informação que se desvela está implícita em duas linguagens, materialística e iconográfica, Há, pois, dois fatores que são definitivos para percepção do discurso implícito do livro: a visão e o tato do pesquisador. O olhar precisa ser treinado para ver, para distinguir entre aparência e essência – ver é olhar intensamente. O tocar consome a experiência do ver. O pesquisador precisa ver e tocar o livro pesquisado para perceber as informações que estão além do texto. (PINHEIRO, 2011, p. 8-9)

Para esta pesquisa foi construído um instrumento de avaliação, um formulário ou ficha de avaliação numa folha única de papel A4 (Apêndice D) para cada livro, em uma adaptação do instrumento criado no Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia da UFRGS, de Carolina Patrícia König (2010), intitulado: *Análise e identificação de critérios de raridade bibliográfica*²⁴: registros bibliográficos de obras raras sobre o Rio Grande do Sul em acervos de bibliotecas universitárias, trabalho este, orientado pela Profa. Dra. Lizete Dias de Oliveira²⁵ e coorientada por Lorete Mattos,²⁶ se fará uma relação entre os valores de Riegl (2008) e critérios de Pinheiro (1989) adaptados de König (2010)²⁷, para também relacionar a coleção de Rolla ao curso de Licenciatura em Dança. Tais critérios aparecem nas figuras (1, 2, 3, 4 e 5) que seguem e onde devem ser observados:

²³ Após curso ministrado por Ana Virginia Pinheiro, que especialista em Obras Raras da BN, a percepção é outra, o olhar mudou para avaliar um livro. E a cada olhada novas coisas se revelam.

²⁴ Trabalho baseado nas buscas em catálogos automatizados, onde dados foram retirados de campos visíveis aos usuários. Diferente desta dissertação onde a pesquisadora é a catalogadora.

²⁵ Professora Lizete Oliveira vislumbrou no acervo de Rolla, o objeto de pesquisa desta dissertação.

²⁶ Especialista em Conservação da Biblioteca Central da UFRGS.

²⁷ Trabalho apresentado na 77^a Conferência Geral da IFLA (The International Federation of Library Associations and Institutions), órgão principal internacional que representa os interesses das bibliotecas e serviços de informação e seus usuários, em Porto Rico em 2011.

- **Limite histórico**– compreende todo período que caracteriza uma fase histórica, demarcada em função do conjunto bibliográfico (âmbito, objetivo, utilização, assunto, etc.) e também aqui o momento de vida de Rolla;
- **Aspectos bibliológicos** – análise dos volumes produzidos independente da época de publicação, tais como beleza tipográfica, edição de luxo, encadernação luxuosa, marcas d'água;
- **Valor cultural** – os assuntos tratados à luz da sua época em que foram pensados e escritos; obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte, tais como guerra; edições de clássicos, assim considerados nas histórias das literaturas específicas;
- **Pesquisa bibliográfica** – que apontará os seguintes caracteres da obra/exemplar: unicidade e rareza, sob o ponto de vista de bibliógrafos, bibliófilos e de especialistas no assunto da obra (pesquisadores e docentes em dança). Há de se considerar aqui, apenas a classificação de uma obra/exemplar com o epíteto de única, como rara; não com o de “única conhecida”; preciosidade e celebridade, referindo-se àquelas obras mais procuradas por bibliófilos – por quaisquer razões – e/ou mais estudadas por eruditos; curiosidade – referindo-se àquelas obras em que o assunto foi tratado de maneira “sui generis” ou de apresentação tipográfica incomum; nas fontes de informação comercial, que vão avaliar em espécie cada unidade bibliográfica, o preço passa a ser indicador de “raridade”.
- **Características do exemplar** – referindo-se aqueles elementos acrescentados à unidade bibliográfica em período posterior à sua publicação: marcas de propriedade: *ex-libris* (vinheta contendo o nome ou divisa do proprietário da obra que aparece colada no verso ou reverso da capa de livros de sua biblioteca); *super-libris* (marca de propriedade aposta na encadernação de uma unidade bibliográfica), assinaturas, indicando que aquele exemplar pertenceu a um conjunto bibliográfico de personalidade famosa e/ou importante; marcas de artífices/comerciantes renomados e/ou considerados no mercado livresco, tais como encadernadores, restauradores, livreiros, etc.; dedicatórias de/a personalidade famosas e/ou importantes. No caso desta pesquisa alguns livros já identificados, apresentam a segunda

marca de propriedade, como assinatura e/ou dedicatória; marcas de livrarias importantes.

Figura 10 – Relações entre valores de Riegl (2008) e critérios de Pinheiro (1989)

VALORES	CRITÉRIOS	RELAÇÕES
Histórico e de rememoração intencional	Limite histórico	Elaboração da obra e características do período de criação da obra
Artístico e de arte relativo	Aspectos bibliológicos	Satisfação do desejo artístico e apreciação das manifestações artísticas
Rememoração intencional	Valor cultural	Razões para concepção da obra daquela forma (assunto, dificuldades de publicação, renome do artista)
Antiguidade e de novidade	Características do exemplar	“imperfeições” que tomam a obra especial e marcas que agradam a quem conhecer a obra
Uso	Todos os critérios	Utilidade e preservação das obras

Fonte: Adaptado de König (2010).

Figura 11 – Critérios de raridade baseados em Pinheiro (1989) – Limite histórico e Aspectos bibliológicos

CRITÉRIOS DE RARIDADE
LIMITE HISTÓRICO
Período que caracteriza uma fase histórica ou trajetória do Rolla
ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS
Beleza tipográfica
Edição de luxo
Encadernação luxuosa
Marcas d'água

Fonte: Adaptado de König (2010).

Figura 12 – Critérios de raridade baseados em Pinheiro (1989) – Valor cultural

CRITÉRIOS DE RARIDADE
VALOR CULTURAL
Edições de artífice renomado
Edições com textos de pessoa renomada (prefácio, introdução, etc.)
Edições comemorativas
Edições de clássicos
Edições esgotadas
Edições limitadas
Edições numeradas
Edições personalizadas

Obras desaparecidas
Obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte

Fonte: Adaptado de König (2010).

Figura 13 – Critérios de raridade baseados em Pinheiro (1989) – Pesquisa bibliográfica

CRITÉRIOS DE RARIDADE
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA
Curiosidade
Preciosidade
Rareza
Unicidade
Valor
Características do exemplar
Anotações manuscritas
Dedicatória do autor
Dedicatória do proprietário
Dedicatória para pessoa
Marcas de artífices/comerciantes renomados
Marcas de propriedade <i>super libris</i>

Fonte: Adaptado de König (2010).

Figura 14 – Critérios de raridade baseados em Pinheiro (1989) – Tipos de ilustrações

CRITÉRIOS DE RARIDADE
TIPOS DE ILUSTRAÇÕES
Desenhos
Estampas
Fotografias
Gravuras
Ilustrações fac-similares
Ilustrados
Litografias
Reproduções
Retratos

Fonte: Adaptado de König (2010).

Nas primeiras obras analisadas com aplicação dos critérios originais aplicados por König (2010), ao constatar ausência de alguns itens, que estão presentes em obras mais antigas, fez-se ajustes, excluindo itens para chegar aos que se apresentam nas figuras anteriores. Assim, fez-se a ficha de avaliação numa folha (A4) única para as descrições aplicadas a cada exemplar.

Alguns livros foram analisados antes da definição de ser utilizada a obra de Meireles e Mantelli (1989) para traçar a trajetória de Rolla, o que gerou uma análise diferente das feitas depois (dos mesmos livros) - como 'reconhecer' as pessoas que presentearam Rolla e suas dedicatórias.

A cada livro, o olhar foi-se apurando ou ficando mais atento, observando-se uma dobra no papel; onde se encontram as rubricas de Rolla; as marcas de leitura; anotações; o cuidado no uso desses livros. Pode ser uma avaliação subjetiva para muitos critérios tratados como técnicos, por exemplo, a percepção de encadernação luxuosa para uma pessoa, pode não ser para outra, pela falta de conhecimento das dificuldades de editorações na época em que o livro foi produzido. Saber a quem pertenceu, também torna a avaliação diferente, pois ao conhecer o universo do colecionador, pode-se buscar os sinais, suas marcas de leitura, ou mesmo, seu cuidado com o manuseio dos livros. Tudo isso foi observado na análise de cada exemplar.

5.1 ANÁLISE DE CADA EXEMPLAR

Após separação do material em estantes exclusivas no próprio AH, seguindo a ordenação pela etiqueta de lombada e conferência entre as duas listas, a ordem para análise iniciou pela essa já estabelecida. Depois seguiu aleatória (ou por assunto ou por tamanho), já que se decidiu organizar as obras já analisadas pela ordem de registro da lista do SABi. Cada obra analisada era destacada na lista do SABi e que é apresentada no apêndice 3. A lista de livros, original da época da aquisição, consta nas folhas 4 a 8 do Processo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 1994). A lista apresentada aqui é resultado de solicitação à Comissão de Automação do Sistema Automatizado de Bibliotecas - SABi²⁸, que foi imprescindível na listagem de todos os registros pertencentes ao processo de compra dessa biblioteca. Visto que a Comissão de Automação tem formas e arranjos de buscas mais complexos e exclusivos, diferentes dos que é permitido fazer nas bibliotecas. O que será mais detalhado no capítulo de avaliação.

²⁸ Localizada no CPD da UFRGS, conta com bibliotecárias especializadas e outros profissionais, responsáveis pela gestão de informação do sistema, tais como revisão de registros (duplicação, erros, etc.), normalização do uso do sistema, criação de meios de pesquisas e suporte técnico a todas as bibliotecas em dúvidas, recorrentes de processamentos técnicos.

O livro então, voltava para estante embrulhado numa folha reaproveitada com o número de registro dessa lista e ordenados de forma crescente. Foram ordenados por dezenas e assim estão para que se faça catalogação desse material no início de 2015, com os critérios aqui apontados.

Todo o processo de análise, desde seu início, foi definido a utilização equipamento de proteção individual – EPI (luvas descartáveis de látex e máscaras para pó) como conservação preventiva, para não manusear diretamente os livros, contaminando-os com gordura e suor das mãos. E também evitar contato direto com fungos e outras contaminações (poeira, dejetos de insetos, etc.) provenientes dos próprios livros. Utilizado também, somente lápis preto macio 6B para anotações nas fichas, visto que se ocorresse algum incidente com os livros, a marca desse modelo de lápis é menos agressiva e fácil de retirar (com borracha plastificada macia). Assim, iniciou-se por uma higienização simples dos livros para retirada de excessos de contaminantes e tornar o manuseio menos insalubre, mesmo com uso dos EPIs. Por esse mesmo motivo, as análises que iniciaram na sala do próprio AH, passaram depois para a sala maior de consulta aberta e finalmente na sala de estudos individualizados (sala menor). Esta última mais utilizada, pois possuía bastante ventilação natural agradável, no período de abril a agosto de 2014.

Ao iniciar a avaliação, livro por livro, página a página, além daqueles itens que denotam raridade, das figuras anteriores, verificaram-se:

- Capa - dura ou flexível;
- Carcela – papel dobrado para adicionar gravura;
- Cortes – partes laterais do livro fechado - aquarelado, gravado, dourado;
- Folha de rosto – página de uma obra impressa onde estão inscritos os elementos fundamentais relativos a ela, tais como o título, subtítulo, nome do autor (acompanhado por vezes dos seus títulos acadêmicos), nome do compilador; ilustrador, tradutor, etc. e, se for caso disso, indicação da edição, lugar da edição, nome do editor e data de publicação; frontispício; folha de título; rosto.
- Folha de rosto falsa – a que precede a folha de rosto ou página de título e que apenas contém o título da obra; ante-rosto; falso-rosto; falso título; anteportada.

- Formato: francês – quadrado; inglês – 23x33; atlas (caderno deitado) – 12x21; americano – 18x21cm;
- Folha de guarda – folha geralmente branca e de um papel mais espesso, colocada no início e no final de um volume, destinada, tal como nome indica, a proteger a obra; folha de proteção; guarda; página de guarda + folha de papel, geralmente mais fina que a do texto ou mesmo transparente, que acompanha e protege uma estampa ou gravura de um livro.

Tipologias de material de encadernação – papel corpo do livro; para encadernação.

O total de registros no SABi chega a 119, pois alguns títulos estão registrados sob um número somente, por pertencerem às coleções ou séries específicas de acordo com a sua edição. Ao desmembrar a lista por exemplares, chega-se a totalidade de 130 volumes. O número de registro segue uma ordem de entrada no SABi, ou seja, a data em que tal documento foi inserido na base. Todos os livros, dessa lista, foram avaliados quanto a sua raridade, preciosidade, porém somente alguns exemplares selecionados serão apresentados mais detalhadamente neste capítulo.

Os procedimentos na análise de cada exemplar foram se aprimorando conforme o andamento da atividade e na maioria seguiram os seguintes passos:

- Buscar livros na estante específica (usando luvas e máscara);
- Na mesa de trabalho, conferir na lista o livro selecionado;
- Juntar à ficha de avaliação, um lápis 6B (para preenchimento dessa ficha) e uma régua (usada para medir e abrir alguns livros);
- Conferir nota de imprensa do livro em mãos com a lista do SABi, fazer anotações na ficha para as alterações (edição, editor, autor, número de páginas, etc.);
- Analisar os estados da capa e sobrecapa;
- Analisar o estado geral do material (bom estado, pontos de mofo, etc.);
- Analisar a beleza tipográfica;
- Procurar marcas de propriedade (rubricas do Rolla, carimbos, etc.);
- Procurar dedicatórias;
- Abrir folha a folha e conferir completude do livro (falta de folha, imagens);

- Verificar marcas da Biblioteca (carimbos, etiqueta de lombada, fichas de empréstimo);
- Na ficha de empréstimo verificar se houve retirada e por quem;
- Procurar anotações e marcas de leitura;
- Analisar a obra (ilustrações, ilustradores, curiosidades);
- Pesquisar no mercado livreiro de obras raras os títulos e anotação nas fichas, sobre o valor (em *sites* estrangeiros²⁹ e num *site* brasileiro³⁰) – notações não apresentadas na dissertação, somente para registro de dados internos;
- Buscar informações dos livros para comparar com os analisados, questão de estado físico, onde encontrar, raridade - catálogo virtual da Biblioteca Nacional e *site World Cat* (busca em catálogos de bibliotecas cadastradas no mundo);
- Fotografar aqueles selecionados para esta análise e ilustrar dissertação.

Apresentam-se a seguir 15 obras avaliadas, selecionadas dentre essas 130 sejam pelas características do exemplar tais como: beleza tipográfica, ilustradores renomados, autografadas, com dedicatórias, com notações de personalidades importantes da ESEF; sejam pelo valor de mercado pesquisado nesta dissertação.

Serão apresentadas as compilações das fichas de avaliação (apêndice 5) preenchidas, seguidas de fotos das obras para identificação dos itens avaliados. Na grande maioria apresentadas a cada folha, com início na folha seguinte.

²⁹ A Libris, MareLibri, Livre Rare, Abe Books.

³⁰ Estante Virtual

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Kochno, Boris. **Le ballet**. Paris: Hachette, 1954. 380 p.: il., fotos. N. do registro: 55

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

Beleza tipográfica: sim

Edição de luxo: sim

Encadernação luxuosa: sim

VALOR CULTURAL

Edições de clássicos: sim

Edições esgotadas: sim

PESQUISAS BIBLIOGRÁFICA

Preciosidade: litografias originais de Picasso

Rareza: valor de raro – caracterizado como tal em sites especializados.

Para os sites MareLibris e aLibris, o livro é muito difícil de ser encontrado. Traz em seu frontispício litografia original de Picasso, no miolo gravuras de Miró, Dalí, Matisse, Leger.

BN: não encontrado

Características do exemplar: marca de dois empréstimos em maio/1997 e dez/1997. Etiqueta da capa retirada – capa em bom estado. Carimbos nas três faces, dedicado à memória de Serge de Diaghilev e de Christian Bérard

Conteúdo dos primórdios registros do ballet (1393)

Contando com ricas estampas de Picasso e Matisse, anexadas em somente uma das laterais de cada folha. Em ótimo estado para folhar. Encanta à cada folha, cada página. Uma surpresa a cada figura, tanto por sua beleza estética, como pelos artistas que os fizeram.

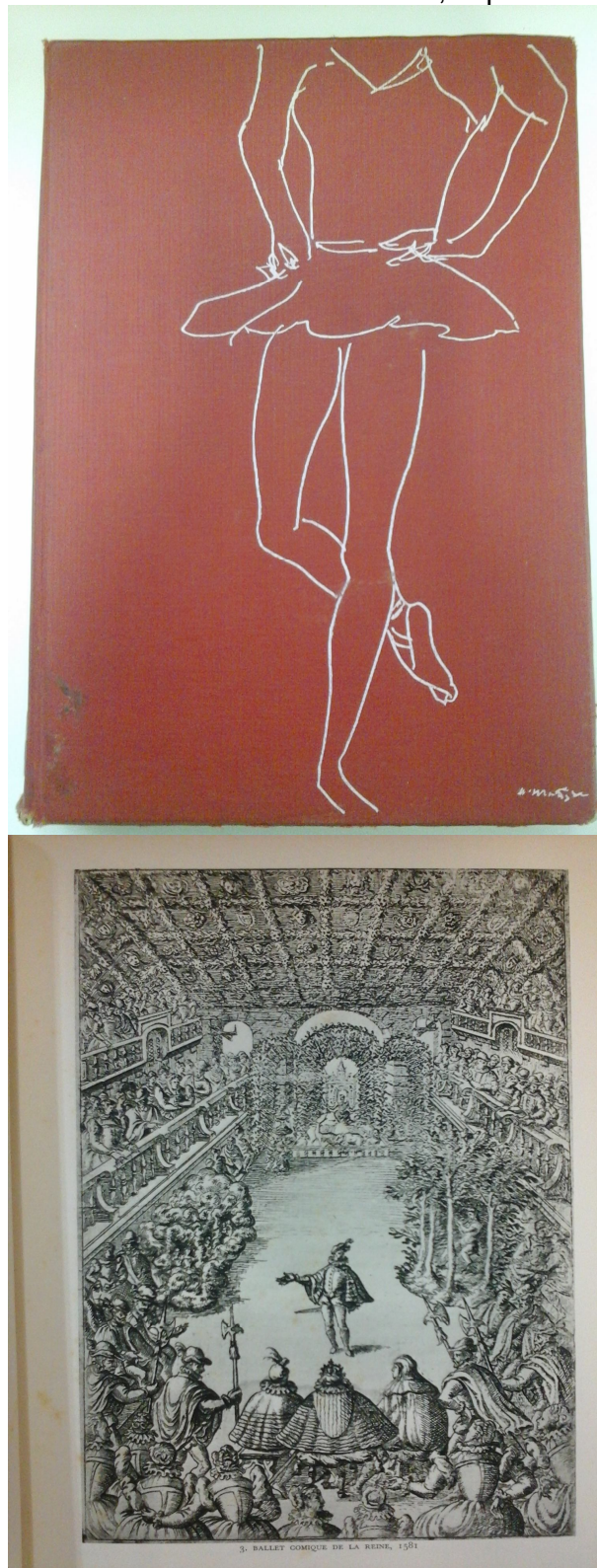
A capa com desenho em baixo relevo (bico de pena) de uma bailarina pintada em branco, capa de tecido vermelho.

Índices e bibliografia de 355 a 379, períodos da dança – autores das ilustrações – bailarinos e bailarinas.

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Litografias: originais de Picasso

Figura 15 - *Le ballet de Boris Kochno*, capa de Matisse



No alto, capa de Matisse; abaixo gravura de 1581 no interior do livro.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Duncan, Isadora. **Minha vida**. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1935. 322 p.: fotos N. do registro: 117

VALOR CULTURAL

Edições numeradas: sim, nº1675. ESEF possui outro exemplar com nº358

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Em AbeBooks 01 exemplar

BN/ catálogo geral: sim

Curiosidade: pertenceu a Napoleão Costa, depois foi oferecido à Rolla.

Características do exemplar: reencadernado, fizeram cortes (lixados), sem a capa original, poucos pontos de fungo. Doação feita a Rolla na época em que estreava no ballet.

Anotações manuscritas: propriedade Napoleão Costa, Porto Alegre 3/9/1937.

Rubricas Rolla na última folha.

Impresso em São Paulo na Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais” para a Livraria José Olympio Editora em dezembro de 1935

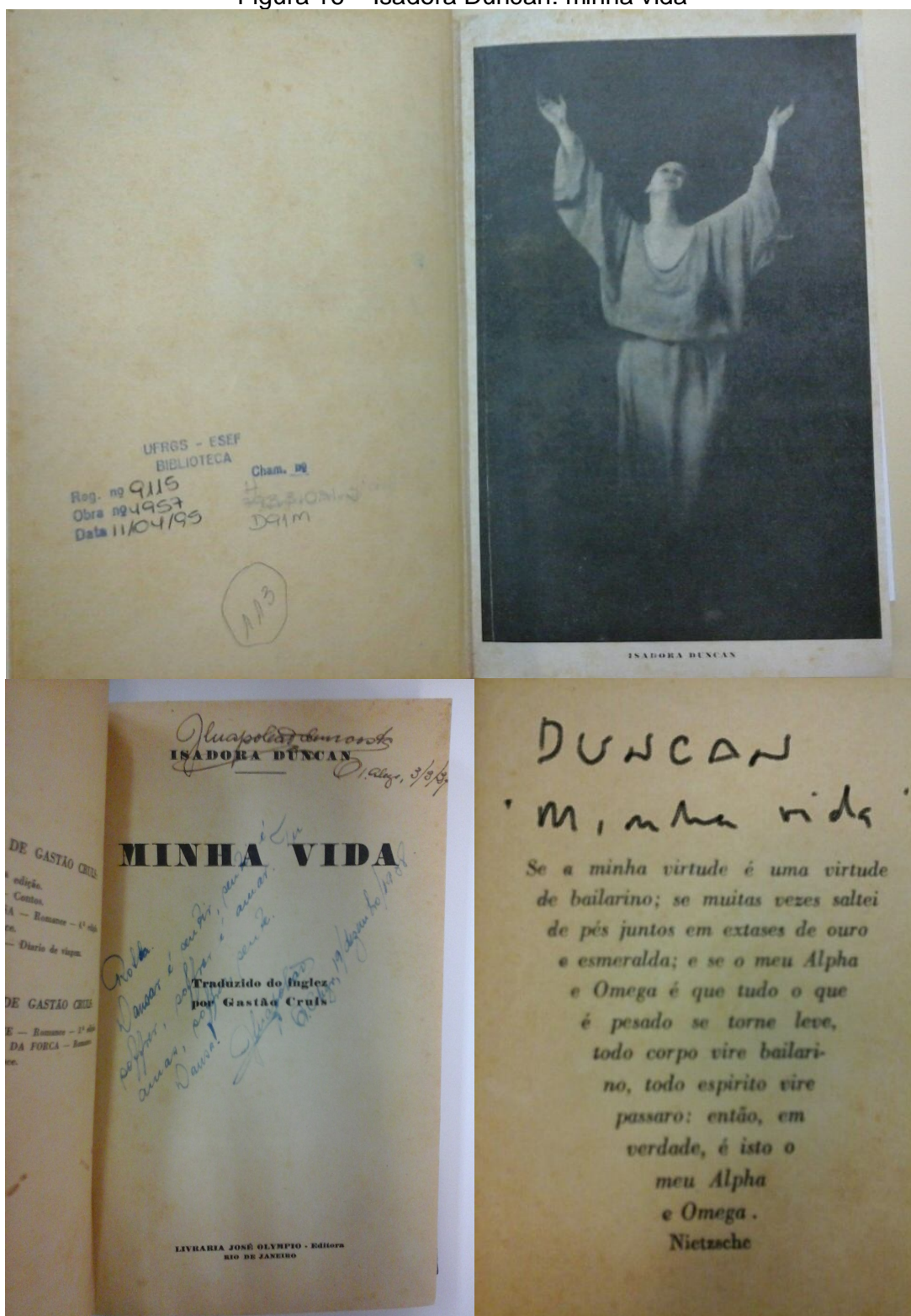
Marcas de artífices/comerciantes renomados: Miscelânea Praça da Alfândega, Porto Alegre

Tradutor: Gastão Cruls

OBSERVAÇÕES

Dedicado a Rolla 19/12/1938: “Rolla. Dansar é sentir, sentir é sofrer, sofrer é amar. Tu amas, sofre, sente. Dansa!” (sic)

Figura 16 – Isadora Duncan: minha vida



Guarda com marcas da biblioteca, frontispício, folha de rosto com dedicatória a Rolla.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Malvern, Gladys. [Dancing star: the story of Anna Pavlova. Portugues] **Ana pavlova:** a estrela danarina. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1944. 303 p.: il. N. do registro: 115

Período que caracteriza uma fase histórica:

1944 – II Guerra

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Valor: vários sebos de classificado como livro raro

BN: não encontrado na BN

Características do exemplar: folhas amarelecidas, um pouco quebradiças, muitos pontos de mofo, “queimadas”, não consultado – consulta local

Anotações manuscritas: prof. Targa Rubrica de Rolla na 1ª e última folha.

Dedicatória do proprietário: dedicatória de Targa em 20 de julho de 1944 na última folha de guarda.

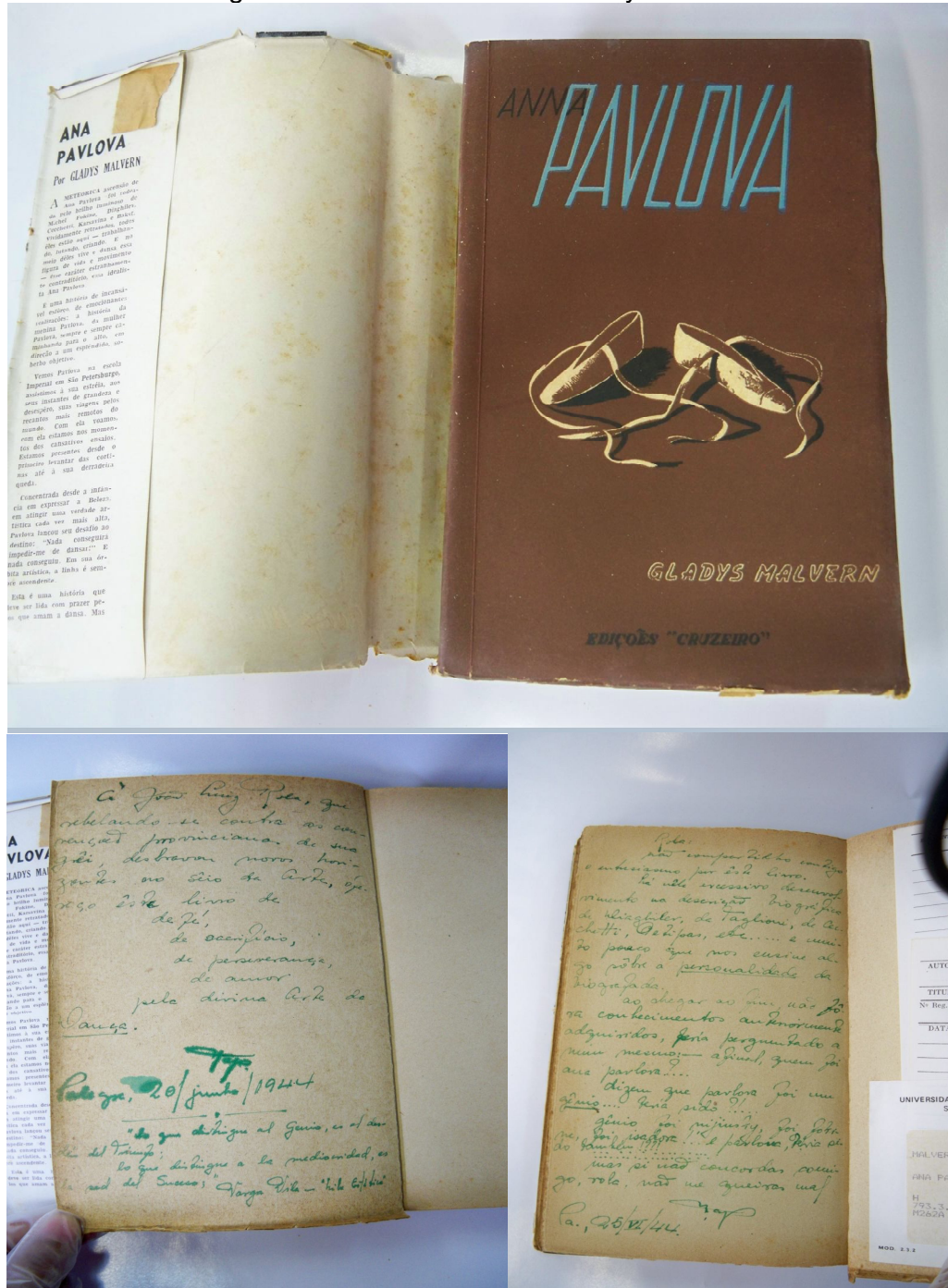
Tradutor: Isaac Paschoal

Ilustrações: Susana Suba

OBSERVAÇÕES

Provavelmente é o professor Targa que faz uma apresentação do livro ao Rolla, escrita à mão em caneta verde no verso da capa. No verso da sobrecapa, continua a escrita depois da leitura criticando a qualidade do livro ao não revelar quem era afinal Anna Pavlova.

Figura 17 - Anna Pavlova de Gladys Malvern



No alto, sobrecapa e capa. Abaixo, guarda e contracapa com texto de Targa para Rolla. Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Sachs, Curt. [Eine weltgeschichte des tanzes.. Espanhol] **Historia universal de la danza**. Buenos Aires: Centurion, 1944. 505 p.: fotos N. do registro: 116

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

Edição de luxo: sim

Encadernação luxuosa: capa com impressão em baixo e alto relevo dourado, capa em tecido

VALOR CULTURAL

Edições de artífice renomado: sim

Edição esgotada: sim

Edição limitada: sim

Edições numeradas: sim

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Curiosidade: reprodução de Degas foi retirada do livro mostrado na figura que segue

Preciosidade: sim

Rareza: sim

Stock Cultural/SP - no site AbeBooks por Música. Estudos, catálogo editorial musical. BN: não encontrado

Características do exemplar: livro antigo, muito lido, bastante grifado em lápis vermelho, capa com sinais de traça na lombada. Gravura de Degas retirada do livro, sobrecapa com sinais de traça e fita adesiva. Miolo íntegro, cortes amarelecidos, sobrecapa sofisticada com reprodução da “Dança dos Deuses”, de Sridar Mahapatra. 03 consultas pela profa Mônica Dantas

Marcas de artífices/comerciantes renomados: selo Globo

Marca de propriedade *super libris*: sim

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Fotografias: sim Gravuras: sim

Reproduções: sim Retratos: sim

Tradutor: Adolfo Jascalevech. Prefácio: W. de Brasil

OBSERVAÇÕES

Exemplar usado na primeira dissertação defendida no PPGCMH por Mônica F. Dantas. Primeiro uso do AH numa dissertação da ESEF.

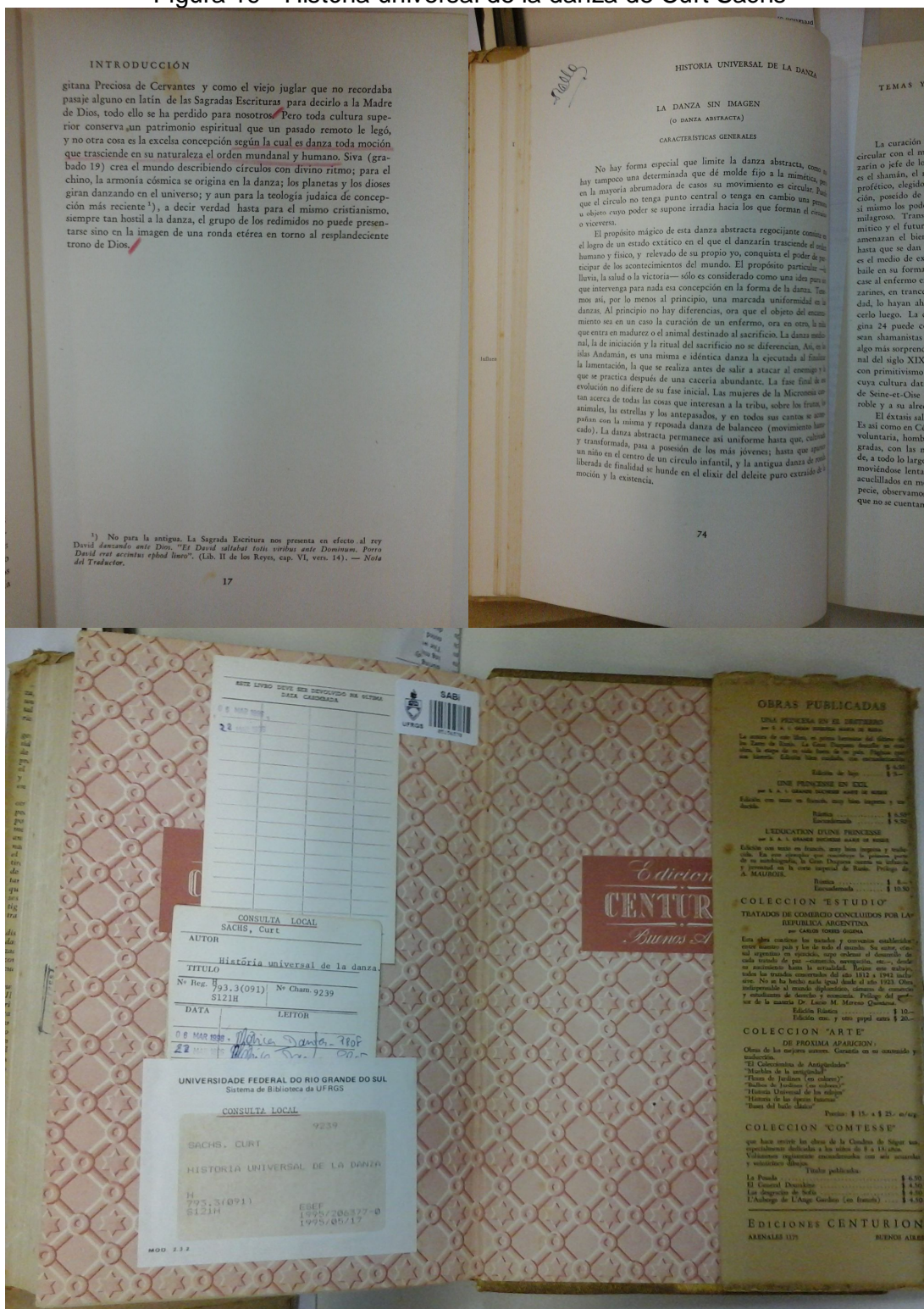
Figura - História universal de la danza de Curt Sachs

Figura 18 - História Universal de la Danza



No alto, sobrecapa e capa do livro; abaixo frontispício onde falta ilustração.
Fonte: A autora.

Figura 19 - História universal de la danza de Curt Sachs



No alto, páginas com marcas de leitura e rubrica de Rolla; abaixo, contracapa com fichas de empréstimo preenchidas por Mônica Dantas. Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Michailowsky, Pierre. **A dança e a escola de ballet**. Rio de Janeiro: MEC. Serviço de Documentação, 1956. 174p.: il. N. do registro: 43

VALOR CULTURAL

Prefácio de Afrânio Peixoto e Cecília Meyrelles

Edições esgotadas: sim

Obras desaparecidas: sim

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Curiosidade: 1º livro escrito no Brasil sobre estudo teórico do ballet.

Preciosidade: sim

Rareza: raro, encontrado 01 exemplar na AbeBooks.

Unicidade: não

Valor: Livro Raro! Encontrado na AbeBooks 01.

BN: não encontrado

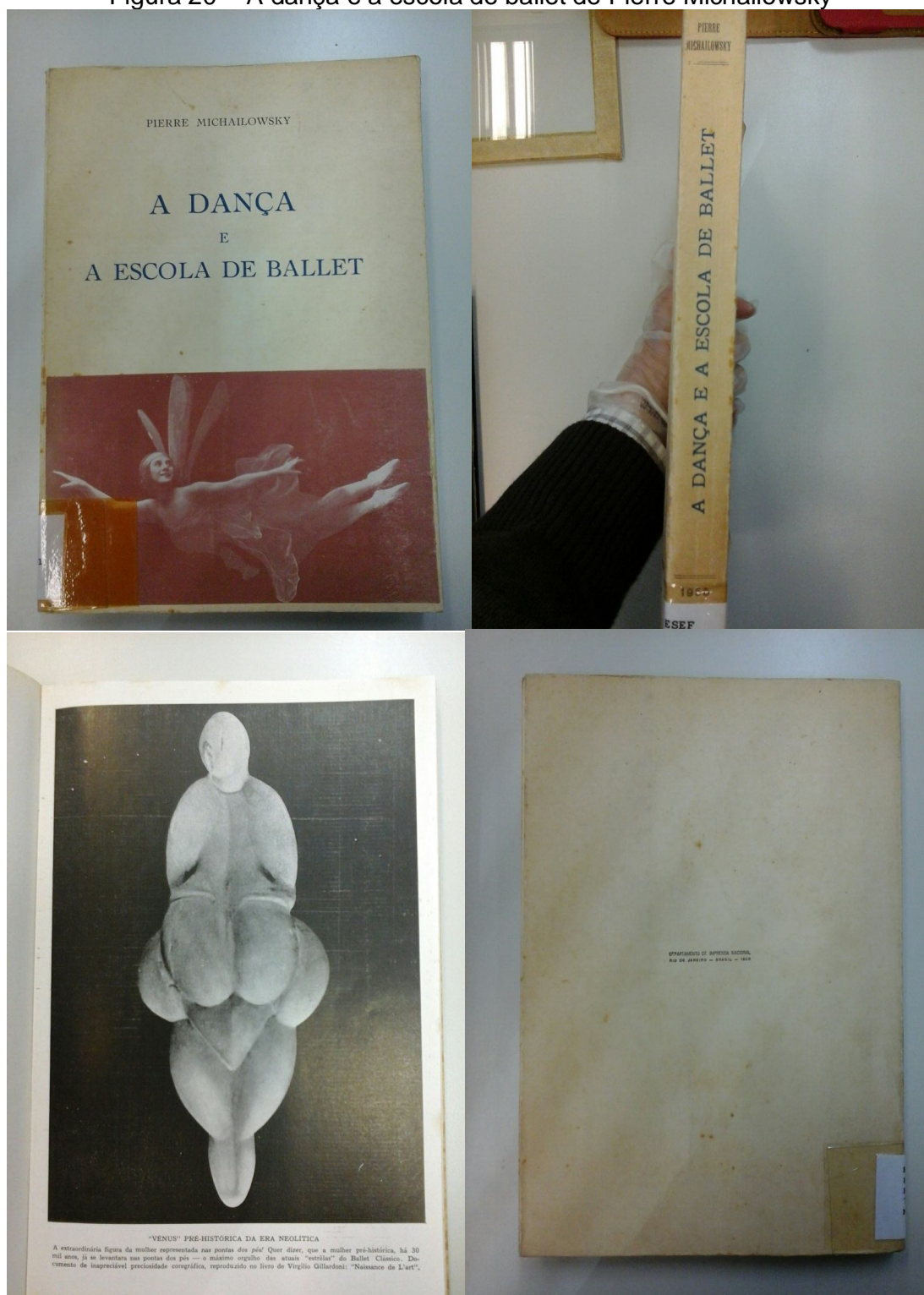
Características do exemplar: capa amarelecida bem como o corpo do livro, fungos em algumas páginas, oxidação nos cortes, mas íntegro, sem rasgos, nem folhas descoladas.

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Fotografias: sim

Retratos: sim

Figura 20 - A dança e a escola de ballet de Pierre Michailowsky



No sentido horário capa, lombada, interior com ilustração e contracapa.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Lifar, Serge. **Traité de chorégraphie**. Paris: Bordas, 1952. 231 p.: il., fotos N. do registro: 70

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

Beleza tipográfica: sim

VALOR CULTURAL

Edições de artífice renomado: Monique Lancelot

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Curiosidade: técnica dupla na capa, foto sobre montagem de desenho pink com perspectivas lineares

Sebo Virtual Cartaxo//SP 01 exemplar 01 exemplar em aLibris

BN: não encontrado

Características do exemplar: folhas abertas, livro lido, muitos sinais de fungo internamente, rubricas de Rolla, marcas a lápis do vendedor na última página.

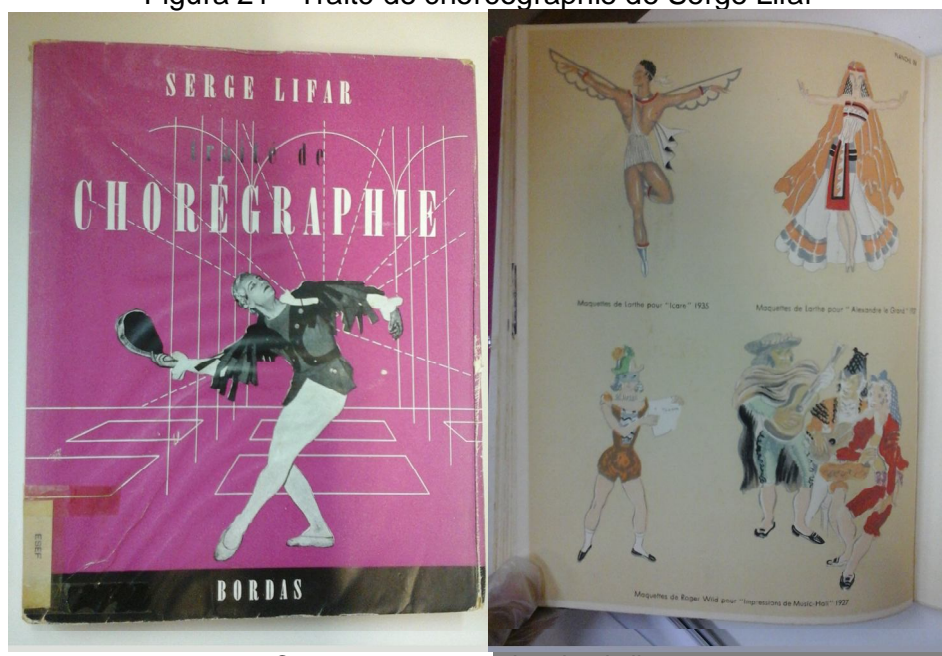
Cortes com sujidade e carimbos ESEF.

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Desenhos: sim Fotografias: sim

Litografias: Monique Lancelot Maquetes de vários artistas

Figura 21 - Traité de chorégraphie de Serge Lifar



Capa e maquetes no interior do livro.

Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Cotton, A.V.. **The new ballet:** kurt jooss and his work. London: Dennis Dobson, 1946. 156 p.: il.,fotos. Ilustrador: Richard Ziegler N. do registro: 112

Período que caracteriza uma fase histórica:

Pós Guerra

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

Beleza tipográfica: sim

VALOR CULTURAL

Edições esgotadas: sim

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Não encontrado em sites brasileiros, somente em AbeBooks.

BN: não encontrado

Curiosidade: do frontispício à p. 75 ocorreu um degrau junto ao corte interno devido à encadernação.

Características do exemplar: beleza tipográfica, bem conservado, frontispício assinado, folhas de guarda com desenho alegoria do ballet, muitos fungos nas primeiras pág. Mas, no geral, bem conservado. Rubricas Rolla, carimbos ESEF nos cortes e internamente. *Ex libris* da editora, sinais a lápis do vendedor, sinais de umidade na última página, muitos sinais de fungo, papel *couché* nas fotos e desenhos a lápis e papel mais grosseiro para desenhos, reproduções e guaches. Sobrecapa quase em papel cartaz. Capa imitando tecido com desenho dourado em baixo relevo, lombada com letras em dourado.

Tipos de ilustrações

Desenhos: muitos

Fotografias: muitas

Gravuras: sim

Ilustrações fac-similares: sim

Ilustrados: sim

Reproduções: sim

Retratos: sim

Muitos off-sets coloridos

Desenhos a lápis de Richard Ziegler

Figura 21 - The new ballet: Kurt Jooss and his work de Cotton



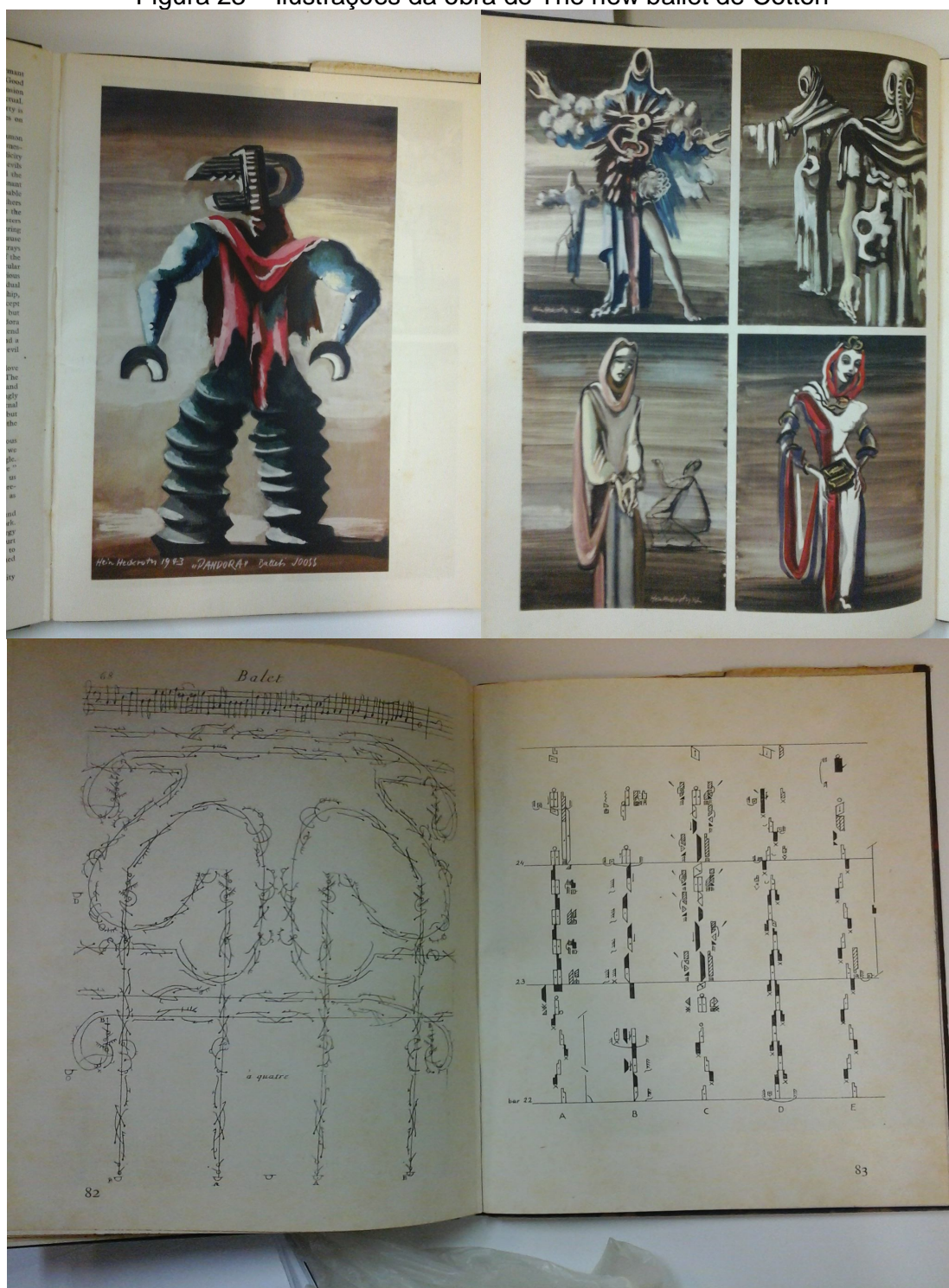
Sentido horário, sobrecapa, capa e guarda com rubrica de Rolla.
Fonte: A autora.

Figura 22 – Beleza tipográfica da obra The new ballet



Beleza tipográfica retratada em três momentos.
Fonte: A autora.

Figura 23 – Ilustrações da obra de The new ballet de Cotton



Alto, ilustrações. Abaixo, marcação coreográfica (p. 82-83).

Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Cosentino Inzua, Ezio Elbio. **Ballet y danza clasica**. Buenos Aires: E. E. Cosentino I., 1958. 99 p.: il., fotos. N. do registro: 33

Aspectos bibliológicos

Beleza tipográfica: sim

Valor cultural

Edições de clássicos: sim

Pesquisa bibliográfica

Não encontrado em sites estrangeiros, livro raro

BN: não encontrado

Curiosidade: composição de pessoal dentro da organização de um ballet, diretor, coreógrafo, diretor de cena; na p. 33, na conceituação de livros sobre Danza y ballet, Consentino indica vários livros sobre o tema: “História universal de la danza” (Curt Sachs), “El Ballet” (T. Dumont), “Las bases de la danza clásica” (A. Vaganova), “La danza y el ballet” (A. Zalazar), “Diccionario del balle y de la danza” (S. Gasch), “Cartas sobre las danzas y sobre los ballets” (J.J Naverre), “Los estudios em el ballet” (J. Dufresne), “La danza” (S. Lifar), “Manual técnico para los amantes del ballet” (K. Ambrose), etc... Literatura, destaca os literatos que escreviam sobre ballet: Jean Cocteau, Teofilo Gautier, Boris Kochno, etc...

Na página final há um censo “de la danza em sudamerica, 35 escuelas subvencionadas pelo estado, 250 academias paralelas, 1000 salões habilitados, 310.000 alumnos, 2.300 profesores”.

Características do exemplar: dedicatória – P. Alegre, junho de 1959, 1ª edição, dois exemplares em bom estado, poucos sinais de fungo.

Dedicatória do autor: sim

Tipos de ilustrações

Desenhos: muitos

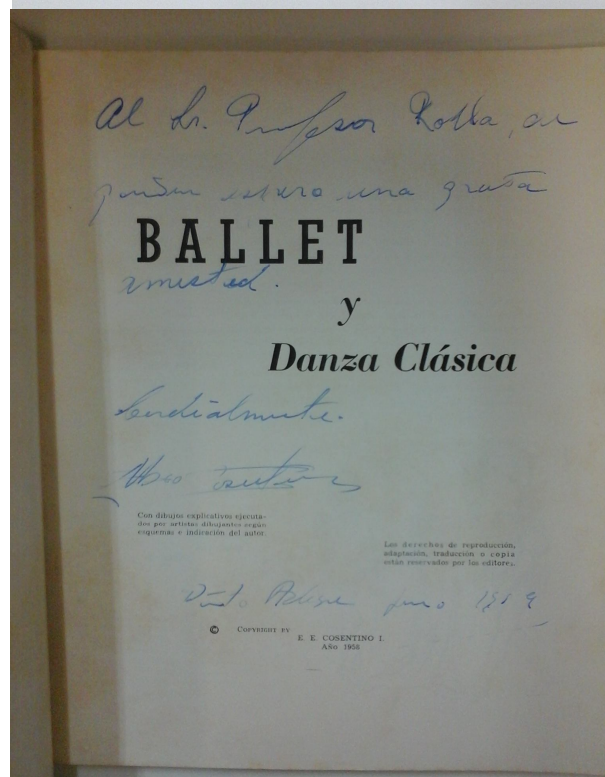
Fotografias: sim

Reproduções: sim

OBSERVAÇÕES

Alguns dos livros indicados pelo autor desta obra, como primordiais em dança, tem na coleção de Rolla.

Figura 24 – Ballet y danza clásica de Elbio Cosentino



Capa e folha de rosto com dedicatória de Cosentino ao prof. Rolla.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Cosentino Inzua, Ezio Elbio. **Escola clássica do ballet.** Porto Alegre: Sulina, [1958?] 112 p.: il. N. do registro: 34

VALOR CULTURAL

Edições de artífices renomados: 1959, Oficina Gráfica da Livraria do Globo

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Encontrado em AbeBooks

BN: não encontrado

Curiosidade: tradução e revisão de Cecy Frank da Silveira

Características do exemplar: um pouco oxidado, ótimo estado

Marcas de propriedade *super libris*: várias rubricas de Rolla

Tipos de ilustrações

Desenhos: muitos

OBSERVAÇÕES

Tradução: Cecy Frank da Silveira

Ilustrador Oscar Pereira (uruguaio)

Revisão: Tony Seitz Petzhold

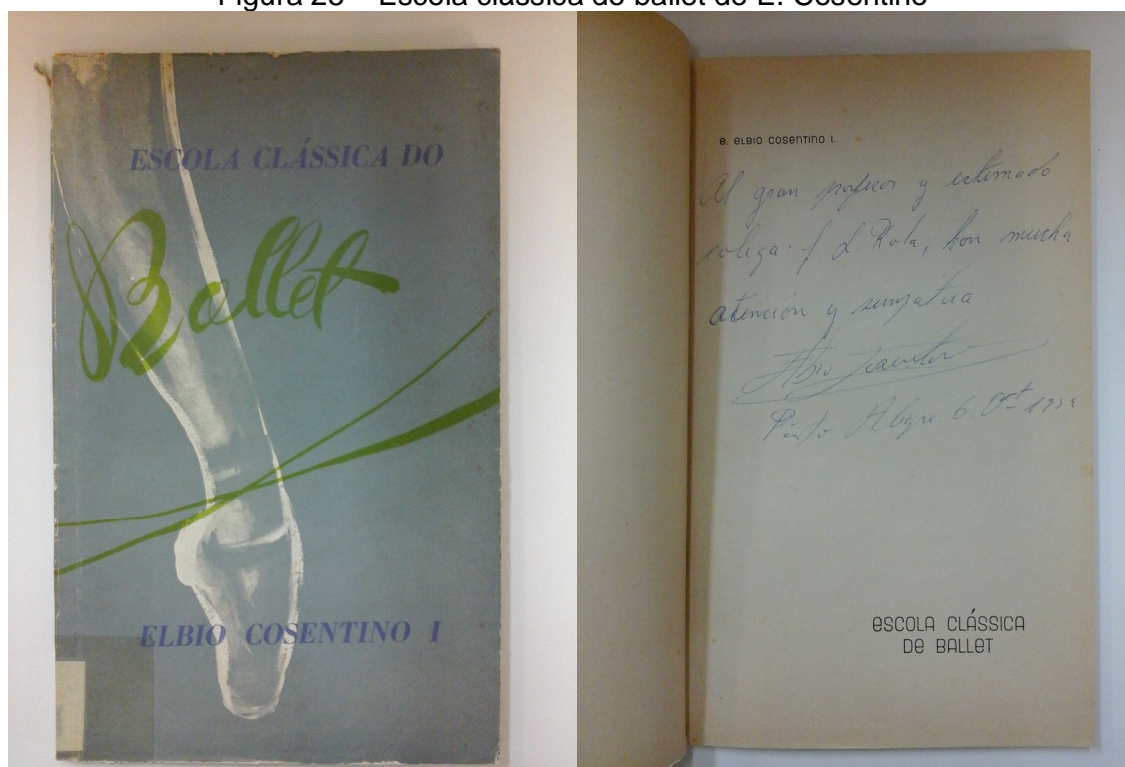
1ª edição brasileira

Dedicatória do autor:

“Al gran profesor y estimado colega, J. L. Rolla, con mucha atención y simpatia.

Porto Alegre 6. out. 1952”

Figura 25 – Escola clássica do ballet de E. Cosentino



Dedicatória do autor para Rolla.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Haskell, Arnold L. **The ballet annual:** a record and year book of the ballet. London: Adam and Charles Black, 1947-1957. ---v.: N. do registro: 106

LIMITE HISTÓRICO

Período que caracteriza uma fase histórica: 1956

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

Beleza tipográfica: muito linda a coleção!

Edição de luxo: sim

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Academia do Saber Constituição/ RJ

BN: não encontrado

Características do exemplar:

contém avulso marcador de divulgação “The Sadler’s wells ballet: a history and appreciation,” by Mary Clarke, carimbo ESEF na folha de rosto

Marcas de propriedade *super libris*: sobrecapa ultima p. 144, folha de rosto, p. 75, p. 52, Alicia Markova

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Fotografias: 100 fotos

Frontispício: Beryl Gray, “The lady and the fool”, por Baron

OBSERVAÇÕES

Coleção muito bela, muitas fotos coloridas.

Figura 26 - *The ballet annual* de Haskell

Capa, papeleta promocional deixada no livro, folha de guarda ilustrada.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Iuqui, Leda. **Anotações de uma professora de ballet.** Rio de Janeiro: G.T.L., [1960?] 55 p. ESEF H 793.3:37 I92a N. do registro: 29

VALOR CULTURAL

Edições comemorativas: ao I Encontro de Escolas de Dança do Brasil.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Universiteit van Amsterdam Central Bibliotheek 01 exemplar (via WorldCat)

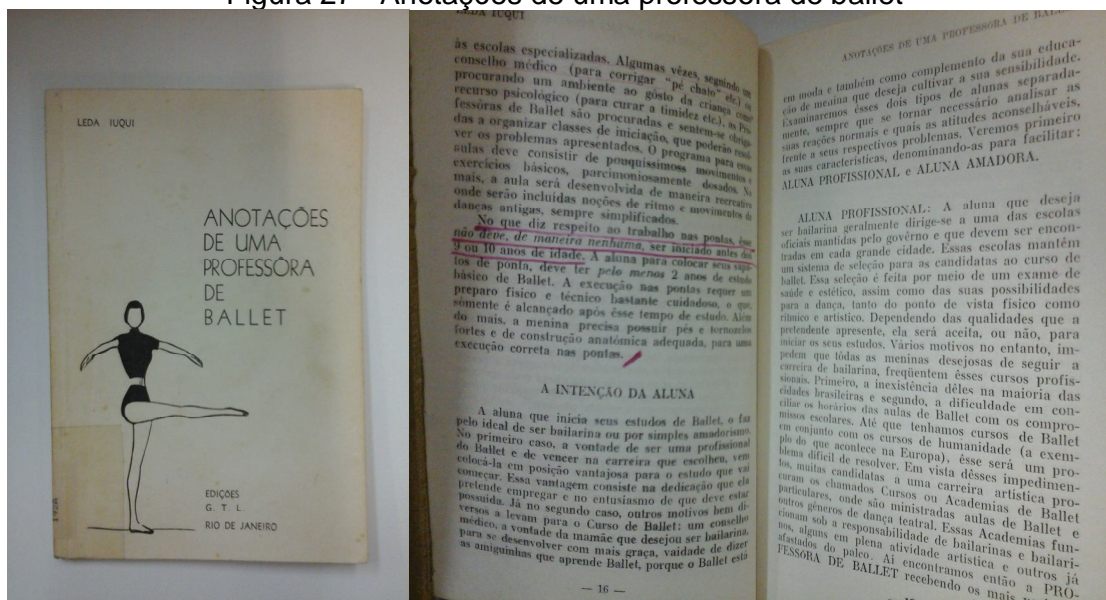
BN: não encontrado

Curiosidade: impresso pelo Yázigi: "Instituto de idiomas Yázigi mandou editar este livro como homenagem ao I Encontro de Escolas de Dança do Brasil, assim como homenageando mais uma iniciativa do grande amigo das moças que é Paschoal Carlos Magno"

Características do exemplar: muitas marcações de Rolla a lápis vermelho, dicas de aulas, comportamento, posturas, tratamento a professores e alunos.

Ilustrador: capa, desenho de Alceu

Figura 27 - Anotações de uma professora de ballet



Capa e marcas de leitura.

Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Encontro de Escolas de Dança do Brasil (1.: 1962 set. 05-10: Curitiba, SP) Magno, Paschoal Carlos. **[Programa]**. Curitiba: Universidade do Paraná, 1962. ca. 20 p. N. do registro: 25

LIMITE HISTÓRICO:

1962

VALOR CULTURAL

Edições comemorativas: 50º Ano da Universidade do Paraná/Curitiba 5 a 10 de setembro de 1962.

Edições limitadas: folhetos

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Preciosidade e Rarza: 1º Encontro Nacional de Escolas de Dança do Brasil

Curiosidade: aparecem as fotos dos professores que foram de Porto Alegre para o Encontro: Tony Petzhold, Cecy Frank e João Luiz Rolla

BN: não encontrado

Características do exemplar: Programa das apresentações, nomes dos bailarinos e fotos dos coordenadores das escolas

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Fotografias: das escolas (ballets) dos coordenadores das escolas

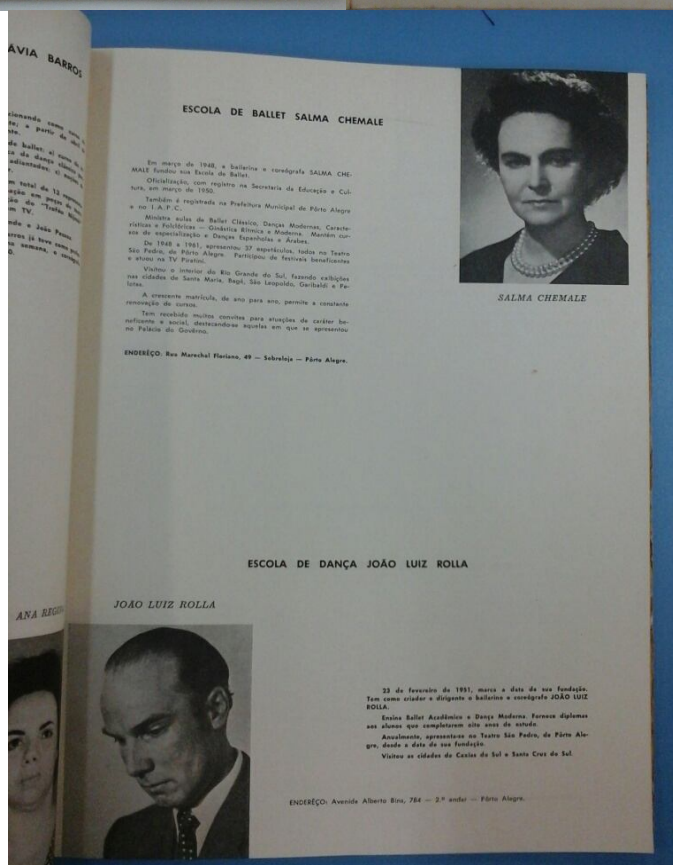
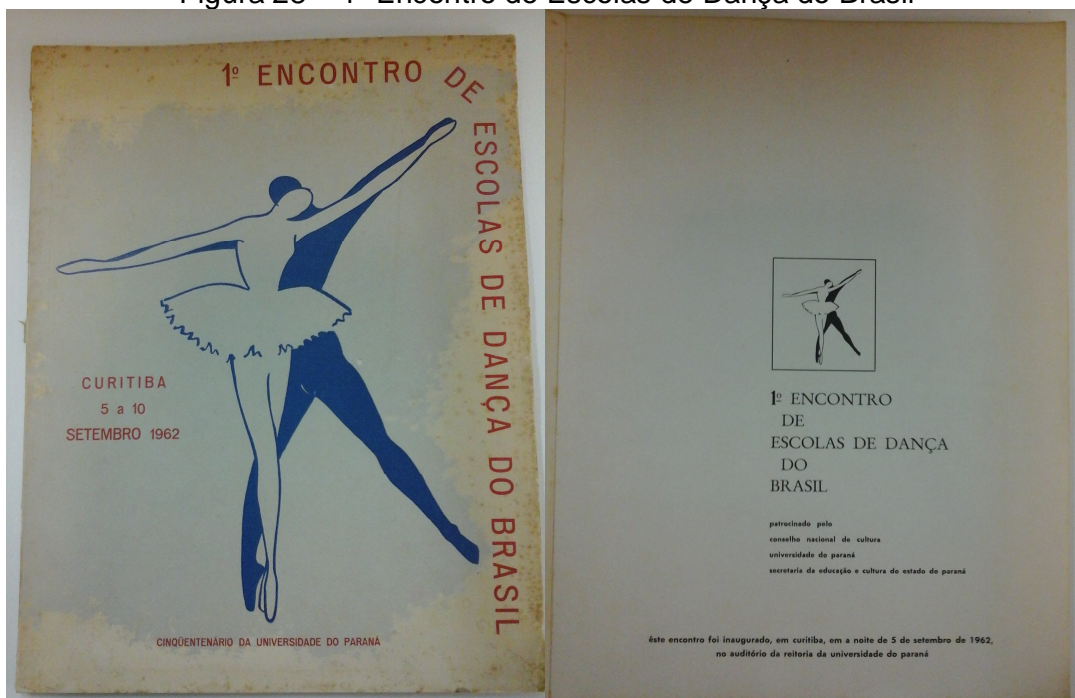
Título: **1º Encontro das Escolas de dança do Brasil**

Autor: idealizador Paschoal Carlos Magno

OBSERVAÇÕES

Obra citada anteriormente na biografia de Rolla, por ser um marco para o ensino de dança no país. A Escola de Rolla participou do evento, com o maior número de bailarinos advindos de Porto Alegre.

Figura 28 – 1º Encontro de Escolas de Dança do Brasil



Capa, folha de rosto e conteúdo onde apresenta a Escola de Dança de João Luiz Rolla. Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Garcia Jimenez, Francisco. **El tango: historia de medio siglo: 1880-1930**. 2.ed. Buenos Aires: Eudeba, 1965. 80 p.: fotos N.do registro: 15

VALOR CULTURAL

Edições esgotadas: sim

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

MareLibri 03 exemplares BN: não encontrado

Características do exemplar: com dedicatória para Rolla de Ademar Dornelles: "Para o 'Seu' Rolla, um mais para a Biblioteca da Escola do Ademar, 28-10-73". Capa moçada, contracapa também, páginas amareladas, muitas fotos. Carimbos ESEF.

Marcas de propriedade *super libris*: rubricas de Rolla na capa, na 1ª p. e na última.

Tipos de ilustrações

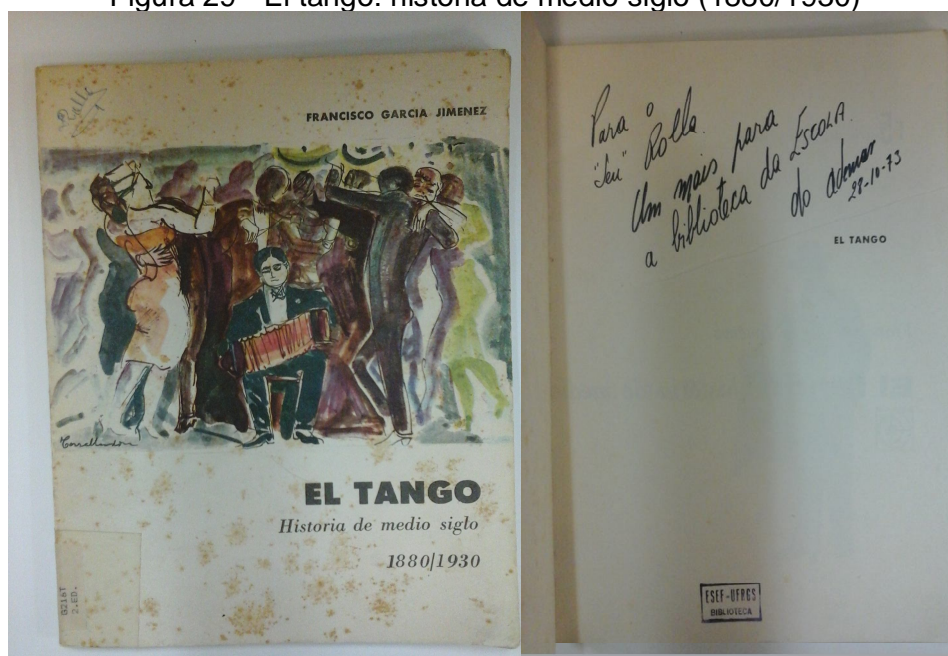
Fotografias: sim

Retratos: sim

Ilustrações fac-similares: sim

Ilustrador: Carlos Angel Torrallardona

Figura 29 - El tango: historia de medio siglo (1880/1930)



Capa, folha de rosto com dedicatória de Ademar para Rolla. Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

Levinson, Andre. Picasso, Pablo Ruiz. **Serge lifar**: destin d'un danseur. Paris: Bernard Grasset, 1934. ca. 120 p.: fotos N. do registro: 118

VALOR CULTURAL

Edição de clássico: sim

Edição esgotada: sim

Edição limitada: sim

Edição numerada: sim, apresenta o nº 1575 de um total de 1650 editados.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

AbeBooks, 13 exemplares

BN: não encontrado

Características do exemplar: pontos de fungos na capa e primeiras folhas, falta de uma folha anterior à folha de rosto, retirada provavelmente com régua, frontispício da folha de rosto com ilustrações de Picasso (1925 Serge Lifar, Le Baron). Rubrica Rolla no verso da folha; folha cortada antes da dedicatória; sobrecapa com ilustração é a própria capa (com fita crepe, durex e etiqueta da ESEF na lombada), selo da Livraria Globo, carimbo ESEF nos três cortes, retirada de folha entre 56 e 57, rubrica Rolla na última folha junto com fichas e bolsa empréstimo.

Anotações manuscritas: dedicatória a Rolla por José Luís Napoleão Costa em 5/7/1941

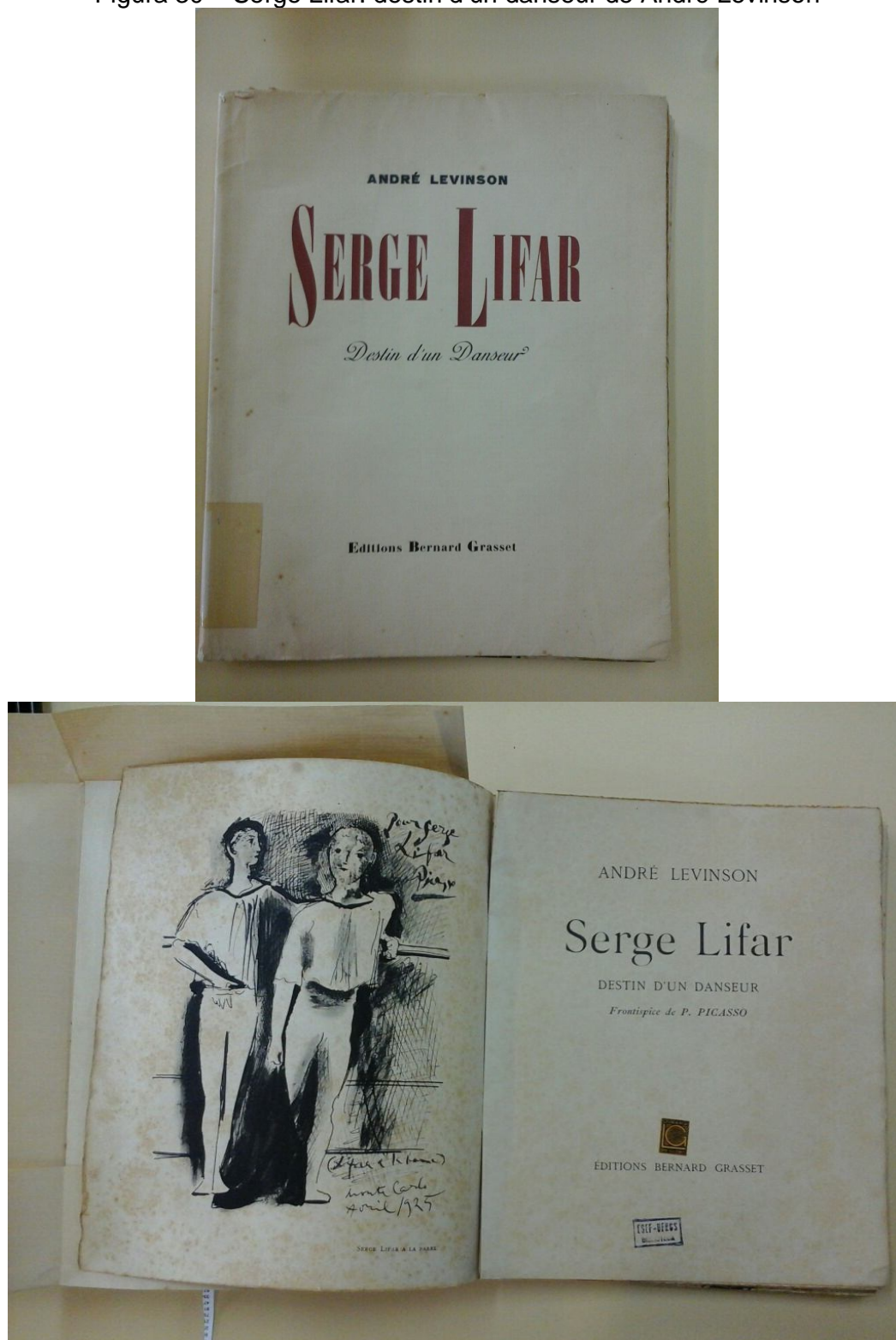
Marcas de propriedade *super libris*: Rolla; J. L. N. Costa

Tipos de ilustrações

Desenhos: sim, de Pablo Picasso

Fotografias: sim, algumas assinadas por Lipnitz.

Figura 30 – Serge Lifar: destin d'un danseur de André Levinson



Capa, guarda com ilustração de Picasso e folha de rosto com selo da Livraria Globo e carimbo ESEF-UFRGS Biblioteca.
Fonte: A autora.

CRITÉRIOS DE RARIDADE

García Victorica, Victoria. **El original ballet russe en américa latina.** [Buenos Aires: A.J. Alvarez], 1948. 265 p.: fotos N.do registro: 101

ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS

Beleza tipográfica: sim

Edição de luxo: sim

Encadernação luxuosa: sim

Marcas d'água: sim

VALOR CULTURAL

Edições esgotadas: sim

Edições limitadas: sim

Edições numeradas: sim nº 737

Prefácio: Fernando Emery

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

BN: não encontrado

Características do exemplar: “restaurado”, reencadernado, retirados 0,7 cm na altura da folha (guilhotina), bilhete a lápis da servidora da ESEF adotante do exemplar – foi utilizado outro exemplar do AH para comparação.

Projeto ambicioso, o exemplar tem características de luxo, capa dura com baixo relevo dourado, mas sem título na lombada, a autora se encarregou de todas as partes do livro: escreveu, compilou, escolheu gravuras e planejou todo o projeto gráfico. Exemplar com manchas de bolor na capa, contracapa e algumas raras folhas do miolo, cortes prejudicados pela guilhotina na restauração. Rubricas Rolla em várias páginas.

Anotações manuscritas: sim, da funcionária ou restauradora.

TIPOS DE ILUSTRAÇÕES

Desenhos: sim

Fotografias: sim

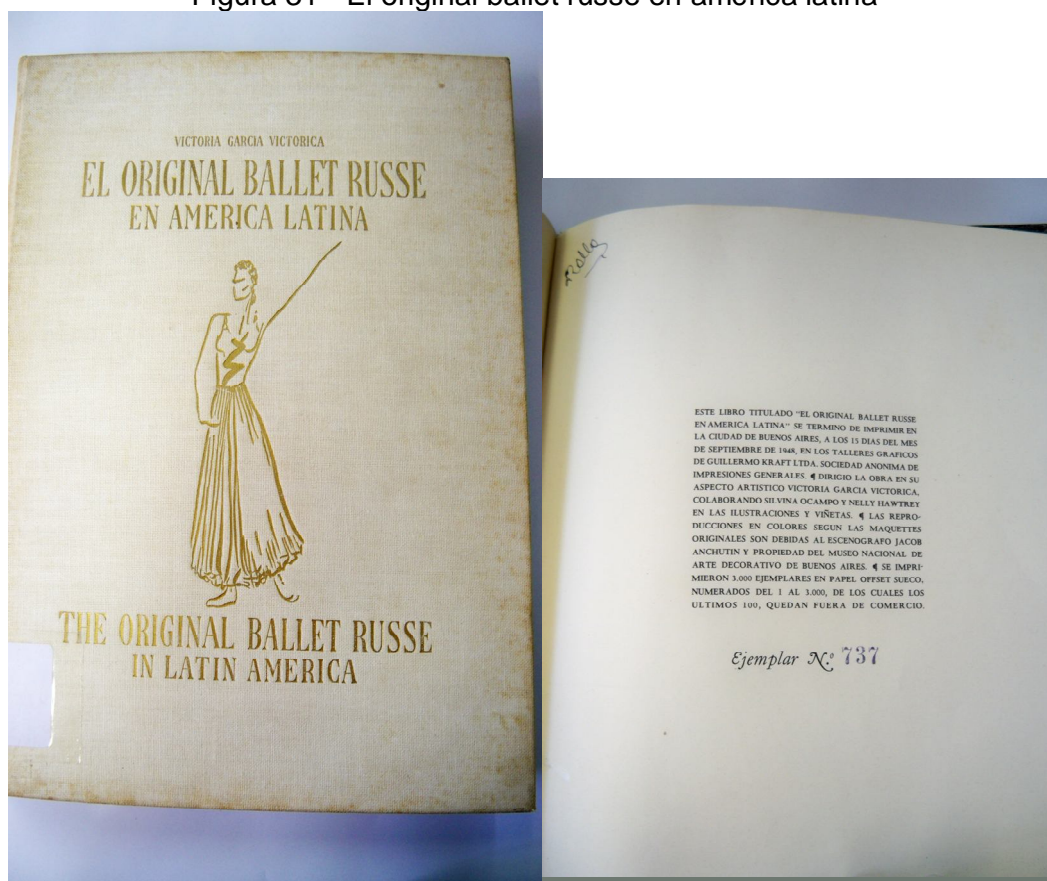
Gravuras: sim

Fac-similares: sim

Reproduções: maquetes de Jacob Anchutin

Ilustrador: Silvina Ocampo, Nelly Hawtrey (reproduções a cores dos originais das maquetes de Jacob Anchutin)

Figura 31 - El original ballet russe en américa latina



Capa e numeração do exemplar, rubrica de Rolla.
 Fonte: A autora.

Percebe-se por esta amostragem, que a Coleção João Luiz Rolla tem critérios de raridade atendidos, por isso é uma Coleção de Obras Raras. O modelo dessa ficha de avaliação poderá ser utilizado para a avaliação global do Acervo Histórico. Todas as fichas utilizadas na pesquisa foram fotocopiadas, encadernadas, já que todas foram preenchidas à lápis, para que sejam usadas alimentar a base de dados SABI para melhor detalhar essa coleção, agora com descrição de Obra Rara. Cabe frisar que muitos dados da parte física dos livros serão omitidos na descrição para o SABI, para não criar uma aura depreciativa em relação a esse acervo.

Nem todo livro de baixo valor comercial deixa de ser precioso, o preciosismo está para quem o tem, para suas características intrínsecas. O que não é definitivo, pois, como se viu na teoria (PINHEIRO, 2011), para determinar raridade ou preciosidade, serão levadas em consideração outras qualidades que, igualmente, são constituidoras de valor – como rubricas de Rolla e ser pertencente à Coleção de Rolla, comprovado no Processo de Compra pela UFRGS.

É imprescindível conhecer materialmente os documentos, para tratar (restaurar, digitalizar, higienizar), faze-se necessário uma pesquisa referente à obra para avaliar a viabilidade, se vale selecionar tal obra.

Importante salientar que os valores dos livros pesquisados nesta dissertação junto ao mercado livreiro, estão registrados para uso interno de catalogação e inventários.

Como afirma Pinheiro (2011), a avaliação sobre a valoração é muito indicada para formação de Valor de Seguro, o que será muito importante tanto no caso das obras de João Luiz Rolla, como para o restante do Acervo Histórico da ESEF, no caso de exposições fora e dentro da sede (onde pode ocorrer o furto), empréstimo para outras instituições (onde pode ocorrer o extravio). Válido para outros tipos de materiais. Assim:

A qualquer forma de valoração indicadas deve ser acrescida de percentual, qualificado como “valor cultural” (sentido histórico) e “valor de memória” (sentido patrimonial) em função da coleção que o item integra e da responsabilidade da biblioteca em que se insere. Esses valores, sendo subjetiva sua estimativa no entender de qualquer perito, podem e devem ser arbitrados. Na prática, há tendência a arbitrar o valor cultural em 10% (dez por cento) do valor venal. Já o “valor de memória” (sentido patrimonial) é reconhecido quando um item avaliado compõe uma coleção considerada indissolúvel e quando cada unidade dessa coleção só tem sentido como parte dela ou, ainda, quando o item apresenta características de inquestionável raridade. Essa condição valida a atribuição de acréscimos entre 50 e 100% ao valor final (preço) do item. (PINHEIRO, 2011, p. 26)

Mesmo que o seguro indenize, de forma monetária, o extravio ou sinistro de uma obra rara, jamais cobrirá a perda que essa obra fará à coleção da qual fazia parte, sendo muitas vezes perdas irreparáveis por sua unicidade.

As palavras de Gabriel Naudé, que, apesar de escritas originalmente em 1627, vêm muito bem para o fechamento deste trabalho, uma vez que são ainda tão atuais:

Ahora bién, señor, después de haber mostrado en estos tres primeros puntos el procedimiento que conviene seguir para instruirse sobre cómo levantar una biblioteca, sobre cuántos libros debe contener y de qué calidad conviene escogerlos y adquirir, lo que sigue ahora debe ocuparse de la manera de tenerlos y los procedimientos para su progreso y aumento.

Verdaderamente, el primer precepto que se puede señalar al respecto es que hay que conservar cuidadosamente todos los ya adquiridos y los que se adquieren cada día sin permitir que ninguno se pierda o se estropee en absoluto. (NAUDÉ, 2008, p. 161)

Aplicado ao Acervo Histórico é garantir uma vida mais longa ao material já existente, antes de adquirir algo antes de uma visão ampla do que se espera desse acervo. Ou seja, preservar bem o que se tem e por isso buscar definir uma política de desenvolvimento de coleção adequado à ESEF.

Baseando-se em Pinheiro (2011), em relação ao acervo de Rolla, no AH verifica-se que apresenta:

- a) Valores culturais: coleção de itens, reunidos em face de características que documentam praticas de uma época, de uma manifestação social, por exemplo: a dança no Rio Grande do Sul, o pioneirismo de Rolla nesse cenário.
- b) Valores históricos, tais como: primeiras edições de livros sobre dança no Brasil; a própria trajetória de Rolla.
- Coleção Brasiliense: livros impressos no Brasil, de 1808 até nossos dias, que tenham valor bibliofílico: primeiras edições por unidades federativas, edições príncipes, primitivas ou originais e edições em vida – literárias, técnicas e científicas; edições fora do mercado, produzidas por subscrição; edições de artista;
- c) Valores profissionais: obras clássicas de dança; obras estrangeiras traduzidas ou revisadas por profissionais do Rio Grande do Sul;
- d) Valores intelectuais: clássicos da dança;
- e) Valores econômicos: obras bem avaliadas pelo mercado livreiro e por terem sido compradas pela UFRGS;
- f) Valores associativos.

Outra forma de Pinheiro também dizer que essa bibliofilia tem contribuído muito para a perda da memória de leitura:

[...] (quando marcações e assinaturas são apagadas, ex-libris são arrancados) e da memória imagética (quando obras ilustradas são dilapidadas, para o colecionismo avulso de gravuras de determinada época ou de determinado ilustrador, gravador). (PINHEIRO, 2011, p. 23)

Por isso, a partir da análise dessas avaliações foi produzido um documento, um esboço de Política de Desenvolvimento do Acervo Histórico (Apêndice D), que aponta referenciais baseados nos critérios de raridade e valores aqui apontados para subsidiar tomadas de decisão na gestão e desenvolvimento desse acervo. Tanto que, já sofreu alterações quanto ao acesso e uso (não está mais livre), para melhorar sua preservação.

5.2 POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DE COLEÇÕES

Em muitas bibliotecas, conforme afirmava Vergueiro (1993), era e ainda é comum, que bibliotecárias(os) coloquem mais peso ou valor em atividades consideradas mais urgentes ou palpáveis, como catalogação, classificação e indexação e resistam a enxergar que a coleção seja algo que se controla. Também é corriqueiro que não enxergam que a busca dos acervos deve estar integrada à comunidade, considerando que o limite para o uso de coleções passou a ser o próprio limite do conhecimento recuperável (VERGUEIRO, 1989). E, como já afirmava Naudé (2008), esse limite, também, está nas condições de preservação desses acervos. Medidas preventivas, visando conter ou postergar processos de decomposição, tais como o controle do nível de poluição do ar, a climatização adequada do ambiente e higienização especializada constante; propiciam melhores condições para a guarda e preservação dos documentos.

Para Figueiredo, Vergueiro e Weitzel (1998; 1989; 2006), o desenvolvimento de coleções é, acima de tudo, um trabalho de planejamento e por isso necessita de metodologias; é um processo que interfere e é interferido por muitos fatores; também é ininterrupto, sem se identificar começo ou fim e não há prazo estipulado para que isso ocorra; não é homogêneo nem idêntico em toda e qualquer biblioteca. O tipo de biblioteca, os objetivos específicos que cada uma delas busca atingir, bem como a comunidade específica a ser atendida, influenciam muito nas atividades do desenvolvimento de coleções.

Vergueiro (1989) apresenta uma forma cíclica para o DC, sem que uma etapa chegue a distinguir-se das outras (estudo da comunidade, políticas de seleção, seleção, aquisição, desbastamento, avaliação), onde todas as etapas apresentam o mesmo valor, girando em torno de um pequeno círculo, onde se situam os bibliotecários responsáveis pelo desenvolvimento de coleções. A comunidade a ser

servida circula em torno desses componentes do processo, subsidiando a todos, com exceção da aquisição, e perfazendo o processo inteiramente. Por isso, não se limita a tratar o desenvolvimento de coleções como se fossem apenas as atividades de seleção e aquisição, como muitas bibliotecas o veem. Esse processo tem que se tornar uma atividade rotineira das bibliotecas – assim como as atividades de catalogação, classificação, empréstimo e elaboração de relatórios.

Embora o processo de DC esteja presente por inteiro em todas as bibliotecas universitárias (VERGUEIRO, 1989; 1993; WEITZEL, 2006), a seleção não é o que há de mais importante, pois a biblioteca precisa ter um volume de recursos informacionais suficiente para dar suporte à pesquisa realizada tanto por docentes como por alunos de graduação e pós-graduação. A ênfase maior na avaliação da coleção parece estar no desbastamento³¹, medida necessária para otimizar o acervo (espaço para os novos, atuais). Por isso, as universidades não devem nortear o desenvolvimento de suas coleções apenas pelas exigências dos programas ou currículos dos cursos oferecidos (WEITZEL, 2006).

Toda biblioteca deve levar em consideração os recursos disponíveis em instituições similares e de fácil acesso, buscando na medida do possível, compartilhar suas coleções com as outras. É uma forma de economia de recursos financeiros disponíveis para aquisição e uma forma de prestar melhores serviços aos usuários, que terão ampliado o universo de materiais a sua disposição. Isso ocorre no Sistema de Bibliotecas da UFRGS, onde são compartilhados os materiais entre todas as bibliotecas participantes e usuários vinculados circulam e utilizam o Sistema livremente com cartão único.

O desenvolvimento de coleções, conforme Vergueiro (1989), Figueiredo (1998) e Weitzel (2006), deve ter um plano detalhado preestabelecido, a fim de garantir um mínimo de continuidade ao processo e correção de rota necessária, numa avaliação permanente – as Políticas de Desenvolvimento de Coleções (PDC). As razões para elaboração dessas políticas começam por razões econômicas, ou seja, se faz necessário dispor de um guia racional para alocar recursos, mas não se encerra nisso somente. As pessoas passam, ideologias se alteram, espaços de memória representam momentos. Assim, desenvolver coleção é planejar (o que e

³¹ Desbastamento consiste na retirada de documentos pouco utilizados pelos usuários de uma coleção de uso frequente para outros locais – os depósitos especialmente criados para esse material de consultas eventuais (SANTOS; RIBEIRO, 2003, p.80).

para que), é um futuro construído no presente. A seleção é parte disso, desbastar é necessário por falta de espaço e por economia de recursos para a conservação por um colecionismo com sentido.

Vergueiro (1989) deixa claro que a PDC trata da filosofia que norteia o trabalho bibliotecário no que diz respeito à coleção, tornando público o relacionamento entre desenvolvimento da coleção e os objetivos da instituição a que esta coleção irá servir, tanto por causa da necessidade de um guia prático na seleção diária de itens, como pelo fato de ser tal documento uma peça-chave para o planejamento a prazo longo. Tal documento pode garantir uma coleção consistente e um controle dos recursos informacionais da biblioteca, funcionando como diretriz para as decisões dos bibliotecários em relação à seleção do material a ser incorporado ao acervo.

É essa política que irá prover uma descrição do estado geral da coleção, apontar o método de trabalho para consecução dos objetivos e funcionar como elemento de argumentação bibliotecária. Essa elaboração, destacada por Vergueiro (1989) e reforçada por Weitzel (2006), não é tarefa fácil e exige grande dose de planejamento e estudo – negociação entre bibliotecária(o), responsável pelo DC e aqueles a quem a mesma se destina. Para esses mesmos autores essa política deverá informar sobre: a) que material fará parte da coleção (tanto em termos de conteúdo quanto de formato, incluindo a política da biblioteca para acesso aos materiais cuja posse não lhe é de interesse); b) quando e sob quais condições este material poderá ingressar no acervo (políticas de seleção e aquisição); c) quais necessidades específicas e quais parcelas da comunidade ele deve atender (incluindo-se os métodos para obtenção dessas informações); d) como será avaliada a importância do material para a biblioteca, uma vez incorporado à coleção (métodos para avaliação da coleção); e) quando e sob quais condições ele será retirado do acervo (políticas de remanejamento e descarte).

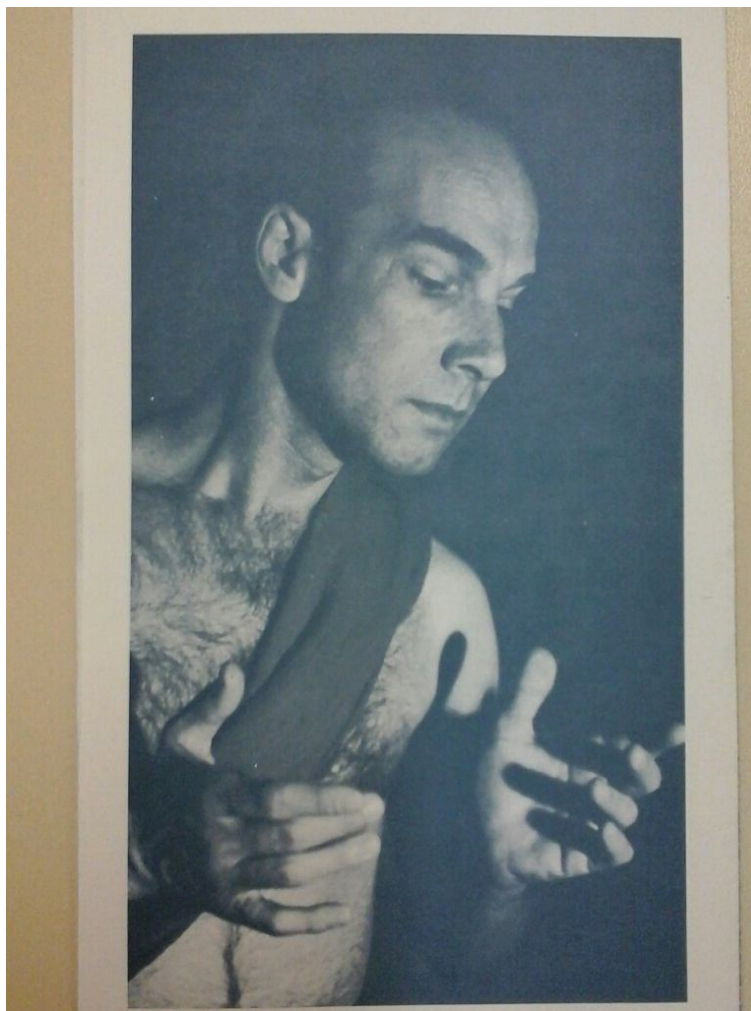
Para Weitzel (2006), PDC é um instrumento importante para desencadear o processo de formação e crescimento de coleções, constituindo-se num documento formal elaborado pela equipe responsável pelas atividades que apoiam o processo de desenvolvimento de coleções como um todo, devendo expressar o interesse comum da instituição que a mantém e da comunidade a que serve. E permitir a articulação das seis etapas do processo de desenvolvimento de coleções e outras auxiliares, com detalhamento e descrição de cada etapa a fim de apoiar as decisões

de forma coletiva, preferencialmente envolvendo toda a comunidade de interesse (bibliotecários, especialistas, pesquisadores). A PDC é um instrumento necessário para garantir a consistência e permanência do processo de desenvolvimento de coleções em uma biblioteca.

Vergueiro (1989, 1993) destaca a função estratégica da PDC para administrar conflitos de interesses e obter consenso; melhorar o canal de comunicação com a comunidade e como um mecanismo de conquistas institucionais, tais como fomento para instrumentalizar a biblioteca para sua conservação. Weitzel (2006) faz a analogia do processo a um guarda-chuva, onde cada etapa é uma vareta que conjuntamente com a política compõem o guarda-chuva, que, na falta de uma das suas varetas, não poderá ser aberto perfeitamente.

Essa PDC deverá ser um documento completo, onde se apresentem diretrizes para as decisões a respeito da coleção, deixando o mínimo de itens possível sem previsão – quando então a(o) bibliotecária(o) ou comissão – terá que tomar uma decisão específica, a qual, posteriormente, será anexada ao PDC. Esse documento deve ser suficientemente flexível e dinâmico para admitir essas inclusões, modificações ou correções.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS



João Luiz Rolla.

Fonte: Acervo fotográfico do CEME

Colocar-me como pesquisadora, mestranda, junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, não foi tranquilo, um pouco pela lacuna temporal entre graduação, especializações e o mestrado, que tornou a escrita uma tarefa mais árdua, pois o pensar, o escrever, o pesquisar denotam um outro tempo, uma falta de... É o vislumbrar do inacabável, é o costurar frases com sentido, é o construir parágrafos comunicantes é o escrever e ser compreendida. Isso tem um tempo diferente, um tempo que falta, sempre, um tempo que não se tem.

Porém, outro tempo ainda, o tempo de experiência de 14 anos como Bibliotecária/Documentalista desenvolvido na Escola de Educação Física permitiu-

me uma leitura mais apurada do objeto estudado, pois a proximidade deu-me pontos de vista diferentes ao estudar essa coleção (que é uma pequena parte, mas não menos valiosa que as demais coleções) e assim, foi possível desvelar um acervo tão generoso em qualidades, que o percebi como tal. Isso germinou em mim um prazer de fazer, um grande prazer em conhecer. Muito profissional, não tem essa oportunidade, de conhecer o que faz, de pensar sobre sua prática, de planejar e depois fazer. São fazedores, executam aquilo que lhes é colocado e ponto. O papel do PPGCMH em mim teve muito disso, o de inverter papéis, falar em biblioteconomia de uma coleção de dança, num acervo predominantemente sobre educação física, numa Escola também formadora de professores de dança, que reconhece a multiplicidade. Isso fez com que eu conhecesse realmente os acervos com os quais trabalho, mostrando-me outras possibilidades de atividades serem desenvolvidas.

E por isso, não somente tirar dessa coleção o desejável, o possível para a pesquisa e o tão almejado título de mestra, mas sim, ser possível por contrapartida desta pesquisa, aplicar na própria coleção e nas demais do AH, benefícios para sua conservação. Pois identificá-la como uma Coleção de Obras Raras, fará com que seja melhor divulgada e por isso mais usada por pesquisadores, sejam eles do próprio PPGCMH, como de outras instituições.

Foi validado o instrumento de avaliação de critérios de raridade adaptado de Carolina König, ou seja, a produção da graduação corrobora na pós-graduação que se aplica na realidade da instituição. Uma endogenia saudável.

Dentro desse processo de construção da dissertação, houve crescimento pessoal e profissional, possibilitando colocar-me com mais propriedade e conhecimento no trato do dia a dia das coleções que a Biblioteca Edgar Sperb possui. Deu-me ânimo para buscar inovação ao perceber que temos coleções belas e valiosas, temos muito o que fazer com elas e para elas. Há o estudo das outras coleções do AH, o que pode gerar mais pesquisas pelo PPGCMH, pois cada coleção é um universo.

Esta dissertação também abriu certas janelas, sensíveis, que nas idas e vindas das leituras das diversas disciplinas feitas no PPGCMH e Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS me possibilitaram enxergar diferente. E o que segue vai ao encontro disso.

Ao me deparar com o Processo de Compra da coleção de João Luiz Rolla de 1994 causou-me desconforto, pois a comissão avaliadora, baseando-se em estimativa feita junto às livrarias do preço médio de R\$50,00 (cinquenta reais) por obra estrangeira, somando mais de R\$6.000,00 (seis mil reais), estipulou valor de R\$3.000,00 (três mil reais), valor simbólico, como dito no processo e não o valor real do mercado. Esse preço médio é normatizado pela ABNT³² quando se faz uma avaliação massiva, como foi o ocorrido. Nada fora de procedimentos legais. Considero que ao se tratar de Coleção Especial como a desta pesquisa - onde está confirmado o que já era dito no processo à época como “raras, difíceis de encontrar no mercado livreiro” - não se poderia, como instituição, propor um valor muito abaixo do avaliado, pois já se tratava de uma coleção particular de uma personagem importante carregada de simbolismos para as artes no Rio Grande do Sul. A ansiedade ou necessidade urgente de Rolla de vender suas coleções pode ter levado as profissionais bibliotecárias a não pensarem na aquisição de ‘obras raras’, a não pensarem no valor simbólico (de grandeza) que a coleção já possuía – João Luiz Rolla, o primeiro bailarino e coreógrafo a ter uma escola de dança no Rio Grande do Sul - inspirador, professor, mestre!

Fica claro dessa forma, que a coleção de livros foi avaliada materialmente, isolada da figura de Rolla, que somente fazia parte do cenário da coleção e não como a figura principal, a de colecionador, o agente que reuniu, cuidou, guardou em ótimo estado essa coleção especial. Hoje, pode ser considerado, menos difícil de avaliar (obter preço) tais obras em mercados livreiros especializados, se comparado à data em que foi adquirida, mesmo que há pouco mais de seis anos a Biblioteca da ESEF teve dificuldade no início do Curso de Dança para formar uma lista de livros para compra no mercado livreiro nacional, um tanto pela falta de produção nacional.

Nesta pesquisa não se compreende claramente como João Luiz Rolla formou sua coleção (suas escolhas, forma de aquisição e outras características), pois se perdeu de registrar a história de cada livro contada pelo próprio Rolla, mas pelo que foi apontado anteriormente, parece que a finalidade de apenas colecionar livros de dança não foi seu propósito. Pode-se sugerir que alguns itens dessa coleção, eram para uso em aulas, para a criação das coreografias, para inspirar... Algumas anotações observadas nos exemplares são pistas que levam a isso. Bem como,

³² ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14653-1**: avaliação de bens, parte 1: procedimentos gerais. 2001.

alguns relatos de pessoas que dividiram com ele sua vida de coreógrafo, bailarino e professor de dança. J. L. Rolla era também, leitor.

Espera-se com esta dissertação que o Acervo Histórico da Biblioteca da ESEF, identifique-se nos órgãos competentes, como detentor de Obras Raras e assim, participe de futuros projetos de fomento executados pela UFRGS. Que o AH faça parte do Plano Nacional de Recuperação de Obras Raras da Biblioteca Nacional (PLANOR), que é um importante canal oficial para corroborar na preservação de obras raras no Brasil - e assim reconhecido, busque recursos externos de forma autônoma.

Dessa forma o papel da Escola de Educação Física da UFRGS, junto a sua Biblioteca Edgar Sperb e o Centro de Memória do Esporte é o de dar um tratamento adequado ao Acervo Histórico que contém essa coleção, ou seja, as condições ideais ou próximas, de preservação e segurança, que vai da seleção ao uso. Por isso, a importância da construção de uma Política de Desenvolvimento de Coleção (PDC) para esse acervo e para a qual é colocado aqui o esboço como base desse documento - o qual deverá ser discutido coletivamente entre profissionais interessados no tema e ligados a ESEF.

Faz parte da PDC e é inadiável um Plano de Conservação que trate de segurança contra furtos (câmeras, cofre, normas de acesso); climatização (controle de temperatura e umidade); armazenagem (estantes e invólucros) e higienização permanente (equipamento e pessoal especializados). Trata-se de um projeto um tanto dispendioso, mas viável e urgente.

O Centro de Memória do Esporte, assim como a Biblioteca Edgar Sperb, tem importante papel na preservação da história da ESEF e a parceria entre esses dois teve vital importância na construção desta monografia. Deseja-se que essa parceria, que ultrapassa a guarda e compartilhamento de coleções, consiga concretizar a implantação do Centro de Documentação da ESEF, já vislumbrado em 1997 pelo professor Vicente Molina Neto, a professora Janice Zarpelon Mazo e a bibliotecária Rosalia Pomar Camargo. Considera-se também, que o CEME deva ser institucionalizado como um Setor na Escola, pois tem papel museal dinâmico nos cenários da UFRGS, do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Ressalta-se mais uma vez a urgência de um Plano de Conservação e que os dados aqui levantados colaborem para a construção desse documento (apêndice 4). A sua produção apontará os critérios, ou seus referenciais, para subsidiar tomadas

de decisão na gestão e desenvolvimento do acervo. Conhecer materialmente os documentos é vital para tratar (conservar, restaurar e digitalizar) coleções especiais como as existentes no Acervo Histórico, por isso esta pesquisa poderá servir de base para outros acervos, outras instituições, que abarquem qualquer tema ou assunto.

Sugere-se, como estudos futuros ou novas pesquisas junto ao PPGCMH: traçar as relações da coleção de João Luiz Rolla com o currículo de Dança da UFRGS; a história da dança no RS, como uma árvore genealógica de Rolla e todas as relações possíveis na formação de professoras e professores do Curso de Dança da UFRGS e desses professores na formação de outros. Estudar a raridade das demais coleções existentes.

Na Biblioteca Edgar Sperb, há todo um Acervo Histórico para desvendar!

REFERÊNCIAS

ARRUDA, Susana Margaret de; CHAGAS, Joseane. **Glossário de biblioteconomia e ciências afins**. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

BOURDIEU, Pierre. Ilusão biográfica. *In*: RAZÕES práticas: sobre a teoria da ação, Campinas, Papyrus, 1996. p. 74-82.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier. *In*: PRÁTICAS da leitura. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 231-253.

BURKE, Peter. A classificação do conhecimento: currículos, bibliotecas e enciclopédias. *In*: BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 78-108.

CAMARGO, Rosalia Pomar. **Rosalia Camargo**: depoimento, 2005. Porto Alegre: Centro de memória do Esporte. ESEF/UFRGS, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000729671&loc=2010&l=b487c360a7bfd940>>. Acesso em: 5 set. 2013

CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE. [Site institucional]. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DANTAS, Mônica Fagundes. **Mônica Fagundes Dantas**: depoimento, 2013. Porto Alegre: Centro de memória do Esporte. ESEF/UFRGS, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000901122&loc=2013&l=91ce55fe2abe2f9f>>. Acesso em: 9 out. 2013.

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento e avaliação de coleções**. 2. ed. rev. atual. Brasília: Thesaurus, 1998.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GOELLNER, Silva Vilodre. Informação e documentação em esporte, educação física e lazer: o papel pedagógico do Centro de Memória do Esporte. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 199-207, set. 2003.

GUILLAUME, Marc. **A política do patrimônio**. Porto: Galilée, 2003.

JOB, Ivone; FONSECA, Cintia Cibele Ramos. Lugares do conhecimento: as bibliotecárias universitárias. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 14., 2006, Salvador. **Anais...** Salvador, UFBA, 2006.

KILPP, Cecília Elisa; GOELLNER, Silvana Vilodre. Fragmentos da memória da dança do Rio Grande do Sul: a arte de João Luiz Rolla. **EFDeportes**, Buenos Aires, v. 12, n. 115, dic., 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd115/danca-do-rio-grande-do-sul-joao-luiz-rolla.htm>>. Acesso em: 09 out. 2013.

KÖNIG, Carolina Patrícia. **Análise e identificação de critérios de raridade bibliográfica**: registros bibliográficos de Obras Raras sobre o Rio Grande do Sul em acervos de Bibliotecas Universitárias. 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000766870&loc=2011&l=e10b3bec583239bb>>. Acesso em: 8 out. 2013.

MARQUES, Cíntia Bueno *et al.* Avaliação institucional na ESEF : o desafio de uma construção coletiva. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, p. 97-111, 2010. número especial.

MARTINI, Sérgio Roberto de Brito *et al.* **Fundação da Associação dos Profissionais de Educação Física do Rio Grande do Sul – APEF/RS**: recortes do cotidiano. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2010.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MAZO, Janice Zarpellon. Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 155-166, 2001.

MAZO, Janice Zarpellon. Memórias da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS): um estudo do período de sua fundação até sua federalização (1940-1969). **Movimento**, Porto Alegre, v.11, n. 1, jan./abr., p. 143-167, 2005.

MAZO, Janice Zarpellon; CAMARGO, Rosalia Pomar; MOLINA NETO, Vicente. Centro de documentação em educação física e esporte: uma tentativa de organização do acervo histórico da Escola de Educação Física da UFRGS. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE, LAZER E EDUCAÇÃO FÍSICA, 7., 2000, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2000. p. 468-474.

MEIRELES, Rudy; MANTELLI, Gladis (Org.). **Trajetória de uma sapatilha: 50 anos de dança** de João Luiz Rolla. Porto Alegre: Movimento, 1989.

MORAES, Rubens Borba de. **O bibliófilo aprendiz**: ou prosa de um velho colecionador para ser lida por quem gosta de livros, mas pode também servir de pequeno guia aos que desejam formar uma coleção de obras, antigas ou modernas. 3. ed. Brasília: Brique de Lemos, Casa da Palavra, 1998.

NAUDÉ, Gabriel. **Recomendaciones para formar una biblioteca**. Oviedo: KRK Ediciones, 2008.

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Livro raro**: formação e gestão de coleções bibliográficas especiais. Rio de Janeiro: BN, 2011. 51p + 17 p. [polígrafo apresentado em curso sobre obras raras na UFRGS em maio de 2014]

PINHEIRO, Ana Virgínia Teixeira da Paz. **Que é livro raro?**: uma metodologia para o estabelecimento de critérios de raridade bibliográfica. Rio de Janeiro: Presença, 1989.

RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos**: caracteres y origen. 3. ed. Madrid: A. Machado Libros, 2008.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Intermeios, 2011.

SANTOS, Gildenir Carolino; RIBEIRO, Célia Maria. **Acrônimos, siglas e termos técnicos**: arquivística, biblioteconomia, documentação, informática. Campinas: Átomo, 2003.

TAUBE, Fredolino Adalberto Ricardo. **Fredolino Adalberto Ricardo Taube**: depoimento 2. 2002. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000728725&loc=2010&l=1c74acca707d839d>>. Acesso em: 5 set. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **PROCESSO Nº 23078.105466/94-47 de 04/11/1994**. Procedência – Escola Superior de Educação Física (ESEF). Destino Inicial – Pró-Reitoria de Planejamento (PROPLAN). Assunto Solicitação de Aquisição de Material Bibliográfico e Material Didático.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis: APB, 1989.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. Desenvolvimento de coleções: uma nova visão para o planejamento de recursos informacionais. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 13-21, jan./abr.1993.

WEITZEL, Simone R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspect. Cienc. Inf.**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002.

WEITZEL, Simone R. **Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias**. Rio de Janeiro: Interciência, 2006.

APÊNDICE A – LISTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS NO PPGCMH-UFRGS QUE UTILIZARAM MATERIAL DO ACERVO HISTÓRICO

Brauner, Daniel. **A prática do basquetebol na cidade de Porto Alegre:** da emergência nos clubes à organização federativa. 2010. 69 p : il. (dissertação)

Cunha, Maria Luisa Oliveira da. **As práticas corporais e esportivas nas praças e parques públicos da cidade de Porto Alegre (1920-1940).** 2009. 116 f.: il., tab. (dissertação)

Dantas, Monica Fagundes. **Dança: forma, técnica e poesia do movimento: na perspectiva de construção de sentidos coreográficos.** 1996. 154 f.: il. (dissertação)

Dias, Carolina. **Histórias do Instituto de Cultura Física de Porto Alegre: (1928-1937).** 2011. 134 f. (dissertação)

Feix, Eneida. **Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX:** institucionalização da recreação pública. 2003. 108 f.: il. (dissertação)

Frosi, Tiago Oviedo. **Uma história do karate-do no Rio Grande do Sul:** de arte marcial a prática esportiva. 2012. 206 f.: il. (dissertação)

Kilpp, Cecília Elisa. **O Turnen e o esporte nas associações teuto-brasileiras de Estrela/Rio Grande do Sul.** 2012. 97 f.: il. (dissertação)

Lyra, Vanessa Bellani. **A criação da Escola superior de Educação Física do Rio Grande do Sul:** formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970). 2013. 279 f.: il. (tese)

Martini, Sérgio Roberto de Brito. **Memórias dos atletas olímpicos dos clubes sul-riograndenses (1960-1972).** 2013. 126 f.: il. (dissertação)

Pereira, Ester Liberato. **As práticas eqüestres em Porto Alegre:** percorrendo o processo da esportivização. 2012. 156 f.: il. (dissertação)

Santiago, Dina Pettenuzzo. **Jogos mundiais universitários de 1963:** repercussões no associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre/RS. 2009. 116 f.: il. (dissertação)

Silva, André Luiz dos Santos. **A perfeição expressa na carne:** a educação física no projeto eugênico de Renato Kehl - 1917 a 1929. 2008. 141 f.: il. (dissertação)

Silva, André Luiz dos Santos. **Nos domínios do corpo e da espécie:** eugenia e biotipologia na constituição disciplinar da Educação Física. 2012. 260 p.: il. (tese)

Silva, Carolina Fernandes da. **O remo e a história de Porto Alegre, Rio Grande do Sul:** mosaico de identidades culturais no longo século XIX. 151 f.: il. (dissertação)

Silva, Luís Henrique Rolim. **A chama que arde em nossos clubes!:** a corrida de revezamento do fogo simbólico da pátria em Porto Alegre (1938-1947). 2008. 186 f.: il. (dissertação)

Wachs, Felipe. **Funções sanitárias projetadas nos currículos da educação física:** estudo a partir da disciplina de higiene no ensino de graduação. 2013. 189f : il. (tese)

APÊNDICE B – CAPA ORIGINAL E FONTE UTILIZADA

CAPA DA DISSERTAÇÃO

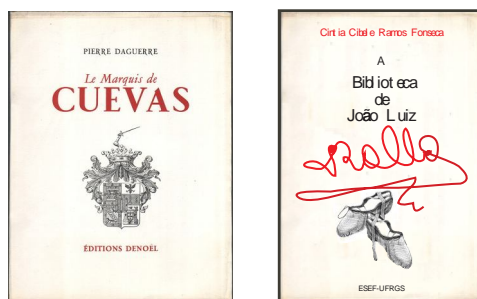
O livro de Pierre Daguerre, “Le Marquis de Cuevas”, pertencente ao acervo de João Luiz Rolla, foi a inspiração para a capa da Dissertação. O fundo em papel envelhecido acomoda em posição quase central, o escudo das armas do Marques em cinza grafite, o título e o nome da editora “Éditions DeNoël” em vermelho e do autor no mesmo cinza grafite do escudo. Combinação de tal forma harmônica e clássica que não deixa dúvidas quanto à beleza de sua composição. Partindo daí foram usadas na capa do trabalho, as mesmas cores para o texto e a mesma localização para o elemento sapatilhas. A capa procura antecipar ao leitor, a dignidade do acervo de Rolla. Para dar o sentido de antiguidade, foi pesquisada e usada a fonte Grandjean, desenhada e criada no ano de 1702, pertencente à Imprensa Real Francesa.

FONTE GRANDJEAN

Na Renascença, séc. XVI a excelência em tipografia europeia vinha da França, mas já no final do século entrou em declínio. A fim de conquistar novamente esta primazia e seu esplendor, foi fundada em 1640 a **Imprimerie Royale** (Gráfica Real) por decreto real. No reinado de Louis XIV, uma comissão composta por dez especialistas estudou e aprovou novos tipos de caracteres: o de **Philippe Grandjean**. Caracteres, baseados em conceitos matemáticos, construídos sobre uma grelha ortogonal - “Grandjean, o mais belo de todos os tipos”.

Depois de aprovado, o **Grandjean** passou a chamar-se **Romain du Roi**. Mas como o tipo era propriedade exclusiva da **Imprimerie Royale**, todas as outras fundições tiveram de fabricar os seus próprios tipos – o que acabou por favorecer a concorrência.

Grandjean fez um trabalho original ao interpretar os desenhos da comissão consultando mais os seus olhos do que o compasso que tinham usado para conter os caracteres num quadrado que consistia de 2304 pixels.



Criação da capa de LKS – Assessoria, Eventos e Apoio.

APÊNDICE C - LISTA DOS LIVROS DA BIBLIOTECA DE JOÃO LUIZ ROLLA

Abaixo então listados os exemplares do acervo de João Luiz Rolla, ordenados alfabeticamente, com números de registros no SABI:

Amberg, George. Art in modern ballet. New York : Pantheon, 1946. 115+136 p. : laminas N. registro: 110

Amberg, George. Ivert, Sheila. Ballet: (o aparecimento duma arte americana). Rio de Janeiro: Pongetti, 1953. 283 p. : fotos N. registro: 57

Anthony, Gordon. Dancers of the world. London : Phoenix House, 1952. 10+10 p. : fotos color. (Dancers in colour : second series) N. registro: 65

Anthony, Gordon. The sadler's wells ballet. London: Phoenix House, 1952. 10+10 p. : fotos color. (Dancers in colour : first series) N. registro: 66

Arma, Edmee. Entrez dans la danse : 29 danses populaires francaises avec notation des pas. 3.ed. Paris : H. Lemoine, [1950?] 88 p. : il. N. registro: 81

Ballet & modern dance : with contributions by leading choreographers, dancers and critics. London : Octopus, 1974. 144 p. : fotos N. registro: 9

Baryshnikov, Mikhail. Baryshnikov at work : Mikhail Baryshnikov discusses his roles. New York : A.A. Knopf, 1980. 252 p. : fotos N. registro: 2

Beaumont, Cyril W.. [A short history of ballet. Espanhol] Breve historia del ballet. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1949. 46 p.: fotos N. registro: 89

Beaumont, Cyril W.. Antonio: impressions of the spanish dancer. London: Adam and Charles Black, 1952. 40 p. : fotos N. registro: 67

Beaumont, Cyril W.. Complete book of ballets : a guide to the principal ballets of the nineteenth and twentieth centuries. [revised edition] London : Putnam, 1951. 1106 p.: fotos N. registro: 73

Beaumont, Cyril W.. Lopes, Joao Henrique Chaves. [Complete book of ballets. Português] O livro do ballet: um guia dos principais bailados dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Globo, 1953. 996 p. : il. N. do registro: 58

Beaumont, Cyril W.. The ballet called swan lake. London: C.W. Beaumont, 1952. 176 p. : fotos N. registro: 68

Benthall, Michael. Dane, Clemence. Middleton, M.H.. Haskell, Arnold L.. Blom, Eric. Hamlet and miracle in the gorbals. London : The Bodley Head, 1949. 46 p. : fotos (Sadler's wells ballet books ; n.3) N. registro: 90

Besveconny, Valere. Guia del ballet. Buenos Aires : Emece, 1946. 89 p. : il., fotos N. registro: 111

Bocharnikova, Elena. Gabovich, Mijail. La escuela de ballet del gran teatro. Moscu : Ediciones en Lenguas Extranjeras, [1950?] 95 p. : fotos N. registro: 82

- Borba Filho, Hermilo. É de tororó: maracatu. Rio de Janeiro : Casa do Estudante do Brasil, 1951. 115 p. : il. (Danças pernambucanas N. do registro: 74
- Bourgat, Marcelle. [Technique de la danse.. Espanhol] Técnica de la danza. Buenos Aires : Eudeba, 1966. 111 p. : il. N. registro: 12
- Breuer, Katharina. Alford, Violet. Dances of Austria. 2. ed. London: Max Parrish, 1950. 39 p. : il. (Handbooks of European national dances) N. registro: 83
- Buckle, Richard. Modern ballet design : a picture-book with notes. London: Adam and Charles Black, 1955. 128 p.: il., fotos N. registro: 46
- Carre, L.A.. Adelaide, L.. Gymnastique et danses rythmiques. 3.ed. Paris: Bourrelie, 1933. 80 p. : il. N. registro: 119
- Carvalho, Edmea A.. O ballet no Brasil. [Rio de Janeiro] : Pongetti, [1960?] 195 p. : fotos N. do registro: 26
- Chujoy, Anatole. The dance encyclopedia. New York: A.S. Barnes, 1949. 546 p. N. do registro: 91
- Collan, Anni. Heikel, Yngvar. Alford, Violet. Dances of Finland. 2. ed. London: Max Parrish, 1950. 40 p.: il. (Handbooks of European national dances) N. registro: 84
- Cortes, Joao Carlos Paixao; Lessa, Luiz Carlos Barbosa. Manual de danças gaúchas: dedicado às escolas primárias e aos centros tradicionalistas do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Comissao Estadual do Folclore, 1956. 109 p.: il. N. do registro: 38
- Cosentino Inzua, Ezio Elbio. Ballet y danza clasica. Buenos Aires: E. E. Cosentino I., 1958. 99 p. : il., fotos N. registro: 33 (2 ex)
- Cosentino Inzua, Ezio Elbio. Escola classica de ballet. Porto Alegre: Sulina, [1958?] 112 p. : il. N. registro: 34
- Cosentino Inzua, Ezio Elbio. Escuela clasica del ballet. 3.ed. Valparaiso : E. E. Cosentino I., 1954. 103 p. : il. N. registro: 32
- Coton, A.V.. The new ballet: kurt jooss and his work. London: Dennis Dobson, 1946. 156 p.: il.,fotos N. registro: 112
- Crisp, Clement. Thorpe, Edward. The colorful world of ballet. London : Octopus Book, 1980. 96 p. : fotos N. registro: 3
- Crosfield, Domini. Alford, Violet. Dances of Greece. 2. ed. London: Max Parrish, 1950. 40 p. : il. (Handbooks of European national dances) N. registro: 85
- Crowle, Pigeon. Tales from the ballet. London: Faber and Faber, 1995. 152 p.: il. N. do registro: 47
- Daguerre, Pierre. Le Marquis de cuevas. Paris: Denoel, 1954. 162 p. : retrs. N. registro: 51
- De Mille, Agnes. The dance in america. [United States] : United States Information Service, [1970?] 119 p. : fotos N. registro: 10

- De Mille, Agnes. [Dance to the piper.. Espanhol] Mi vida en la danza. Buenos Aires: Fabril, 1960. 361 p. : il. N. registro: 27
- Dominic, Zoe. Winkler-Betzendahl, Madeleine. John cranko und das stuttgarter ballet : 1961-1973. 4.auf. Germany : Gunther Neske> Pfullingen, 1978. 160 p.: fotos N. registro: 6
- Dufresne, Jean. Los estilos en el ballet : con 38 ilustraciones y bibliografía especializada. Buenos Aires: Anaquel, 1945. 199 p.+16 f. : fotos N. registro: 113
- Dumond, Theodor. El ballet : historia, evolucion y tecnica. Barcelona : Fama, 1954. 143 p. : il. N. registro: 52
- Duncan, Isadora. Minha vida. Rio de Janeiro : Jose Olympio, 1935. 322 p. : fotos N. registro: 117
- Ellmerich, Luis. Guia da música e da dança: com relação completa dos discos nacionais disponíveis. São Paulo: Boa Leitura, [1962.] 546 p. : fotos N. registro: 24
- Encontro de Escolas de Dança do Brasil (1. : 1962 set. 05-10 : Curitiba, SP) Magno, Paschoal Carlos. [Programa]... Curitiba: Universidade do Paraná, 1962. ca. 20 p. N. registro: 25
- Fisher, Hugh. Alicia Markova. London : A. & C. Black, 1954. 32 p. : fotos (Dancers of to-day ; n.6) N. registro: 53
- Fisher, Hugh. Festival ballet. London: A. & C. Black, 1953. 32 p.: fotos (Dancers of to-day ; n.4) N. registro: 59
- Fisher, Hugh. Margot Fonteyn. 2.ed. London : A. & C. Black, 1957. 32 p.: fotos (Dancers of to-day ; n.1) N. registro: 36
- Fisher, Hugh. Margot Fonteyn. London: A. & C. Black, 1953. 32 p.: fotos (Dancers of to-day ; n.1) N. registro: 60
- Fisher, Hugh. Michael Somes. London : A. & C. Black, 1955. 32 p. : fotos (Dancers of to-day ; n.7) N. registro: 48
- Fisher, Hugh. Moira Shearer. London : Adam and Charles Black, 1954. 32 p.: fotos (Dancers of to-day ; n.2) N. registro: 54
- Fisher, Hugh. The sadler's wells theatre ballet. London: A. & C. Black, 1956. 82 p. : fotos N. registro: 39
- Gabriel, John. Ballet school. London : Faber and Faber, 1951. 127 p. : fotos ESEF H 793.3:37 G118b 1951 N. registro: 75
- Garcia Jimenez, Francisco. El tango : historia de medio siglo: 1880-1930. 2.ed. Buenos Aires : Eudeba, 1965. 80 p.: fotos N. registro: 15
- Garcia Victorica, Victoria. El original ballet russe en américa latina. [Buenos Aires : A.J. Alvarez], 1948. 265 p. : fotos N. registro: 101
- Garcia, Angelica de Rezende. Nossos avós contavam e cantavam: ensaios folclóricos e tradições brasileiras. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1949. 191 p.: il. N. registro: 92

- Gasch, Sebastian. Diccionario del ballet y de la danza. Barcelona: Argos, [1960?] 368 p. : fotos N. registro: 28
- Giffoni, Maria Amalia Correa. Danças folclóricas brasileiras e suas aplicações educativas. 2.ed. Sao Paulo : Melhoramentos, 1964. 361 p.: il.,fotos N. registro: 20
- Gray, Felicity. Ballet for beginners. London : Phoenix House, 1952. 61 p.: il.,fotos N. registro: 69
- Hansen, Henny Harald. Histoire du costume. Paris: Flammarion, 1956. 160 p.: il. N. registro: 40
- Haskell, Arnold L.. The ballet annual: a record and year book of the ballet. London: Adam and Charles Black, 1947-1957. ---v.: fotos N. registro: 106
- Haskell, Arnold L.. [Ballet. Espanhol] Ballet. Buenos Aires: Lautaro: Pingüino, 1947. 200 p.: il N. registro: 105
- Haskell, Arnold L.. Baron at the ballet. London: Collins, 1951. 222 p.: fotos N. registro: 76
- Haskell, Arnold L.. Baron encore. London : Collins, 1955. 222 p.: fotos N. do registro: 49
- Haskell, Arnold L.. Baron's ballet finale. London: Collins, 1958. 192 p.: fotos N. do registro: 35
- Hazan, Fernand. Dictionnaire du ballet moderne. Paris: F.hazan, 1957. 360 p.: il., fotos N. do registro: 37
- Horst, Louis. [Pre-classic dance forms...Espanhol] Formas preclásicas de la danza. Buenos Aires :Eudeba, 1966. 128 p. : il. N.do registro: 13
- Humphrey, Doris. [The art of making dances... Espanhol] El arte de crear danzas. Buenos Aires : Eudeba, 1965. 203 p. : il. N. do registro: 16
- Ilupina, Anna. Lutskeya, Yelena. Umnov, Yevgeny. Moiseyev's dance company. Moscow: Progress, 1966. 36+107 p. : fotos N. do registro: 14
- Iuqui, Leda. Anotações de uma professora de ballet. Rio de Janeiro: G.T.L., [1960?] 55 p. N. do registro: 29
- Iuqui, Leda. Terminologia básica da dança clássica. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Cultura, 1963. 56 p. N. do registro: 23
- Karsavina, Tamara. Ferro, Hellen. Los ballets rusos: (mis memorias). Buenos Aires : Schapire, 1953. 227, 35 p.: fotos (Candilejas) N. do registro: 61
- Kersley, Leo. Sinclair, Janet. A dictionary of ballet terms. London : A. & C. Black, 1953. 96 p. : il. N. do registro: 62
- Kirstein, Lincoln. Haskell, Arnold L.. Deas, Stewart. Carnaval, le spectre de la rose and les sylphides. London : The Bodley Head, 1949. 40 p. : fotos (Sadler's wells ballet books ; n.4) N. do registro: 93
- Kirstein, Lincoln. Stuart, Muriel. The classic ballet : basic technique and terminology. London : Longmans, Green, 1953. 243 p. : il. N. do registro: 63

- Kochno, Boris. Le ballet. Paris : Hachette, 1954. 380 p. : il.,fotos N. do registro: 55
- Kriner, Dora. Ensayos sobre el ballet. Buenos Aires : Ricordi Americana, 1964. 176 p. : fotos N. do registro: 21
- Krokovover, Rosalyn. The new borzoi book of ballets. New York : A.A. Knopf, 1956. 334 p. : fotos N. do registro: 41
- Lang, Robert L.. Chauviré, Yvete. Le secret de la ligne par la danse : 6 leçons par 6 étoiles. Paris : Rester Jeune, 1948. ca. 60 p. : il. color. N. do registro: 102
- Laver, James. Children's fashions in the nineteenth century. London: B.t.batsford, 1951. ca.31 p. : il. N. do registro: 77
- Lawson, Joan. Laver, James. Keynes, Geoffrey. Howes, Frank. Job and the rake's progress. London: The Bodley Head, 1949. 48 p. : fotos (Sadler's wells ballet books ; n.2) N. do registro: 94
- Levinson, Andre. Picasso, Pablo Ruiz. Serge lifar : destin d'un danseur. Paris: Bernard Grasset, 1934. ca. 120 p. : fotos N. do registro: 118
- Lido, Serge. Ballet. Paris : Max Fourny, 1951-1958. 8 vol. : fotos N. do registro: 78
- Lido, Serge. La danse. Paris : Revue Internationale D'Art Dramatique, 1949. 108 p. : fotos N. do registro: 95
- Lido, Serge. Les ballets americains: de ruth page, bentley stone, jose limon. Paris: Ureau des Concerts de Paris, [1960?] [60 p.] : fotos N. do registro: 30
- Lidova, Irene. 17 visages de la danse francaise : 80 fotografies de Serge Lido. Paris : Art et Industrie, 1953. 64 p. : fotos N. do registro: 64
- Lifar, Serge. [La danse.. Espanhol] La danza. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1947. 294 p.: il N. do registro: 107
- Lifar, Serge. Traité de chorégraphie. Paris : Bordas, 1952. 231 p. : il., fotos N. do registro: 70
- Lifar, Serge. Traite de danse academique. Paris: Bordas, 1994. 226 p. : il., fotos N. do registro: 85
- Love, Paul. [Modern dance terminology..Espanhol] Terminologia de la danza moderna. Buenos Aires: Eudeba, 1964. 132 p. N. do registro: 22
- Lvov-Anokhin, B.. Galina Ulanova. Moscow : Foreign Languages Publishing House, 1956. 111 p. : fotos N. do registro: 42
- Malvern, Gladys. [Danging star: the story of Anna Pavlova.. Portugues] Ana Pavlova : a estrela dansarina. Rio de Janeiro : O Cruzeiro, 1944. 303 p. : il. N. do registro: 115
- Martin, John. World book of modern ballet. Cleveland: World Publishing, 1952. 191 p.: fotos N. do registro: 71
- Michailowsky, Pierre. A dança e a escola de ballet. Rio de Janeiro : MEC. Serviço de Documentação, 1956. 174p. : il. N. do registro: 43

- Michaut, Pierre. Histoire du ballet. Paris: Presses Universitaires de France, 1948. 128 p.
N. do registro: 103
- Migdoll, Herbert. Dancers dancing. New York : Harry N. Abrams, 1978. 61 p.: fotos N. do registro: 7
- Mocidade Portuguesa Feminina. Danças regionais. Lisboa: [Comissariado Nacional da M.P.F., 1950?] [49] p. : il. N. do registro: 86
- Nijinsky, Romola. Cruls, Gastão. Nijinsky. 2.ed. São Paulo, SP : Jose Olympio, 1948. 351 p.
N. do registro: 104
- Ossona, Paulina. La educacion por la danza : enfoque metodologico. Buenos Aires : Paidós, 1976. 180 p. : il. (Biblioteca del educador contemporaneo ; 7) N. do registro: 8
- Oulanova, Galina. Ballets soviétiques. Paris : Cercle D'Art, 1954. 64 p.: fotos N. do registro: 56
- Puig Claramunt, Alfonso. Ballet y baile espanol : guia tecnica, sumario cronologico y analisis contemporaneo. 2.ed. Barcelona : Montaner y Simon, 1951. 417 p.: fotos
N. do registro: 79
- Regner, Otto Friedrich. [Das neue balletbuch... Espanhol] El nuevo libro del ballet. Buenos Aires : Eudeba, 1965. 279 p. N. do registro: 17
- Reyna, Ferdinando. [Histoire du ballet.. Alemão] Das buch vom ballet. [Alemanha]: Bertelsmann Lesering, [1965]. 256 p. : il., fotos N. do registro: 18
- Reyna, Ferdinando. [Histoire du ballet.. Espanhol] Historia del ballet. Madrid : Daimon, Manuel Tamayo, [1965?]. 255 p. : il.,fotos N. do registro: 19
- Reynolds, Nancy. Reimer-Torn, Susan. In performance : a companion to the > classics of the dance. New York : Harmony Books, 1980. 243 p. : fotos N. do registro: 4
- Rosay, Madeleine. Dicionario de ballet. 3.ed.rev.aum. Rio de Janeiro : Nordica, 1980. 167 p. : il. N. do registro: 5
- Sachs, Curt. [Eine weltgeschichte des tanzes.. Espanhol] Historia universal de la danza. Buenos Aires : Centurion, 1944. 505 p.: fotos N. do registro: 116
- Sakharoff, Alejandro. Reflexiones sobre la danza y la musica. Buenos Aires : Emece, 1949. 91 p. N. do registro: 97
- Salazar, Adolfo. La danza y el ballet: introduccion al conocimiento de la danza de arte y del ballet. 3.ed. Mexico : Fondo de Cultura Economica, 1955. 263 p. : il.,fotos N. do registro: 50
- Schaden, Egon. Mussolini, Gioconda. Belmonte. Povos e trajes da america latina. São Paulo: Melhoramentos, [1950?] 69 p. : il. color. N. do registro: 87
- Severn, Merlyn. Sadler's wells ballet at covent garden. London : John Lane, 1947. 80 p.: fotos N. do registro: 108

- Sheremetievskaya, Natalia. Descubrimiento de la danza : Conjunto Estatal Academico de Danzas Populares de la URSS, dirigido por Igor Moiseev. URSS : Novosti, [1970?]. 136 p. : fotos N. do registro: 11
- Sitwell, Sacheverell. Newton, Joy. Karsavina, Tamara. Hussey, Dyneley. The sleeping beauty. London: The Bodley Head, 1949. 56 p.: fotos (Sadler's wells ballet books ; n.1) N. do registro: 98
- Slonimsky, Yuri. The bolshoi ballet: notes. 2.ed. Moscow : Foreign Languages Publishing House, 1960. 177 p. : fotos N. do registro: 31
- Sucena, Eduardo. A dança teatral no Brasil. Rio de Janeiro : MEC, : Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1988. 497 p. : fotos N. do registro: 1
- Tugal, Pierre. Legrand, Lucien. La danse classique sans maitre. Paris : Theatrale, 1956. 109 p. : il. N. do registro: 44
- Upton, George P.. Borowski, Felix. [The standard concert guide... Portugues] O livro das grandes sinfonias. Rio de Janeiro: Globo, 1949. 435 p.: fotos N. do registro: 99
- Vaganova, Agrippina. Las bases de la danza clasica. Buenos Aires : Centurion, 1945. 272 p.: il. N. do registro: 114
- Vaillat, Léandre. Duval, Jean Charles. Ballets de l'Opera de Paris : (ballets dans les operas-nouveaux ballets). Paris: Compagnie Francaise des Arts Graphiques, 1947. 188 p. : il. N. do registro: 109
- Van der Ven-Ten Bensel, Elise. Alford, Violet. Dances of the Netherlands. London: Max Parrish, 1949. 40 p. : il. N. do registro: 100
- Vietta, Egon. La danza en alemania. Darmstadt : Neue Darmstadter, 1956. 79 p. : fotos N. do registro: 45
- Wilde, Nina. Handbook of the square dancing at sigh : step by step in action photographs. London : G. Bell, [1950?] 38 p. : fotos N. do registro: 88
- Wood, Roger. The theatre ballet of Sadler's Wells : in photographs. London : Phoenix House, 1952. 32 p. : il. N. do registro: 72
- Yankelevitch, Vladimir. Ravel : el musico y su obra. Buenos Aires: Losada, 1951. 195+17 p. : fotos N. do registro: 80

APÊNDICE D - SUBSÍDIOS PARA UMA POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO DO ACERVO HISTÓRICO – BASEADO EM ANA VIRGÍNIA PINHEIRO (2011)

O Acervo Histórico é um cartão de visitas da Biblioteca Edgar Sperb.

Para elaborar o documento é necessário que se tenha vários dados, como: o estado atual da coleção, seus pontos fortes e fracos, a comunidade a ser servida e recursos disponíveis para sua conservação.

A política deverá ser um documento completo, onde se apresentam diretrizes para as decisões a respeito da coleção, deixando o mínimo de coisas possível sem previsão - quando então a(o) bibliotecária(o) ou comissão – terá que tomar uma decisão específica e após essa decisão, esta fará parte da PDC. Esse documento deve ser suficientemente flexível e dinâmico para admitir essas inclusões, modificações ou correções.

Essa política deverá informar sobre:

- Que material fará parte da coleção (tanto em termos de conteúdo quanto de formato, incluindo a política da biblioteca para acesso aos materiais cuja posse não lhe é de interesse);
- Quando e sob quais condições este material poderá ingressar no acervo (políticas de seleção e aquisição);
- Quais necessidades específicas e quais parcelas da comunidade ele deve atender (incluindo-se os métodos para obtenção dessas informações – estudo de usuários);
- Como será avaliada a importância do material para a biblioteca, uma vez incorporado à coleção (métodos para avaliação da coleção);
- Quando e sob quais condições ele será retirado do acervo (políticas de remanejamento e descarte);
- Além disso, deverá constar quem será o responsável pela tomada de decisões previstas e estipuladas na PDC, ou seja, se somente a(o) bibliotecária(o) é quem decide ou se estas decisões serão tomadas em conjunto com grupo formalmente instituído para este fim (comissão de seleção).

Conforme Ana Virgínia Pinheiro (2011), na criação dessa política, também se deve levar em conta:

Valor econômico – a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2001) subdivide esse valor em:

- Valor comparativo – o valor do bem ou das partes que o constituem é obtido através da comparação de dados de mercado, relativos a outros de características similares;
- Valor de custo – o valor do bem resulta de orçamento para determinação do valor de “reposição” daquele bem ou através de composição de custos de outros bens equivalentes.

Valor de Seguro:

- Qualquer das formas de valoração indicadas deve ser acrescida de percentual, qualificado como “valor cultural” (sentido histórico) e “valor de memória” (sentido patrimonial) em função da coleção que o item integra e da responsabilidade da biblioteca em que se insere.
- O valor patrimonial é reconhecido quando um item avaliado compõe uma coleção considerada indissolúvel e quando cada unidade dessa coleção só tem sentido como parte dela ou, ainda, quando o item apresenta características de inquestionável raridade;
- Valor de compensação, não é valor de reposição, pois não tem como encontrar outro.

Preço do Livro:

- O valor monetário de um livro raro, o preço expresso em números em laudo formalizado, a partir da consideração dos valores descritos, qualquer que seja a moeda, será sempre um “valor inicial”, no mercado;
- Nenhuma avaliação poderá prescindir do exame material do item por profissional habilitado, com conhecimentos específicos de bibliografia e bibliologia, com pleno domínio do estado da arte, da História do Livro e das Bibliotecas, e ciente das contingências que podem afetar, para menos ou para mais, o valor monetário expresso para um item.

GESTÃO OU CURADORIA DO ACERVO HISTÓRICO

Para definir quem pode consultar as obras, redução de acesso (manuseio e consulta), prolongar a vida dos materiais, organizar exposições de curiosidades, entre outras coisas. Gerência Especial para Coleção Especial deverá dar condições de salvaguarda, climatização, manutenção, cofres.

A pessoa responsável pela gestão deverá:

- Posicionar-se para proteger a coleção e qualquer material - quem entra ou trabalha no AH - (profissionais, estagiários, prestadora de serviços);
- Fechar acervo para livre acesso;
- Exposições para angariar fundos para higienização e digitalização – dar visibilidade (trocar por equipamentos necessários);
- Maioridade para usar – AH (assim podem responder judicialmente);

Conservação – Procedimentos

- Somente manusear material com luvas;
- Guarda de Livros nas estantes – afastar das bordas de 2 a 3 dedos para dentro – fazer uma aba para evitar poeira;
- Não colocar couro junto a couro (doença do vermelho) – tem que hidratar o couro, fazer cartões para separar capas em couro, papel neutro e espesso.
- Amarrar conjunto de folhas ou periódicos - 2,5 cm de largura com cadarço – laço para fora ou para fundo (não deixar no meio para evitar marcas).
- Omissão ou redução de assuntos na catalogação – provoca manuseio (browsing);
- Restaurar somente os em melhor estado – dar uma sobrevida maior – depois do restauro perde valor.
- Restaurar material sec. XIX jogar dinheiro fora – (recomendação da IFLA);
- Conservar para não restaurar!
- Ações de conservação – massiva ou pontual (na BN 3 x semana parte da manhã pessoa higieniza material);
- Qualquer reforma ou alteração do AH deverá ser consultada – evitar poeira, química, umidade, etc.

- Padrões de acondicionamento - caixinha de papel neutro - Vergé 120g (não usar Couché, pois tem gesso, dilui a cola do livro);
- Retirar marcas de etiquetas quimicamente;
- Pessoal especializado em conservação – somente pessoal capacitado para prestar serviços;
- Encadernação não é capa – não a substituir é uma segurança – não eliminar capa original;
- Sistema decimal – não recomendável para localização de acervo de memória, pois tem que mover todo acervo sempre que entrar novo material (fixa);
- Organizar numericamente por ordem de chegada.
- Quarentena – recebimento, descontaminação, higienização;
- Higienização do local com pessoal treinado;
- Higienização do material por pessoal especializado;

Empréstimo ou Saída de Material

- Metodologia de inventario – (baseado na BN);
- Documento próprio, a ser assinado, para empréstimo local – usuários externos;
- No empréstimo não sai material sem revisar folha a folha – anotar número de figuras que podem não estar paginadas;
- Na devolução, também revisar folha a folha;
- Saída de material para digitalização em envelope - da Biblioteca direto para CEME;
- Na digitalização – o que estiver em pior estado (já dobrado);
- Somente manusear com luvas e máscaras – (contaminação);
- Investir em equipamentos e pessoal especializado para digitalização;
- Digitalizar somente aquilo que for solicitado (Política de Restauro/Conservação).
- Dirigir doações – desfazimento;

Estrutura da Biblioteca – Segurança

- Planta baixa dos equipamentos – onde estão (mesas, computadores, extintores, cozinha, cafeteira, geladeira, etc.);
- Mesas de higienização – são 220 V;
- Convivência – é área de risco – tomada exclusiva para cafeteira, etc. Sempre retirar o ‘lixo’ do dia, à noite deixar fora da biblioteca;
- Calcular peso suportado por cada estante – BN calcula 1 ton por estante;
- Estantes com gavetas, etc. para guardar materiais especiais;
- Anotar o nº localização no alto com lápis – 6B
- Espaço físico também é critério para selecionar material;
- Rever valores do AH – atualizar pesquisa de preços;
- Colocar livros grandes juntos – facilita planejamento de estantes;
- O livro cresce à medida que desce – segurança e estética;
- Manual de procedimentos de consulta – uso de EPI, lápis, fotografias, etc;
- Localização fixa – recurso de segurança e conservação – pois se vê mais claramente o vão que fica;
- Conhecer leiloeiro, comerciante, colecionador – quem tem interesse em OR nas proximidades (risco e informação);
- Colecionador ≠ Bibliófilo;
- Delegacia de Patrimônio em Porto Alegre (informações e registros de obras);
- Promover o AH na própria ESEF e UFRGS – exposições e catálogos;
- Guia de coleções (fazer para cada coleção do AH);
- Colocar “fantasma” (falso livro – isopor, etc.) para saber local exato da obra retirada para controle de trânsito.

Acesso ao AH ou ao material do AH

- Restrição – somente pessoas autorizadas (profissionais, bolsistas, prestador de serviços);
- Catalogação exaustiva, evitar que usuário tenha que adentrar;

- Normas de acesso ou pesquisa: maior de 18 anos, preencher documentos, RG, etc. (pode-se até tirar fotos);
- Colocar um exemplar para o acervo corrente para consulta livre;
- Usuário - carta de apresentação da instituição do pesquisador;
- Usuário – somente usar lápis 6B – disponibilizar;
- Disponibilizar luvas descartáveis e máscaras para usuários também.

A formação de uma Comissão específica é muito importante, esta poderá ser formada por bibliotecárias, usuários, docentes e gestor maior da instituição para dar legitimidade. Não deve haver hierarquia nessa comissão, para que as decisões referentes ao Acervo Histórico tenham múltiplos olhares.

APÊNDICE F – FICHA DE AVALIAÇÃO

CRITÉRIOS DE RARIDADE	
LIMITE HISTORICO - LH	
Período que caracteriza uma fase histórica –	
ASPECTOS BIBLIOLÓGICOS - AB	
Beleza tipográfica	
Edição de luxo	
Encadernação luxuosa	
Marcas d'água	
VALOR CULTURAL - VC	
Edições de artífice renomado	
Edições com textos de pessoa renomada (prefácio, introdução, etc.)	
Edições comemorativas	
Edições de clássicos	
Edições esgotadas	
Edições limitadas	
Edições numeradas	
Edições personalizadas	
Obras desaparecidas	
Obras impressas em circunstâncias pouco convenientes a esta arte	
PESQUISA BIBLIOGRÁFICA - PB	
Curiosidade	
Preciosidade	
Rareza	
Unicidade	
Valor	
Características do exemplar	
Anotações manuscritas	
Dedicatória do autor	
Dedicatória do proprietário	
Dedicatória para pessoa	
Marcas de artífices/comerciantes renomados	
Marcas de propriedade <i>super libris</i>	
TIPOS DE ILUSTRAÇÕES - TI	
Desenhos	Ilustrados
Estampas	Litografias
Fotografias	Reproduções
Gravuras	Retratos
Ilustrações fac-similares	